Felizes

Illustração Brasileira

NUM. 97

ANNO IX

PREÇO
5$000

SETEMBRO
1928

Illustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164

Teleph. Norte, 5402 — End. Telegr. "OMALHO" — RIO

CAIXA POSTAL 880

Grande premio na Exposição Internacional do Centenario em 1922

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

Directores: ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

DIRECTOR-GERENTE: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Succursal em São Paulo

RUA SENADOR FEIJÓ N. 27 — 8º andar, salas 86 e 87

Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um anno, 60$000; Seis mezes, 30$000. Para o Estrangeiro — Um anno, 80$000; não ha assignaturas de semestre. — Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo Correio sob registro.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164. Collaboração literaria, artistica ou photographica, ao director-secretario, DR. ALVARO MOREYRA.

MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

ESTABELECIDA EM 1810

LONDRES

ESPECIALIDADES EM

BRILHANTES FINOS DO BRASIL

E DO CABO, SAPHIRAS DO

ORIENTE, PEROLAS, ETC.

NOVIDADES

PARA PRESENTES EM

PRATA DE LEI — OURO — CRYSTAL

BRONZE — MARFIM — MARROQUINARIA,

FABRICANTES

DA AFAMADA "PRATA PRINCEZA"

O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE

PARA

TRAVESSAS, TALHERES, ETC.

MAPPIN & WEBB

100, OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

28, RUA 15 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET, 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.)	5$000
O ANNEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte	2$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Marianno	5$000
COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra	4$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Pennafort	5$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva	5$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Serro	5$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya	5$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu	3$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO de Roberto Freire (Dr.)	18$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925, de Vicente Piragibe	6$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição)	5$000
COMO ESCOLHER UMA BÔA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.)	4$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor	5$000
INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe	10$000
TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho	8$000
ESPERANÇA — epopéa brasileira, de Lindolpho Xavier	8$000
APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel da Franca S. J. — cart.	6$000
CADERNO DE CONSTRUCÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva	2$500
QUESTÕES DE ARITHMETICA, theoricas e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré	10$000
INTRODUCÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1.º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda, broch 16$, enc.	20$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, de Raul Leitão da Cunha (Dr.), Prof. Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35$000, enc.	40$000
O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.	18$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch.	18$000
THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart.	6$000
HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.), 1 vol broch.	5$000
TRATADO DE OPHTHALMOLOGIA, de Abreu Fialho (Dr.), Prof. Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1.º e 2.º tomo do 1.º vol., broch. 25$ cada tomo, enc. cada tomo	30$000
DESDOBRAMENTO, de Maria Eugenia Celso, broch	5$000
CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.	4$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R Vasconcellos. cart.	10$000
Dr. Renato Kehl — **BIBLIA DA SAUDE**, " " " enc.	14$000
" " " **MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA**, broch.	6$000
" " " **EUGENIA E MEDICINA SOCIAL**, broch.	5$000
" " " **A FADA HYGIA**, Enc.	4$000
" " " **COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO**, enc	5$000
" " " **FORMULARIO DA BELLEZA**, enc.	14$000

Lendo o semanario

"PARA TODOS"...

acompanhareis a vida elegante e intellectual do Rio, de S. Paulo e de todos os grandes centros brasileiros. Constantes informações illustradas das capitaes européas.

ASSIGNATURAS

12 MEZES... 48$000 -- 6 MEZES... 25$000

Pedidos á Sociedade Anonyma "O MALHO"

RUA DO OUVIDOR, 164 -- RIO DE JANEIRO -- CAIXA POSTAL N. 880

1929

CINEARTE-ALBUM

teve cinco EDIÇÕES ESGOTADAS EM 5 ANNOS SEGUIDOS, por ser a mais luxuosa e artistica publicação annual cinematographica do Brasil.

ESTÁ SENDO ORGANIZADA A EDIÇÃO DE 1929, COM CENTENAS DE RETRATOS DE ARTISTAS DOS DOIS SEXOS E MAIS 20 DESLUMBRANTES
—— TRICHROMIAS ——

FAÇA DESDE JÁ O PEDIDO do seu exemplar desta luxuosissima publicação, enviando-nos 9$000 em carta registrada, em vale postal, em cheque ou em sellos do correio.

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

RUA DO OUVIDOR, 164 — RIO

S e n h o r a
ANNA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA
R a i n h a d o s E s t u d a n t e s

D e s e n h o
d e
Orozio Belem

RIO DE JANEIRO — SETEMBRO DE 1928 ANNO IX — NUMERO 97

CRENÇA

Nasci na crença de que o mundo não é só materia e movimento, os factos moraes acaso ou méro producto humano. O estudo e o tempo não me convenceram de que as leis do cosmos sejam incompativeis com uma causa suprema, de que todas as causas dependem. Já agora morrerei como meus paes, abençoando, no quinhão de bem que nos toca, uma dadiva divina. A despeito da sua indifferença, o povo brasileiro não pensa de outro modo. E eu, embora zombe de mim a flor dos intellectuaes, sinto-me bem, aqui, de me ver confundido com o vulgo.

RUY BARBOSA

TUDO NOS UNE

NADA NOS SEPARA

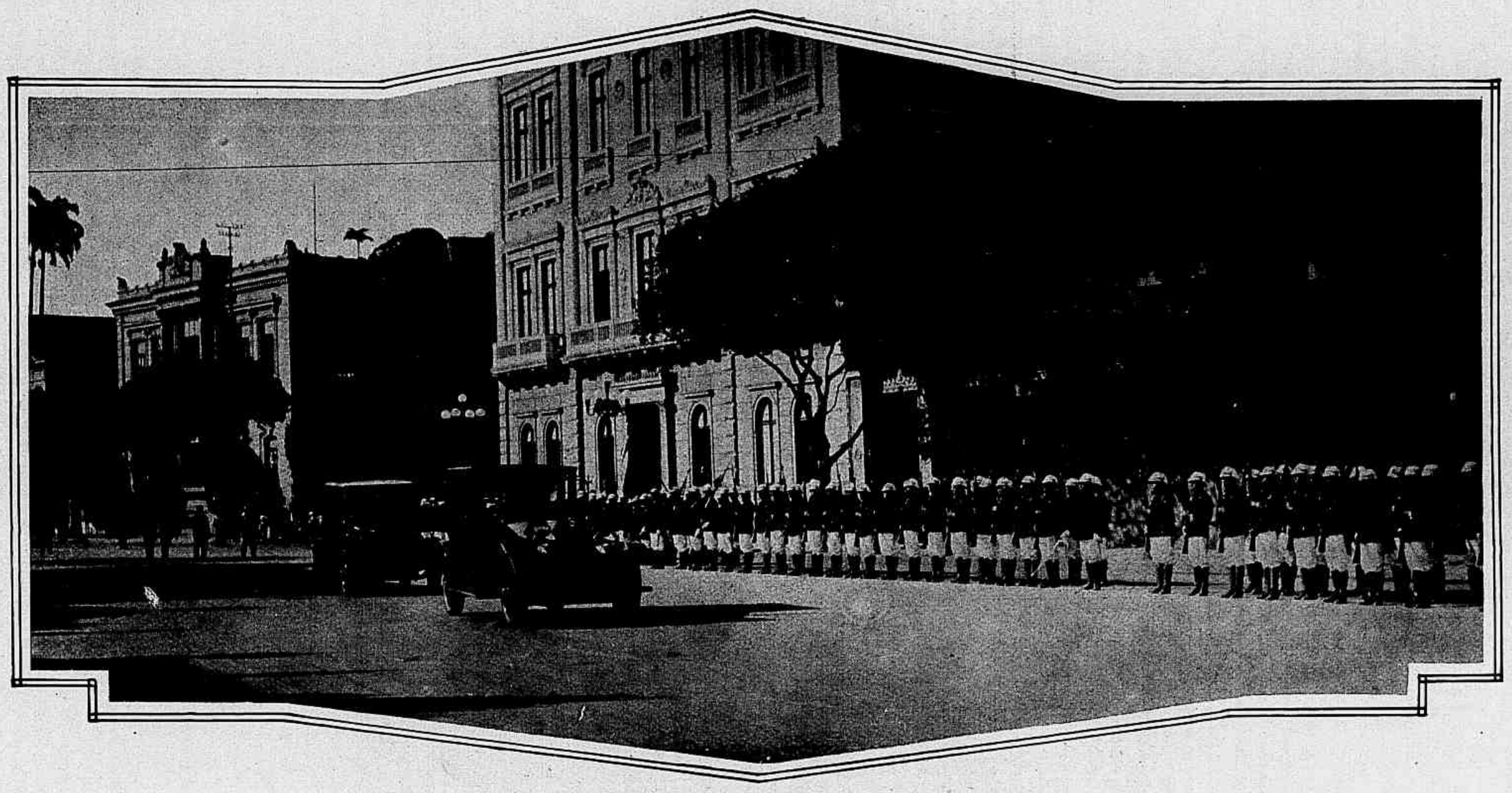
O senhor Presidente da Republica com o senhor Embaixador Argentino no dia 27 de Agosto de 1928.

CEM ANNOS DE PAZ

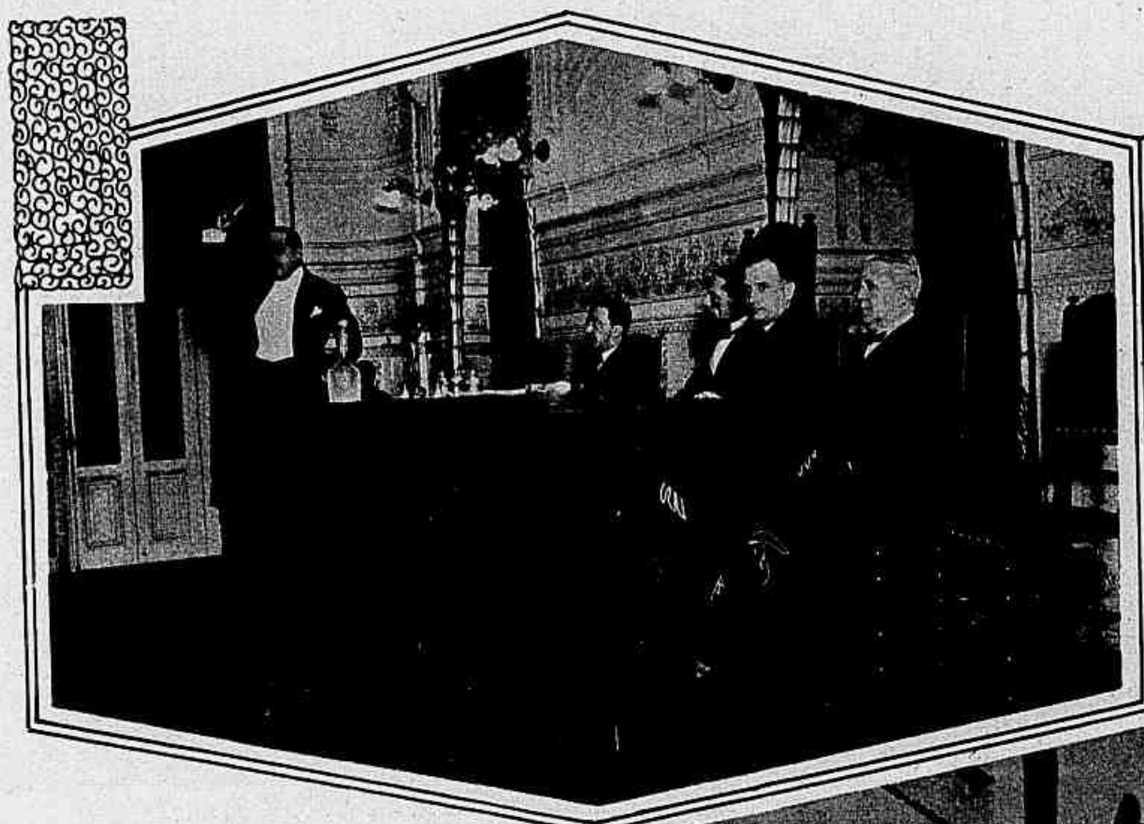
1828

1928

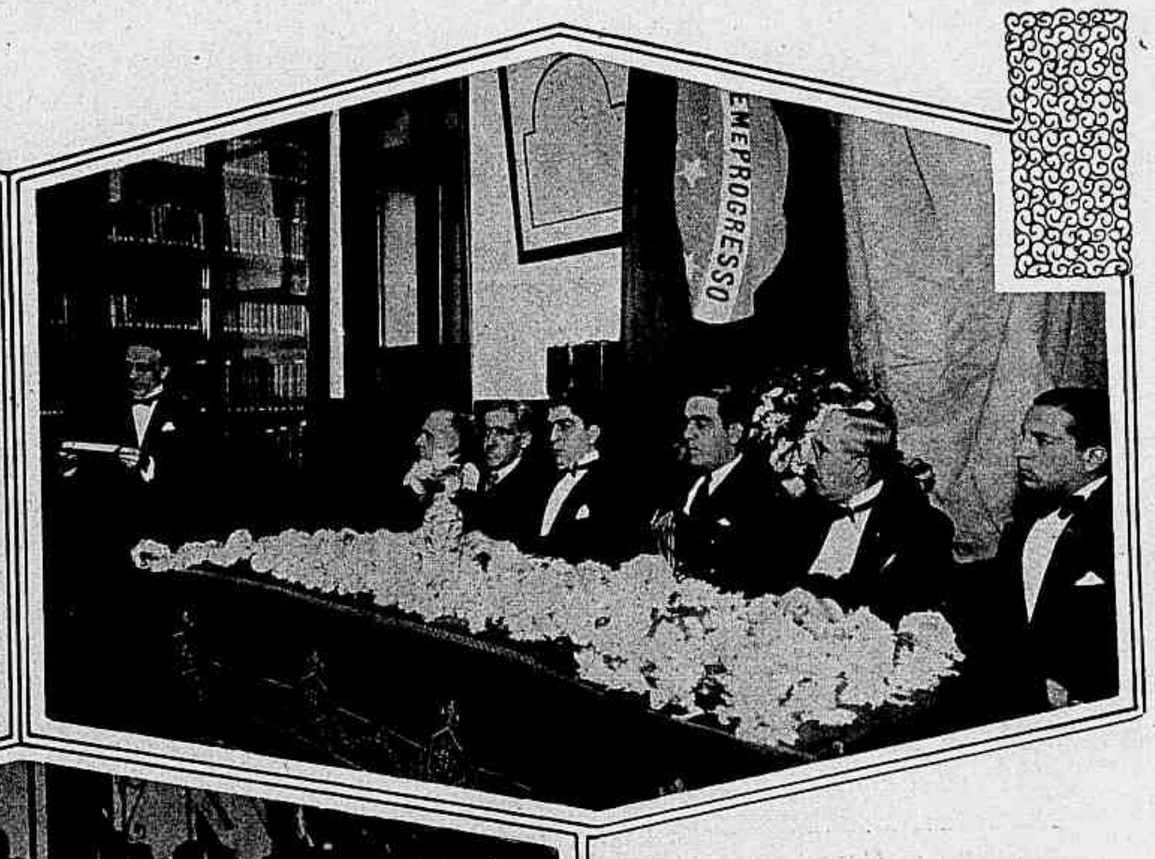
O senhor Móra y Araujo, Embaixador da Republica Argentina, sahindo do Palacio do Cattete depois dos cumprimentos ao Chefe do Governo do Brasil quando foi o centenario do tratado de paz entre as duas nações.



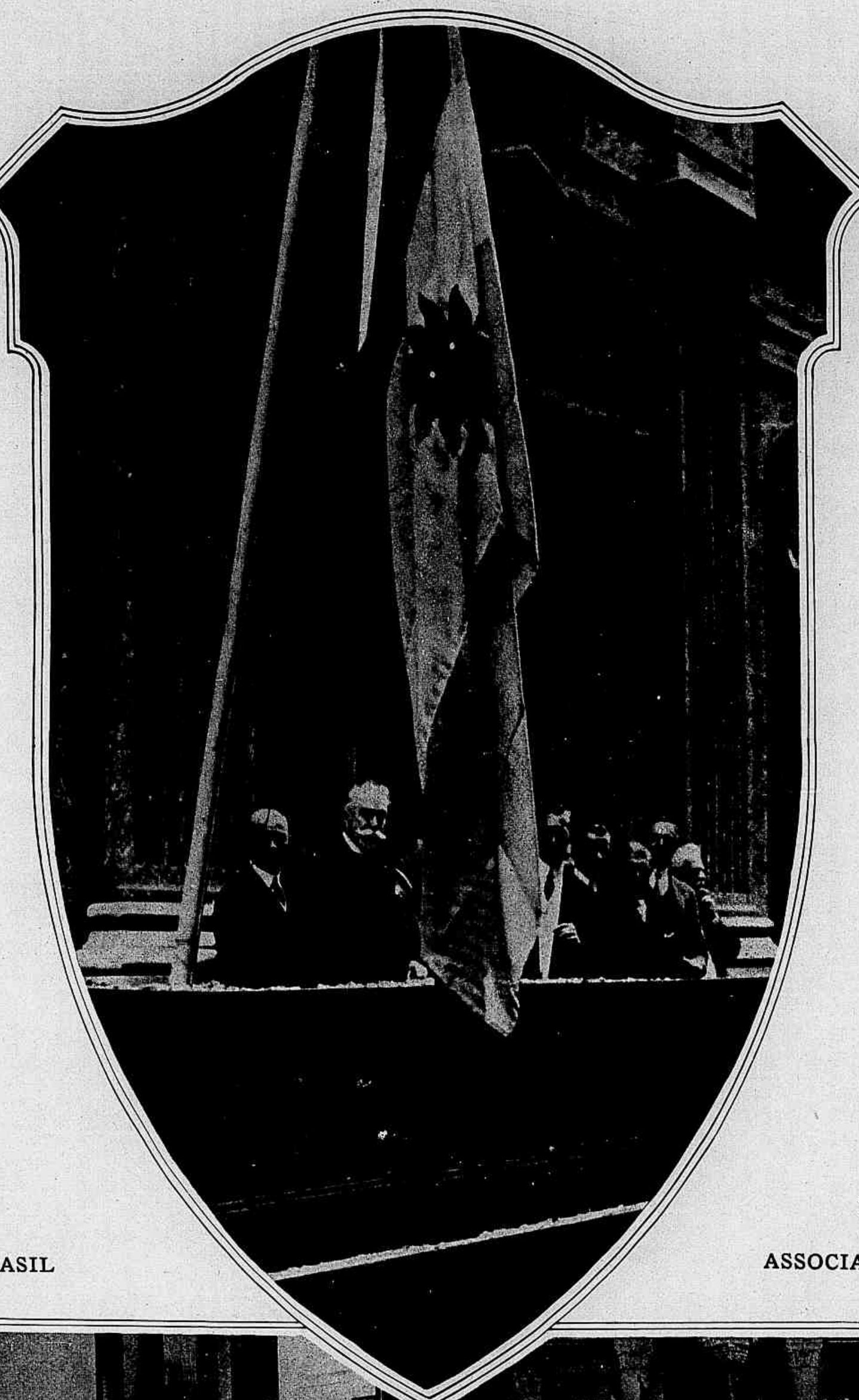
Continencias do Exercito Brasileiro ao Embaixador da Republica Argentina, em frente ao Palacio da Presidencia da Republica Brasileira.



Na Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro. Discurso do senhor Raphael Pinheiro sobre a grande data que é das mais bellas da America do Sul.



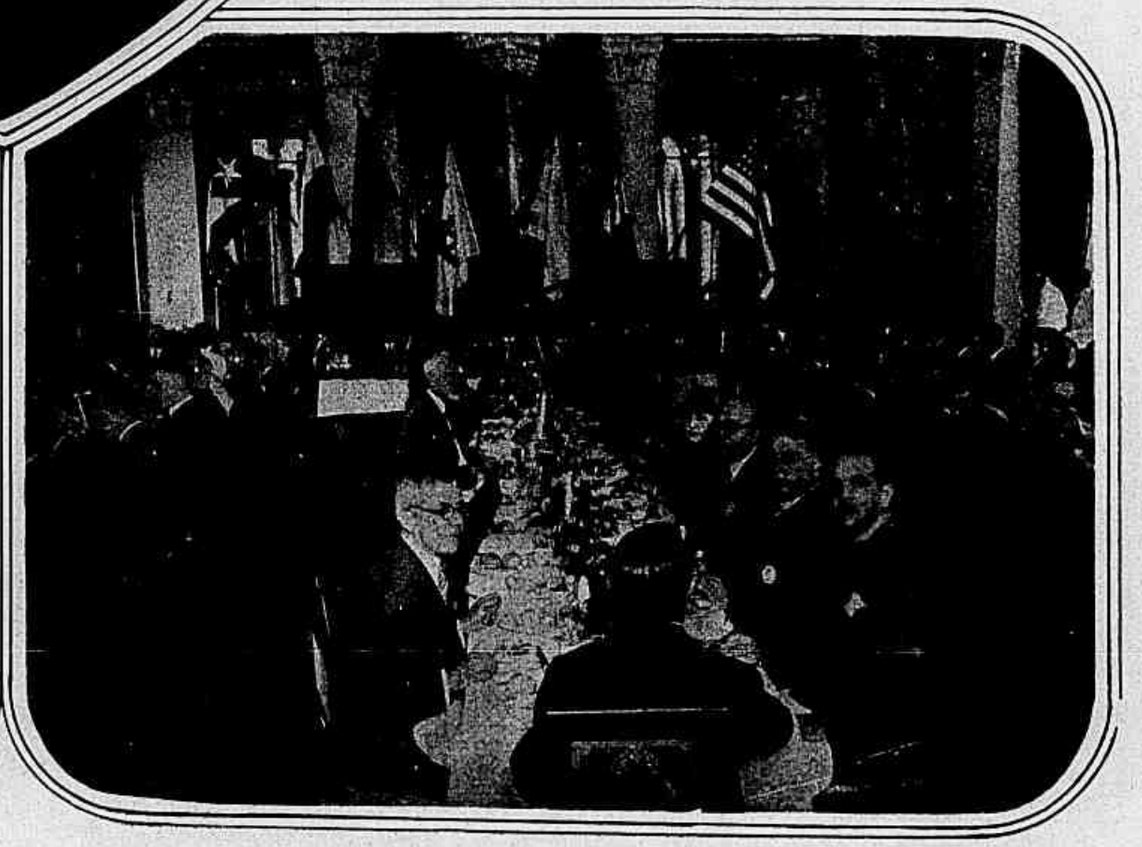
Discurso do senhor Barbosa Lima Sobrinho na Associação Brasileira de Imprensa. Em baixo, alumnas das escolas Municipaes em visita á Embaixada do paiz irmão.



CENTENARIO
DA PAZ
ENTRE A
ARGENTINA E O BRASIL

A BANDEIRA
ARGENTINA
HASTEADA NA
ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

NA ASSOCIAÇÃO
COMMERCIAL



ALMOÇO DO
ROTARY CLUB

Caxambú

Por
Leoncio Correia

A principio era a matta e o atoleiro; depois a matta se fez jardim e o atoleiro se mudou em cidade saneada e limpa. E hoje é um recanto paradisiaco. Trecho suave de terra, abençoado por Deus Nosso Senhor, e que é um convite para o corpo e uma seducção para o espirito.

Caxambu' é assim... Vejam esse rincão repousado e tranquillo, esse doce e florido seio de Abrahão, através das photographias que nestas linhas se encastoam. Vejam-n'o dessa maneira os que o não conhecem. Que os que o visitaram um dia, tanto o trazem no pensamento e no coração, que não ha resistir revel-o annualmente, quando o sol por aqui escalda e nos transfórma os póros em olhos d'agua continuos.

Por lá andei, e lá concertei esta "machina admiravel confiada a um machinista louco, que é o corpo humano". Sou grato á Caxambu'. E com que saudade recordo os dias serenos que ahi passei! Era um viver entre flores. Todas as manhãs — que o sol então se portou como gente de bem — sob o pallio azul de um lindo céo, lá me ia em aspirar perfumes no Parque das Aguas, e lavar todos os complicados desvãos deste complicado machinismo humano.

Mas, foi por uma tarde — uma tarde laranja-ouro, e tão bella! por signal — que me desceram do cerebro e me subiram do coração estes insulsos quatorze versos:

NO PARQUE DAS AGUAS

A' sombra destas arvores medito:
Que santas aguas! que bemdita terra!
Derivam ellas do alcantil da serra
Ou vêm do céo, do seio do infinito?

Aqui guarece o coração afflicto,
E da alma a hypocondria se desterra;
Aqui essa incessante e crúa guerra
Da morte contra a vida é quasi um mytho.

Estas aguas — meu Deus! — têm tal virtude
Que, em se as bebendo aqui, se recupera
A gloria da alegria e da saude:

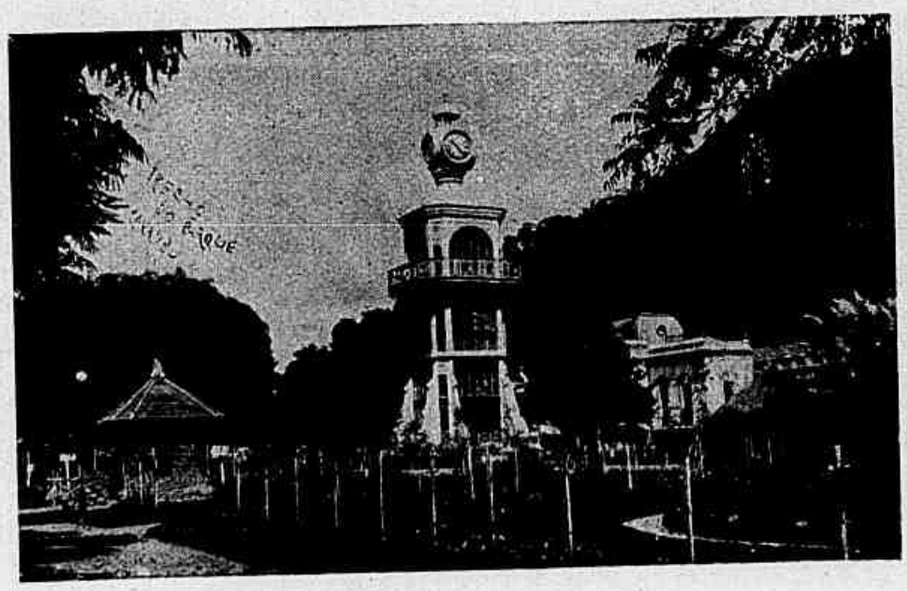
Regressa aos labios o esplendor do riso,
E como que se gosa a primavera
Que ha nos jardins em flôr do paraiso.

As aguas mineraes de Caxambu', de tão agradavel sabor, de tão maravilhosas propriedades curativas, de tal fórma estimulam e depuram o organismo, que a gente chega lá com 80 annos e volta, agil e risonho, restaurado de forças e de energia, com 30 floridas primaveras.

Não custa o experimentar, Setembro sorri pela bocca das flores e fala pela palpitação dos astros. Caxambu' lá está, de braços acolhedores, — braços de cujas extremidades pendem dois trevos de cinco folhas, trevos tão milagrosos, que fazem a delicia dos curados por elles e a damnação dos que lhe invejam o prestigio do philtro mysterioso...

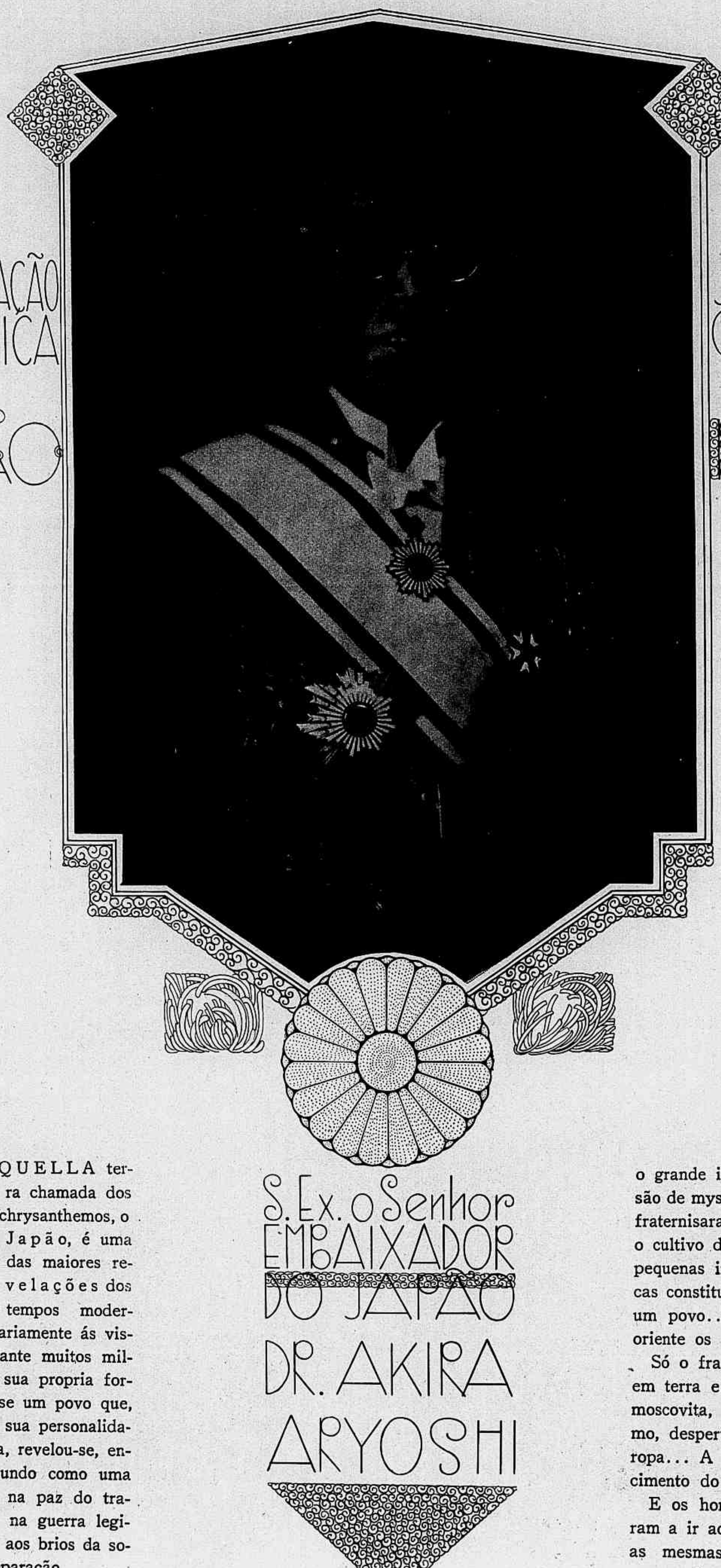
Caxambu' é uma dama fascinante. Faz-nos sentar, serve-nos excellentes refeições, offerece-nos reuniões dansantes todas as noites, horas artistico-literarias a quando e quando, e, por fim, nos devolve ao penoso labor da vida amarga com alguns sonhos a mais e algumas desillusões a menos.

Pois terra, que de taes prendas é dona, consegue se fazer esquecer? Esquecel-a seria augmentar o numero dos peccados mortaes.



NO PARQUE DE CAXAMBÚ

REPRESENTAÇÃO DIPLOMATICA DO JAPÃO JUNTO AO GOVERNO DO BRASIL



S. Ex. o Senhor EMBAIXADOR DO JAPÃO DR. AKIRA ARYOSHI

AQUELLA terra chamada dos chrysanthemos, o Japão, é uma das maiores revelações dos tempos modernos. Fechada voluntariamente ás vistas occidentaes, durante muitos millenios trabalhou na sua propria formação, constituindo-se um povo que, como poucos, tem a sua personalidade. Esta conseguida, revelou-se, então, ao resto do mundo como uma grande nação, forte na paz do trabalho fecundo como na guerra legitimada pela affronta aos brios da soberania que exige reparação.

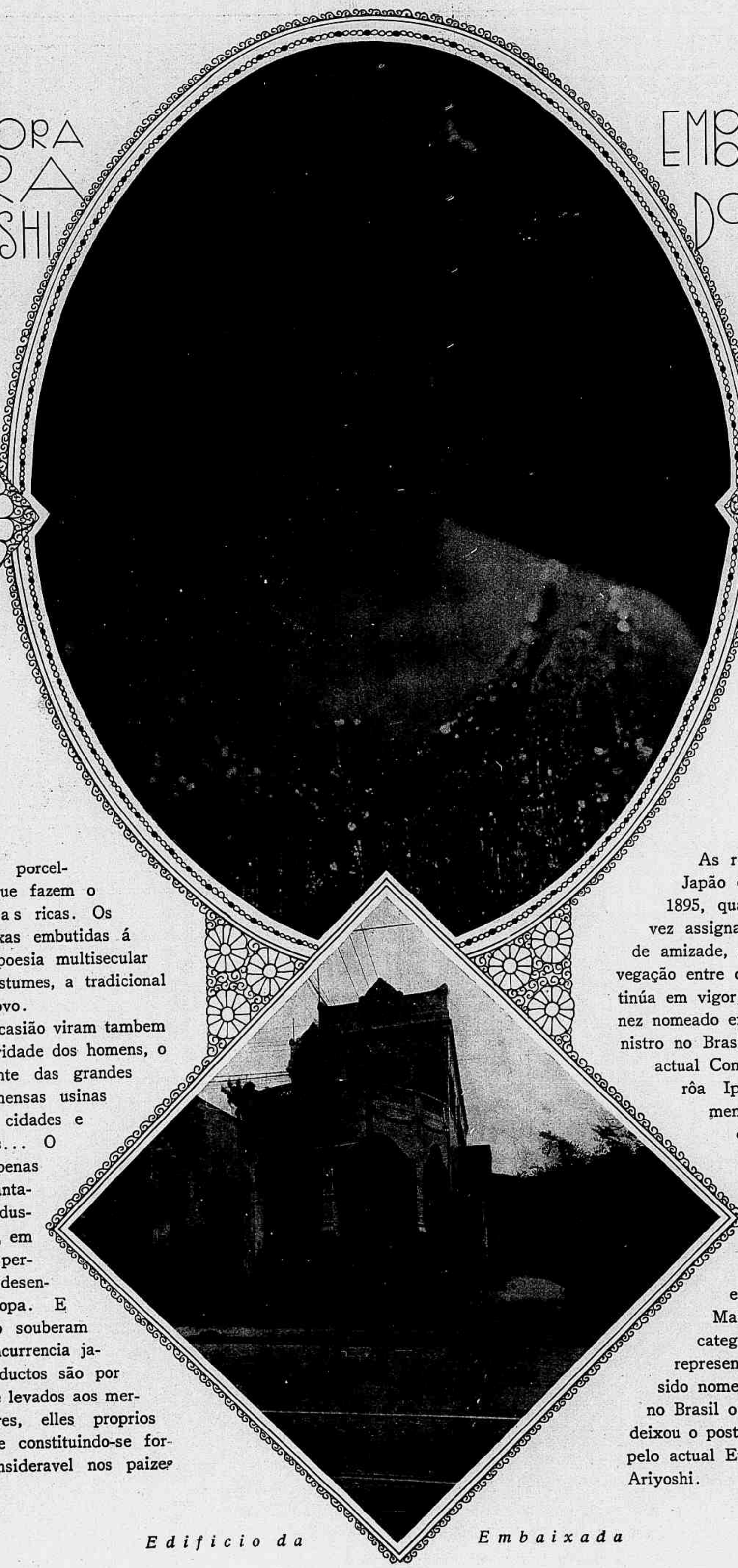
Antes, os europeus consideravam o grande imperio asiatico uma mansão de mysterio, onde os dragões confraternisaram com os homens; onde o cultivo das flôres e a bizarria das pequenas industrias e artes domesticas constituiam toda a civilização de um povo... E só poetas viam no oriente os sonhadores do occidente...

Só o fragôr do canhoneio japonez em terra e aguas do antigo imperio moscovita, abalando-lhe o absolutismo, despertou de toda a velha Europa... A força impondo o reconhecimento do direito.

E os homens do occidente tornaram a ir ao Japão. Lá encontraram as mesmas cerejeiras floridas, as mesmas hortensias, os mesmos chrysanthemos.

EX. SENHORA AKIRA ARIYOSHI

EMBAIXATRIZ DO JAPÃO

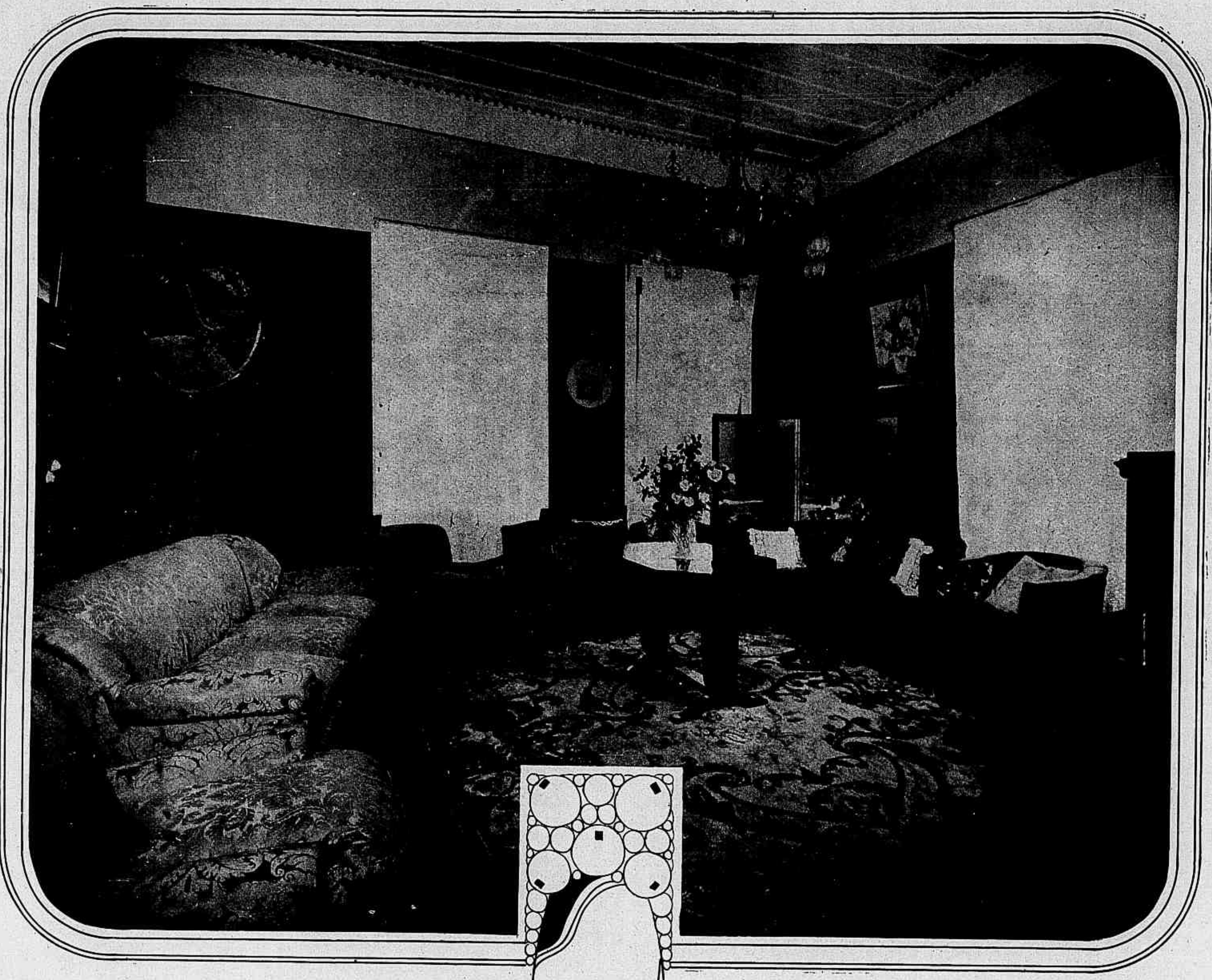


As relações diplomaticas do Japão com o Brasil datam de 1895, quando foi pela primeira vez assignado em Paris o tratado de amizade, de commercio e de navegação entre os dois paizes, que continúa em vigor, tendo o Governo Japonez nomeado em 1897 seu primeiro ministro no Brasil o Sr. Sutemi Chinda, actual Conde e Conselheiro da Corôa Iperial. Dahi successivamente o Imperio do Sol Nascente foi representado junto ao Governo Brasileiro pelos Ministros Plenipotenciarios Okoshi, Suguimura (fallecido em Petropolis), Uchida, Hata e Horiguchi, até que em Maio de 1923 foi elevada á categoria de Embaixada a sua representação diplomatica, tendo sido nomeado primeiro Embaixador no Brasil o Sr. Dr. S. Tatsuké, que deixou o posto em 1926 e foi succedido pelo actual Embaixador Sr. Dr. Akira Ariyoshi.

Reconheceram as porcellanas finissimas que fazem o orgulho das mesas ricas. Os biombos e as caixas embutidas á madreperola. A poesia multisecular da terra e dos costumes, a tradicional amabilidade do povo.

Mas só nessa occasião viram tambem a febricitante actividade dos homens, o resfolegar trepidante das grandes fabricas, das immensas usinas espalhadas pelas cidades e até pelos campos... O Japão não era apenas um paiz de encantamento! A sua industria corria parelha, em adeantamento e perfeição, ás mais desenvolvidas da Europa. E outros povos não souberam como evitar a concurrencia japoneza, cujos productos são por elles pessoalmente levados aos mercados importadores, elles proprios estabelecendo-se e constituindo-se força economica consideravel nos paizes de immigração.

Edificio da Embaixada



Embaixada do Japão, no Rio.

Recanto do salão principal.

O quadro do pessoal effectivo da Embaixada compõe-se, além do Chefe de Missão, de um Conselheiro, quatro Secretarios, quatro Chancellers e um Addido Naval.

A proposito das sempre cordiaes relações que vinculam as duas nações antipodas, damos abaixo o resumo dos principaes acontecimentos que tiveram logar entre o Japão e o Brasil no lapso dos ultimos trinta annos:

1 — A visita ao Japão, em 1880, da corveta "Vital de Oliveira", da marinha de guerra brasileira, de cuja tripulação fazia parte o saudoso Almirante Alexandrino de Alencar, então guarda-marinha.

2 — Em 1889, a visita ao Japão, do cruzador "Barroso", em viagem de circumnavegação.

3 — A assignatura do Tratado de Amizade, Commercio e Navegação entre o Japão e o Brasil, em Paris, a 15 de Novembro de 1895.

4 — A creação das respectivas Legações, em Tokio e no Rio de Janeiro, em 1897, occupadas a seguir e respectivamente pelo saudoso Dr. Henrique Carlos Ribeiro Lisbôa e por quem é hoje o Conde Chinda.

5 — Em 1908, a visita ao Japão do navio-escola "Benjamin Constant", que praticou um acto heroico e humanitario nc Oceano Pacifico, salvando na Ilha de Wake vinte sobreviventes japonezes de um naufragio.

6 — Em Junho de 1910, a visita ao porto do Rio de Janeiro, do cruzador japonez "Ikoma", o que deu logar a muitas e brilhantes festas, como por exemplo a recepção no salão nobre do "Jornal do Commercio", offerecida pelo saudoso Dr. José Carlos Rodrigues, então seu Director.

7 — Em 1917, a abertura de uma linha directa de navegação entre os dois paizes, pela Osaka Shosen Kaisha, cujos vapores, assim como os da Nippon Yusen Kaisha, tanto contribuem para a intensificação do intercambio commercial do Brasil com o Japão, com a Africa do Sul e com os Estados Unidos.

8 — Em Novembro de 1920, a visita de cumprimentos da divisão de navios-escolas da marinha de guerra japoneza aos portos brasileiros. Compunha-se ella dos dois cruzadores "Asama" e "Iwate" e era commandada pelo Vice-Almirante Funakoshi.

9 — Em 1922, a vinda de outra divisão naval japoneza, afim de tomar parte nas festas do Centenario da Independencia do Brasil, e composta de tres cruzadores: "Asama", "Idzumo" e "Iwate", commandados pelo Vice-Almirante Taniguchi.

10 — A visita, naquella mesma occasião, de uma missão commercial do Japão ao Brasil.

11 — O Japão esteve representado tambem na Exposição Internacional do Centenario, em 1922-1923, com o seu proprio pavilhão, onde se realizou, exactamente em 31 de Outubro, o "Japan Day",

festa brilhante, concorridissima e sympathica.

12 — Em 1.º de Maio de 1923, a elevação

❀ ❀ ❀

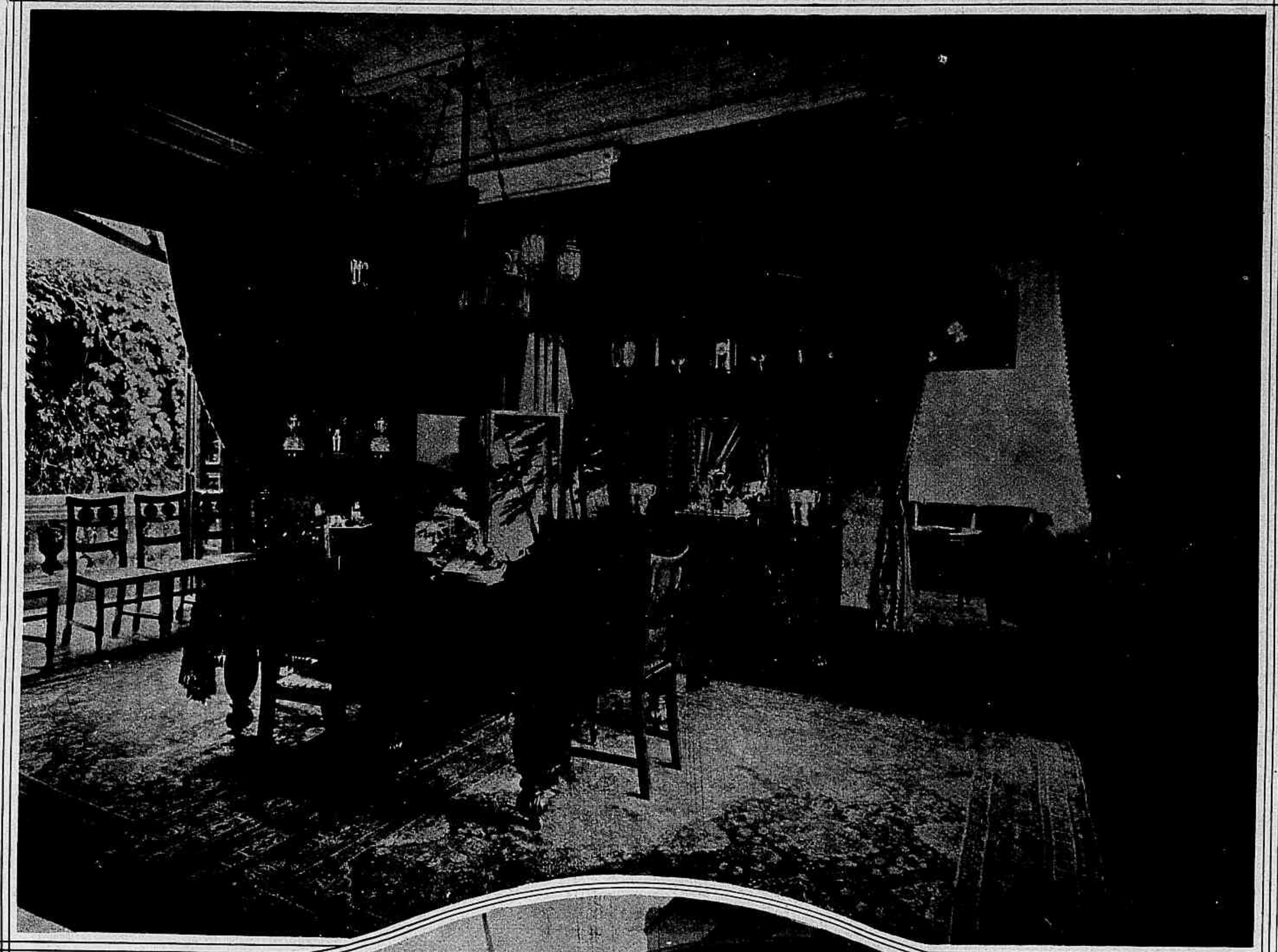
Em cima, outro recanto do salão principal

das respectivas representações diplomaticas em Tokio e nesta Capital á categoria de Embaixada.

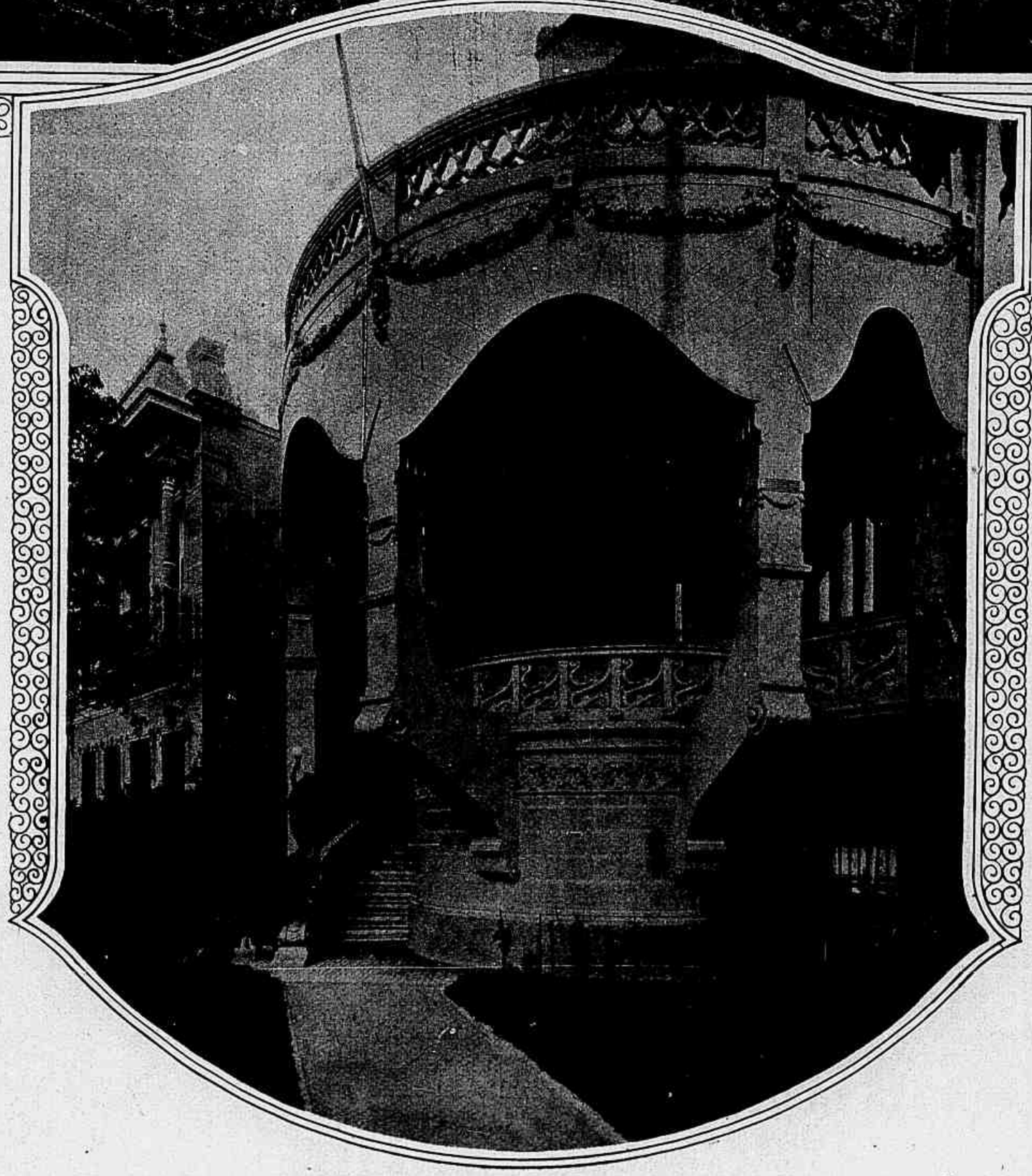
❀ ❀ ❀

Sua Excellencia o Senhor Embaixador do Japão, Dr. Akira Ariyoshi, em companhia do Conselheiro, dos Secretarios e outros membros da Embaixada da grande nação junto ao Governo da Republica Brasileira.

Pôse especial para a nossa revista.



A EMBAIXADA DO JAPÃO NO RIO DE JANEIRO



SALA DE JANTAR E A ENTRADA DO PALACETE DA RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA

O PLAGIO

— Você sahe, Nenesto, com um tempo destes?
— Não ha outro.
— Dia de S. Bartholomeu, inda mais...
— Importa-me lá o santo!
— Está bom. Depois não se arrependa.

Isto dizia D. Eucharis ao seu marido Ernesto d'Olivaes, ao vêl-o tomar o chapéo do cabide. Ernesto sahiu.

Fóra remoinhava o vento, annunciando tempestade imminente.

Por castigo, nem bem caminhára o teimoso duzentos passos, desaba repentino aguaceiro. Tão repentino que mal lhe deu tempo de barafustar por um "sebo" a dentro, no instante preciso em que o belchior cerrava a ultima folha de porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

— Atchim!...
— Viva!
— Atchim!...
— Viva!
— Atchim... Brrr! P'ra burro! Espirro p'ra burro! *C'est le diable.*

(Seculo trinta! Se por acaso um exemplar deste conto chegar ao conhecimento dos teus fariscadores de antiguidade, não se assombre elle com a expressão curralina do meu Ernesto. Nem quebre a cabeça em interpretal-a com ajuste de philologia comparada e mais sciencias connexas.

Deixo cá a chave do enigma: semelhante expressão viveu correntia pelas immediações da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nascida nalguma cocheira, alargou-se ás ruas, e passou destas aos salões. Penetrou até na rhetorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das suas Julietas, substituiam o archaico — lindo como os amores — por este soberbo jacto de impressionismo cavallar: E' linda p'ra burro!

Não obstante, as Julietas casavam com os masmarros, e eram felizes. Lá se entendiam...)

O belchior era francez, e Ernesto taramelava na lingua adoptiva do sr. Jacques d'Avray o necessario para embrulhar lingua com um belchior francez . Sabia differençar *femme sage* de *sage femme,* distinguia*chair* de *viande,* e alambicava a primor os *uu* gaulezes. Além disso tinha sciencia de varios idiotismos, usando amiude do *qu'est-ce que c'est que çá;* sabia de cór a historia do *Didon dit-on* além duma duzia de prosopéas de alto calibre forrageadas nos "Miseraveis" — o que já é bagagem glossica ponderavel num carrapato orçamentario com seis annos de sucção.

Taes conhecimentos mensalmente postos em jogo bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro, a quem Ernesto em todo dois de cada mez alugava um bacamarte de Escrich matador das horas vazias da repartição.

Naquella tarde, porém, Ernesto não queria livros e sim um tecto, razão por que falhou o sempiterno ritual do encetamento da sécca. (Esse ritual começava assim: *Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur?*)

Fóra, o vento pulverisava a chuva, em regougos sibilantes.

Tinha de esperar.

Esperou, remexendo estantes, folheando revistas, lendo á meia voz os titulos dourados. De longe em longe, tomava um volume e perguntava ao francez acurvado na escripturação de um livro de capa preta:

— *Combien, monsieur?*

E á resposta do homem repicava invariavelmente:

— *C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé* — estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a attenção.

Empolgou-lha uma brochura esborcinada, a *Maravilha,* de Ernesto Souza.

— Olé! um xará! *Combien, monsieur?*

O livreiro sem lhe dar maior attenção rosnou qualquer cousa, emquanto Ernesto, absorto no manuseio do livro, ia murmurando machinalmente o *très salé.*

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo, adquirido no collegio, onde colleccionava num caderno a primeira e a ultima phrase de quanto livro lhe transitava pela carteira.

A Maravilha era um desses romances esquecidos que trazem o nome do autor seguido de uma comitiva de identificações á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo do Imperio.

Alfredo Maria Jacuacanga
(natural do Recife)
3.º annista da Escola de Medicina da Bahia

Doutor Cornelino Rodrigues Fontoura
Ex-lente disto, ex-director d'aquillo, ex-membro do Pedagogium, ex-deputado provincial, ex-cavalleiro da Cruz Preta
etc., etc., etc.

Romances descabellados onde ha lagrimas como punhos, e punhaes vingativos, e virtudes premiadissimas de par com vicios archicastigados pela intervenção final e apotheotica do Dedo de Deus — livros que a traça leu e rendilhou nos poucos exemplares escapos á funcção sobre todas abençoada de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: "E um rubro fio de sangue brotou no niveo seio da donzella apunhalada, como uma vibora de coral num marmore pagão".

Ernesto, *né* de Oliveira, mas d'Olivaes por contingencias estheticas, enrubesceu de appolineo prazer. E assoou-se, prova muito sua de enthusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor! Estava ali uma phrase soberba! "como vibora de coral..." Magnifico! E este "marmore pagão?"

Foi ter com *Monsieur* e leu-lha "com alma"; mas o typo, absorvido numa addição, miou o *oui, oui,* sem erguer sequer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mez) mas o escondeu num desvão para que ninguem lhe puzesse a vista em cima até o dia acquisitivo.

Emquanto isso, a chuva amainára.

Ernesto entreabriu a porta, espiou a rua murmurejante nas sargetas, e resolveu abalar.

— *Monsieur, au revoir.*

— *Oui, oui,* miou pela ultima vez o bruto.

Na rua endireitou para a casa ruminando que, sim senhor! era ter fogo sagrado! uma phrase daquellas fazia um nome, o xará tinha talento, e bem dizia Victor Hugo, nos *Miseraveis,* que o genio... é o genio!

Por todo o caminho foi redizendo-a, em mente, com cariciosa uncção, remirando-a por todos os lados, sob todas as luzes. Degustou-a como um sybarita; pelo som, repetindo-a em surdina vinte vezes, pela fórma, revendo o geito com que a fixaram no papel os caracteres typographicos, pelas correlações associadas, evocando vagos caracteres typographicos, pelas correlações associadas, evocando vagos hellenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Phrynéa, o cão de Alcebiades, as Thermopylas, o tonel de Diogenes, e outros.

Por fim, á noite, já a celebre phrase se lhe incrustára nos miolos no logar onde costumam habitar as idéas fixas.

Chegou a repetil-a a D. Eucharis. Mas D. Eucharis, uma creatura sovada, toda virtudes conjugaes e preoccupações caseiras, interrompeu-o a meio:

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampeão que te encommendei?

Ernesto d'Olivaes arrepanhou a cara num assomo de dó ante a chinfrinice mental da companheira. Dó, despeito e meia colera, cousa rara em sua alma de amanuense, gommosa e mansa.

— Que pavio? Que me importa o pavio? Quem fala aqui de pavio? Ora não me aborreça com historias de pavio!

E voltando-se para o canto (que a scena se passava na cama) embezerrou.

O somno dessa noite não foi bom conselheiro porque Ernesto no dia seguinte andou pela repartição mais meditativo que de costume, com os olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem vêr:

E' que uma idéa...

Não era bem uma idéa, ainda, mas cellulas vagas, destroços longamente vogantes de idéas mortas, lampejos de idéas futuras, coisas de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples "variedade", em linguagem bem caprichada, com floreados bem bonitos, arabescos de estylo..."

Duas ou tres personagens. Não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa pallida, a cidade de tres estrellinhas, o anno de 18... Como enredo uma paixão violenta da condessa pelo pintor Gontran. Gostava muito desse nome. A scena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achára geito em personagens nacionaes, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar aquelle final... Oh! sim!... aquelle final, porque em summa o conto viveria para justificar a exhibição daquellla joia de "cellineo lavor". E logo abaixo o seu nome por extenso, Ernesto da Cunha Olivaes.

Esse remate furtado ao xará da *Maravilha* aos poucos se foi insinuando na consciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.

A *Maravilha*, ora!... Um miseravel caco de livro de que ninguem conhecia a existencia...

Plagio? como plagio?! Porque plagio?! E' tão commum duas creaturas terem a mesma idéa... Coincidencia simplesmente. E além disso, quem daria pela coisa?

Ernesto era literato.

Quem não é literato em nossa boa terra?

"Fazer literatura" é a fórma natural da calaçaria indigena.

Em outros paizes o desoccupado ou pesca, ou caça, ou joga o murro. Aqui belletrea. Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses artiguetes inda não classificados nos manuaes de literatura onde se adjectiva sonoramente uma idéazita de meio escropulo, sempre feminina, sem pé e raramente com cabeça, que goza a propriedade, aliás preciosa, de deixar o leitor na mesma. A grammatica soffre umas poucas marradas, os typographos ganham a sua vida, as beldades se saboream na adjectivança e o sujeito autor lucra duas coisas: mata o tempo (que entre nós em vez de dinheiro é uma simples maçada) e faz jús a qualquer academia de letras existente ou por existir, de Sapopemba a Icó.

Ernesto não fugira á regra. Em moço, emquanto vivia ás sopas do pae, á espera que cahisse do céo um amanuensado, fundára a *Violeta*, orgão literario e recreativo, com charadas, sonetos, "variedades e mais mimos de Apollo e Minerva. Redigiu depois uma folha "critica, scientifica e litteraria" com dois tt, *O Combate*, que morreu de 6 mezes, combatendo a syntaxe até ao derradeiro transe. Compoz nesse intervallo e publicou um livro de sonetos, cuja impressão deu com o pae na miseria.

Incomprehendido pelo publico que não percebeu o advento dum novo genio, Ernesto amargou como peroba miuda, deixou crescer grenha e barba, esgrouviou-se e disse cobras cascaveis do paiz, do publico, da critica, do Zé Verissimo e da cambada da Academia de Letras. Citava a miude Schopenhauer e Hartmann, mostrando tendencias para saltar dum pessimismo inoffensivo ao nihilismo russo. Foi quando o pae, farto das attitudes theatraes do filho, metteu-o numa roda de guatambú e pôl-o fóra de casa: — "Vá ganhar a vida, seu anarchista de borra!"

Ernesto, jururú, achegou-se a um tio, influente na politica, e cavou afinal o empreguinho. No empreguinho amou, casou, e tomou a seu cargo a secção "Conselhos Uteis", do *Batalhador*. Estava nisto quando ventou, choveu, abrigou-se no sebo, pilhou a *Maravilha*, patinou com Hamleto num pégo de indecisões, até que...

Ernesto, em tiras de papel do governo, lançou em bello cursivo um começo bem arredondado: "Era por uma dessas noites de abril, em que o céo recamado de estrellas lembra um manto negro com mil buraquinhos"...

.....

*

* *

Na rodinha de orçamentivoros que domingueiramente beberricavam o chá com torradas de D. Eucharis — todos afinados pela cravelha de Ernesto, victimas imbelles da incomprehensão — o conto estampado no *Lyrio* causou agradavel surpreza. O João Damasceno foi o primeiro a lhe dar um abraço, num vae-e-vem de café, na rua Quinze.

— Olha, li o teu "Never more", no *Lyrio*. Esplendido! O final, então, divino! Tens miolo, meu caro! Pagas o chope?

Nesse dia Ernesto contou á esposa toda a vida do João e terminou scismativo: é um caracter, Eucharis, um nobilissimo caracter!...

O Capitão Prelidiano, chefe da sua secção, foi commedido como o convinha á eminencia do seu tamanco: Li o seu trabalho, Sr. Ernesto, e gostei; termina com brilhantismo; continue, continue.

E o Claro Vieira? Fôra brutal, este.

— Que optimo fecho arranjaste para o teu conto! O resto está pulha, mas o final é *un morceau de roi!*

O que nessa noite D. Eucharis ouviu relativo ao caracter baixo, infame e vil de Claro!

Ernesto entrou-se de receios. Pareceu-lhe que o Claro estava no segredo do "encontro de idéas". Como medida de precaução deu busca aos sebos em cata de quanto exemplar da "Maravilha" empoava por lá. Encontrou meia duzia, adquiriu-os e queimou-os com grande assombro de D. Eucharis, que duvidou da integridade dos miolos maritaes, ao vêl-o transfeito em Torquemada de innocentes brochuras carunchosas.

Mas nem assim socegou.

— Quem me assegura não existirem outras, espalhadas ahi pelas bibliothecas publicas? Se ao menos eu houvesse variado a fórma, conservando embora a idéa...

Fôra audacioso, fôra, não havia duvida. Fôra tolo, pois não.

— Sou uma besta, bem mo dizia o pae.

Ernesto arrependeu-se do plagio, sim, porque afinal de contas, vamos e venhamos, era um plagio aquillo.

A consciencia proclamava-o, reagindo contra as chicanas peitadas em provar o contrario.

E arrependia-se, sobretudo, por causa do "Dizem..." do *Chromo*. Constava ser o Claro o enredeiro daquellas maldades e o Claro, na mofina, era quatro de paus. Sabia revestir as palavras de um jossá urente de ortiga.

Fizera mal, porque, afinal de contas, um plagio... é sempre um plagio.

Quando no domingo seguinte recebeu o *Chromo*, tremeu ao correr os olhos pelo "Dizem..."

Mas não vinha nada e respirou.

No "Recebemos e agradecemos" havia uma referencia ao conto, muito elogiosa para o remate.

Tambem a *Dhalia*, desse dia, trouxe algo: "O conto do sr. F. um desses etc., etc. O final é uma dessas phrases que chispam belleza hellenica, etc.".

— O final, sempre o final! Estão todos apostados, em me fazer perder a paciencia. Ora pistolas!

Deblaterou contra os jornalistas, contra os amigos, contra os dez exemplares do *Lyrio*, em seu poder, dez arautos do seu crime. E queimou-os.

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu, desabridamente.

— Ora não me seja besta!

Damasceno boquiabriu-se.

O pobre autor via nas palavras mais innocentes allusões ironicas, directas, claras, brutaes. Num simples "bom dia" enxergava risinhos de mofa. O proprio Capitão Prelidiano, cavalgadura honestissima, incapaz d'uma ironia, affigurava-se-lhe o chefe da malta.

Conspiravam contra elle, não havia duvida.

Poz-se em guarda. Fugiu dos amigos. Deu cabo do mate domingueiro. Não podia siquer ouvir falar em literatura, o assumpto dilecto de tantos annos.

D. Eucharis, pensabunda, matutava:

— Serão lombrigas?

E deu-lhe Chenopodio, ás occultas.

*

* *

— E afinal?!

— Afinal?... E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é! Os casos mais interessantes descambam a meio para o mais réles prosaismo. Este do Ernesto d'Olivaes, por exemplo. Merecia um fim tragico, duello ou quebramento de cara. Quando nada, uma remoçãozinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra como elle um remate de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

Ernesto adoeceu, mas sarou. O Chenopodio revelara-se um porrete para o seu mal. (Como D. Eucharis conhecia a vida e o marido!) Depois com o decorrer do tempo esqueceu o plagio. Os amigos esqueceram o "Never more". O *Lyrio* morreu como morrem *Lyrios*, *Dhalias* e *Chromos*: calote na typographia. Ernesto engordou. Já é major. Tem 6 filhos.

Continúa a "fazer literatura". E se encontrar a talho um novo final como aquelle plagiará, de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca, ou nenhuma.

Feliz ou infelizmente?...

MONTEIRO LOBATO.

A physionomia e a alma das arvores

Amaury de Medeiros

MEDICINA E ESTHETICA

Temperamento visual, namorado impenitente das formas e das côres, eu teria sido pintor se a pintura não fosse uma profissão tradicionalmente bohemia e romanesca com a qual não concordam os paes e se tivesse sido possivel a uma creança — já lá vão alguns annos — sondar a alma e os sentidos e teimar, obstinar-se e vencer resistencias do meio e do tempo...

Sou portanto um namorado sem ventura... Comedido e razoavel, porém, não exaggerei a minha desfortuna nem levei a renuncia até a tragedia, fiz-me medico, escolhendo, assim, uma profissão, que é sciencia mas tambem é arte, que, por menos que pareça, tem em si muito da technica dos pintores porque encontra motivos nas formas e nas côres que, se não servem para fixar bellezas, servem seguramente para adiar e mesmo evitar a feia, triste e macabra fermentação dos tumulos.

Vêr, sentir e interpretar, como homem, a natureza, é o segredo dos artistas; observar a natureza humana e comprehendel-a através do que se vê e do que se sente é a difficil missão dos medicos.

Os artistas procuram o Bello para encantar; os medicos procuram a verdade para collocal-a ao Serviço do Bem, para alliviar, para consolar e para curar. E que differença fundamental haverá entre o Bello que encanta e a Verdade que allivia e que consola?

Para Ruskin, o Bello e o Bem sempre foram a mesma cousa e os artistas são sêres predestinados que procuram o Divino sobre as suas apparencias. Para mim, os homens de sciencia são creaturas illuminadas que procuram tornar o Divino cada vez mais humano.

Depois, "tambem tem a sua arte a impiedade das doenças e os erros da natureza" como bem disse Miguel Pereira. E, sem uma visão precisa da côr, da fórma e do movimento, não é possivel interpretar as differentes variações do corpo e da face, da expressão emfim, com que as doenças se apresentam através os protestos da fragilidade humana.

A pallidez dos anemicos, o amarello dos ictericos, o roxo dos cyanoticos, o rubro das congestões, o rosado dos pneumonicos, as mil tonalidades de côr, emfim, que os doentes apresentam, não poderão ser bem entendidas se não forem bem vistas.

O riso sardonico do tetanico, a face angustiada do doente de peritonite, o ar apavorado das victimas do bócio excphtalmico, o choro e o riso espasmodicos, a face parada dos myopathicos, o ar inexpressivo dos atacados pela syndrome de Darkinson, a euphoria e a melancolia dos insanos, não são sinão variações subtis da expressão physionomica a pedirem olhos apurados de artista para distinguir e interpretar.

A attitude extatica e budhica dos colicos, a passividade faquirica dos catatonicos, a inquietação dos cardiacos, a agitação dos choreicos, as *pôses* estravagantes dos myoclonicos, todas as variações da estatica e da dynamica do corpo, da fórma e do movimento, emfim, são as primeiras suggestões a impressionarem os medicos que sabem vêr, lhes suggerem as chaves para a decifração dos innumeros modos pelos quaes as doenças impiedosas conspiram contra a vida e lhes fornecem os meios para que se opponham á obstinação com que a natureza faz e desfaz, creia e destroe, synthetisa e analysa, com mysteriosa finalidade e com logica atordoante.

E' certamente por isso que um medico, um simples medico, sem outras credenciaes, que a sua arte de vêr e de tratar doentes, se anima a vir dizer-vos como se póde vêr, ouvir, sentir e entender a physio nomia e a alma das arvores.

Se eu não fosse um namorado sem ventura e tivesse a posse real e effectiva das fórmas e das côres, não vos falaria sómente, mas vos traria, hoje, uma verdadeira exposição de pintura, ou melhor, uma expressiva collecção de retratos de arvores porque as arvores, têm um caracter, uma personalidade, uma physionomia definida que servirá talvez para traduzir através do tempo e do espaço, os sentimentos mais fortes e as expressões mais altas da propria natureza nas suas expansões, quando chora ou ri, dansa, canta, incentiva, anima ou protesta.

O HOMEM E A ARVORE

E' assim pelo menos que têm entendido artistas e philosophos, os homens de sensibilidade apurada de todos os tempos. Deus o proprio Deus, não se esqueceu de pôr no paraizo com incomparavel symbolismo a sombra de uma arvore: a arvore do Bem e do Mal.

Nietzche, um semi-deus, o grande poeta do "Ainsi parlait Zarathoustra" aconselha o convivio das arvores nas quaes reconhece as mais altas qualidades humanas:

> "Com dignidade, a floresta e o rochedo sabem calar
> em tua companhia. Volta de novo para a arvore que
> tu amas, para a arvore de largos ramos: ella te
> escutará silenciosa suspensa sobre o mar..."

Eu não estranho este amor pela companhia das arvores, antes o comprehendo profundamente, vivi os annos mais doces da vida á sombra de grandes arvores amigas que conhecia pelo nome e cuja historia me era familiar. E quanta vez me deixei ficar quieto e absorto o alhar para os ramos que se extendiam, generosos, sob as inquietações da minha meninice e quantas vezes fiquei a pensar no trabalho immenso da natureza para levantar tão altos e tão bellos monumentos!

Os caboclos das minhas terra, amigos como eu da paisagem, tambem são assim na sua bravia espontaneidade. A natureza os

empolga e é com as arvores que elles conversam nas suas longas e solitarias caminhadas.

Gastão Cruls, um dos nossos escriptores que melhor sabem vêr, no seu livro "Ao embalo da rêde" fixou com muita graça este sentimento caracteristico do caboclo nortista:

"— Mas Sr. Padua isto por aqui é tudo tão igual...
— Igual o que seu doutor! E' o que parece. Para mim todos estes pés de páu são differentes.
E o Sr. Padua, correndo as esporas no seu russo pombo, passou a trotar ao meu lado para nomear todas as plantas que formavam aquelle matto ralo e definhante..."

Para conhecel-as, assim, como o Sr. Padua, é preciso ter-se acostumado a longa e muda observação das arvores em todas as horas e em todas as estações: brilhantes de luz ou negras de sombra; tangidas pelo tufão ou paradas e ansiosas ante as ameaças da tempestade; embriagadas de sol ou tiritantes de chuva...

Quem assim porém, com ellas conviver e sentir-lhes as emoções acabará não sómente estimando-as mas, amando-as profundamente, na ingenuidade de umas e na austeridade de outras; acabará conhecendo-as ao longe no recorte da paisagem como quem descobre e identifica um amigo pelo geito do andar e pelos contornos da silhueta.

Quem esquecerá a figura serena, bella e tranquilla de um visgueiro destacado ao longe na paisagem com as suas folhas quasi negras, os seus ramos angulosos e marcados como de uma arvore biblica, sobre o oceano verde e inquieto de um cannavial brilhando ao sol? Quem não sentirá naquella attitude e serenidade de um grão-senhor a espera de uma caravana?

Quem não destacará ao longe como um pharol ou como uma bandeira a copa loura ou rôxa de um páo d'arco em flôr?

Quem não distinguirá, por entre as copas misturadas da floresta o verde negro das jaqueiras, o vestido de renda das tamarineiras e as hastes negras, longas, ponteagudas, dos pinheiros a lembrarem, na elegancia e na decisão com que sóbem para o céo, as torres finas e rendilhadas das cathedraes gothicas?

Será talvez por esta convivencia tão intima e tão affectuosa entre as arvores e os homens do nordeste, pelo amor entranhado do caboclo pela arvore, a qual para elle é quasi alguem, que grande numero de municipios, de cidades e de logares de Pernambuco têm nome de arvores, como: Limoeiro, Gameleira, Páo d'Alho, Ouricury, Gravatá, Tamarineira, Jaqueira, Espinheiro, Mangabeira; outros as lembram como Floresta, Bom Jardim; outros ainda apenas os invocam como este lindo nome de um povoado: Cham de Alegria...

Fica-se a vêr uma longa varzea verde, fertil e illuminada de sol, onde arvores copadas marcam sombras macias sobre a relva verde e em torno da qual se destacam recortes de mata nas quaes Páos d'arcos floridos são gritos de alegria e de festa!

A ALMA DAS ARVORES

Os nossos poetas não amam as arvores de modo diverso, Augusto dos Anjos falou das suas almas com mais segurança do que muita gente se refere á alma humana:

"Meu pae: porque sua ira não se acalma?
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?
Deus pôz alma no cedro e no junquilho...
E esta arvore, meu pae, possue minh'alma."

Para Catullo Cearense as arvores têm coração. Ter alma e ter coração é quasi a mesma coisa. De que valeria alma sem coração e para que serve coração sem alma?

Diz Catullo:

"Um lenhadô derribava
As arve sem precisão
E sempre a vó li dizia:
Meu fio, tem dó das arve,
Que as arve tem coração.

Isto, aliás, de dar alma ás cousas, é espontaneo nas imaginações apuradas ou ingenuas. As arvores, porém, são muito mais do que simples cousas porque têm vida.

Quantos poetas já terão ouvido flores, arvores e estrellas? Eu por mim vos digo que já ouvi realmente gritos de arvores, rangidos de galhos dentro da floresta. E qual a creança do norte que não terá ouvido um gemido dentro de um bananal e não terá conhecido esta explicação simples e ingenua: "é a bananeira que chora para dar o cacho."

E' que os nossos sertanejos, sentem que as arvores têm uma estranha expressão e na ingenuidade de suas lenda, chegam a vel-as como almas de homens.

Contou-me um amigo, bandeirante dos nossos tempos, palmilhador dos sertões, que existem na margem do Parahyba, junto á serra do Gavião, tres Jucás centenarios. Dizem os sertanejos que essas arvores gigantescas são tres vaqueiros que alli luctaram até morrer e que foram, por castigo, transformados nas tres arvores. Todas as noites apparecem phantasmas naquelle logar de natureza dura e violenta, onde o Parahyba é um amontoado de grotas e de rochas rugosas.

Os viajantes que por alli passam, amesquinhados, acovardados, pequenos deante daquella natureza — gigantesca, phantastica e violenta, têm visto aquellas arvores, em triangulo, sustentarem, como trempe, enorme caldeirão sobre enorme fogueira, a hora em que o sol se deita incendiando o horizonte por traz dos velhos troncos.

São os tres vaqueiros dizem por lá, preparando por penitencia, todos os dias, ao cahir da tarde, as suas refeições...

Tambem para Paulo Setubal, não ha a menor duvida de que as arvores têm alma:

"Homens, reparem bem que as arvores têm alma!"

E Michelet, o grande Michelet, em "La Montagne" escreveu:

"L'arbre gémit, soupire, pleure d'une voix humaine... Dans les villes et dans les écoles, l'esprit subtil et vain peut rire de "l'âme de l'arbre". On n'en rit pas dans le désert, dans les climats cruels du Nord ou du Midi, où l'arbre est un sauveur. On y sent bien le frère de l'homme."

Catullo Cearense conhece até o sangue das arvores:

Elle nos conta a historia de um lenhador cujo machado só parou no dia em que viu correr sangue do tronco de um velho ipé:

"Mas quando o rei das florestas,
aos golpes do seu machado,
já começava a pender,
o grande amaldiçoado
vio umas borbulhas de sangue
do tronco velho escorrer!!"

O SYMBOLISMO E AS ARVORES

As arvores, através a sua vida, têm realmente uma expressão tão definida, tão bella, tão forte e tão constante que o pensamento humano de todos os tempos encontrou sempre, nellas, um symbolo, para traduzir estados d'alma ou para dar fórma concreta a certas idéas.

Pierre Lassere querendo exprimir a elegancia, a perfeição e a profundeza do pensamento de Bergson, diz:

"C'est une plante que jaillit d'un coup avec tous ses fruits et toutes ses pleurs, mais d'un sol longment et savamment petri de culture".

Alguem com quem tenho intimidades de consciencia e sub-consciencia, não se esquece nunca das arvores quando quer exaltar o bem ou vergastar o mal. Entre muitos outros citarei esta pequena parabola, trecho de um discurso:

Bôa ou má, prestavel ou imprestavel, a materia prima se apresenta á primeira vista sob o mesmo aspecto, porque bom ou máo o homem, a quem se quer fazer amigo, fala a mesma linguagem de coração: — o sincero porque assim sente, o falso porque assim lhe convém. Os seus actos secundarios podem mesmo confirmar as palavras emquanto ha sombra derramada pelo chão e emquanto ha fructos a cahir da grande arvore das compensações, mas, quando o outomno leva os fructos e o inverno leva as folhas e a arvore parece morta ou núa, a caravana que a desfructou parte sem olhar para a ramada, a mesma caravana que a arvore alimentou e cobriu.

Um ou outro beduino da sinceridade abraça o tronco, manda um olhar ou manda um beijo para os ramos hirtos e ainda é, seguramente esta reserva da bondade que desperta os ramos e lhes dá forças para que elles se abotoem novamente em folhas e em flores quando chega a primavera ao sopro encantado da gratidão e do affecto dos amigos que se vão, afinal, formando e aggregando na lucta aspera da vida...

Que fez a arvore para agradar ou desagradar? Em que differe a sombra de um ramo para a de outro ramo, o fructo de um galho para o do outro galho? Differem os que vêm gozar a sombra e colher os fructos. Para uns o bem recebido é apenas a conquista insidiosa e premeditada de demonstrações insinceras, para outros é uma humilhação que merece vingança, para outros emfim, para os homens de coração aberto e franco é o bem simples, é o bem puro, é o bem desinteressado...

Sois daquelles que procuram fazer amigos e eu sou dos que não se esquecem do bem recebido, daquelles que não sabem maldizer os ramos que deram sombra, os fructos que foram doces, daquelles que a tudo preferem "a amizade que ainda é a

mais doce, a mais cara e a mais delicada das dedicações humanas."

Para Nietzsche — "o homem é como a arvore. Tanto mais elle se quer elevar para o alto, para a luz, mais profundamente as suas raizes mergulham na terra, nas tenebras, no abysmo, no mal".

Resumindo, em uma synthese deliciosa, o symbolismo do grande poeta e philosopho, Afranio Peixoto nos deu este *haikai* inedito:

"A fronde no céo
mas as raizes no lôdo:
symbolo do homem..."

Santos Chocano se considera, elle mesmo, uma arvore. E' assim que nos diz nas suas lindas estrophes que o poeta Araujo Filho traduziu no seu livro Rhytion:

"..... .....
Arvore sou com fructos e com flores,
Arvore sou de espirituaes sentidos
E os meus versos apenas são ruidos
Que o vento faz nas folhas quando passa."

Silveira Martins, o grande tribuno, disse uma vez:

"Eu sou como o Jequitibá das nossas florestas: o machado que tentar cortar-me corre o perigo de perder o gume"...

Ha outros que têm, como as arvores, seus sentimentos.

Bianor de Medeiros, poeta de quem sou bisonho ramo, assegura:

" A gratidão que nasce muito a custo,
e quando nasce raramente cresce,
no peito meu é vigoroso arbusto
que em todo tempo sem cessar floresce."

Joubert, nos assegura:

"Chaque année, il se fait en nous un noeud, comme dans les arbres; quelque branche d'intelligence se développe, ou se couronne et durcit."

Outros ha, que têm, como as arvores, apenas o coração, é assim que Antonio Correira de Oliveira nos affirma:

"Ha corações como as arvores,
Que recebem, mas não dão:
Recebem sól pelos ramos,
Enchem de sombras o chão."

E porque as arvores se parecem assim, com os homens, que têm alma e têm physionomia e têm expressões, ha homens que tambem semelham arvores.

Homens, conheço, sombrios e tristes, como cyprestes, outros alegres como "flamboyants", resistentes como angicos, severos como jaqueiros, orgulhosos como palmeiras.

Conheço cedros do libano transportados para a nossa terra tropical, que conservaram o verde cinza de suas folhas e seus ramos quietos em pyramide, que amam a natureza calma e a luz medida e suave, mantêm attitude meditativa e parecem conservar até a timidez attenta e penetrante do oriental; conheço outros, jacarandás mimosos de bello porte, folhas miudas como avencas, corôados de flôres roxas como a sicupira, porém mais civilizados e de mais alta linhagem, folhas de planta de estufa em tronco de arvore elegante dos parques sempre novos e calmos, dos castellos antigos; outros tenho visto magros e esbeltos como os eucalyptos de caule longo e liso, ramos pendulantes e folhas em lança, eucalyptos que parecem querer vergar ao sopro do vento, mas, que deixam bailar apenas os seus ramos longos de salgueiro, em cujo verde cinzento se sente a saudade ancestral das florestas da California ou dos lagos da India.

Eu vos mostraria, se quizesse, toda uma floresta de cedros, de boabads, de cactus e palmeiras, neste nosso grande bosque social, á sombra do qual estamos vivendo esta hora pantheista de culto ás arvores.

A VIDA SOCIAL DAS ARVORES

As arvores tambem, como os homens, têm expressões particulares quando se reunem em assembléas nas florestas e nos bosques.

Varios poetas se têm referido á solidariedade da floresta, e descripto em poesias epicas como as arvores soffrem juntas, rezam juntas e cantam juntas.

Ha arvores que realmente não sabem viver sós. São como certos homens que têm horror a solidão e precisam de companhia para soffrerem ou gozarem a vida. Taes são, por exemplo, os eucalyptos.

E' por isso que poetas e escriptores têm comparado florestas ás cathedraes. No correr desta fatigante apologia iremos encontrando aqui e alli, em autores differntes, as mesmas ideias e os mesmos symbolos se repetindo, o que nos assegura, não que os escriptores se tenham copiado uns aos outros, mas que expressões das arvores não são simples impressões, pessoaes mas têm mesmo alguma cousa de precisa que é capaz de despertar em todos o mesmo sentimento.

Dir-se-á que nós é que pômos nas arvores, com os nossos sentimentos, um pouco da nossa propria alma, mas eu responderei que ninguem dirá, mesmo estando triste, que uma acacia é triste e ainda estando alegre ninguem achará risonho um cypreste.

Sobre cathedraes de frondes citarei as seguintes estrophes de um poeta desconhecido:

"A matta é alta, a matta é quieta,
ao meio dia
a voz das aves
não se ouve mais
e as grotas fundas da matta
parecem naves
de Cathedraes.
.....
De raro em raro,
as brizas leves que tangem folhas,
os ventos brandos que vão e vem,
ciciam preces nos ramos
e cantam psalmos tambem,
e de quebrada em quebrada,
de ramo em ramo,
de folha em folha,
passam ruidos dolentes
como a voz mansa dos crentes
no canto-chão das Cathedraes"
.....

Oswaldo Orico, na Corôa dos Humildes, vê na arvore um templo phantheista:

"O oiro do sol cae sobre os galhos
sobre os galhos verdes, sobre os ramos vivos,
onde bailam gotas de orvalho.
Entre os galhos ha um rumor de abelhas,
vozes de passaros esquivos,
scintillações de oiro do sol vermelhas.
E ainda aromas, reflexos, resinas.
Cada arvore do campo me parece
um templo vegetal de cavatinas"

Raul Bopp em seu poema "Cidade Selvagem" tem imagens sobre a vida da floresta que constituem uma forte contribuição para a poesia barbara de nossas selvas. Citarei apenas alguns de seus versos:

"Esta é a galeria das raizes afflictas,
.....
Os sapos escondidos na sombra espiam as arvores que não trabalham
E os troncos sabios enrugados numa toilette paleosoica
Estudam, durante a noite, uma nova geometria selvagem para as folhas.
Cochicam no alto os cipós tecendo intrigas nas beiras dos galhos."
.....

DEFINIR AS ARVORES

Como definir as arvores?

E' claro que seria facil arranjar uma definição botanica que nada dissesse da sua physionomia nem da sua alma. O melhor, porém, será definil-a com aquelles que penetram nos seus segredos.

Digamos por exemplo com o grande poeta bahiano Arthur de Salles:

" Arvore! Gesto verde e cantante dos ramos".

ou então:

"Arvore sois na terra o symbolo bemdito
da bondade e do amor, do carinho risonho:
agasalhaes o máo, a ave, a féra, o precito,
daes o fructo que é a vida; e daes a flor que é o sonho."

A poesia arabe é mais simples porém, não é menos bella, diz apenas assim:

"A relva subiu e creou um tronco para ficar mais perto do ceu: eis uma arvore."

Araujo Filho vê nas arvores "floreas bandeiras":

"A' sua sombra o homem descansa:
A féra encontra asylo, a ave entretece
o ninho-lar dos filhos que hão de vir...
— Florea bandeira da Esperança,
Que a terra beija entoando a prece
Que ninguem sabe traduzir!"

A EXPRESSÃO DAS ARVORES

A attitude do tronco e dos galhos, a côr da fronde, das folhas e das flores dão ás arvores qualquer cousa de pessoal e humano que parece, sem duvida, significar um caracter, um temperamento definido em cada especie, e, até mesmo, uma subtileza em cada exemplar, como a indicar identidade com o temperamento dos homens que varia com a sua origem, com o seu meio e com os annos de vida.

Umas são calmas, outras nervosas. Umas pacificas, acolhedoras, convidam ao repouso, fazem sonhar; outras guerreiras, reservadas ou mesmo aggressivas suggerem a lucta, fazem meditar. Algumas parecem simples, tranquillas, displicentes ou humildes, parecem olhar a vida com bom humor, sorriem, dansam e até parecem cantar a alegria da vida, a gloria da luz e os beijos do sol; outras parecem solemnes, hirtas, austeras , distantes ou retrahidas, de humor sombrio, sem movimentos nem expansões, parecem falar baixo e triste, como quem julga ou como ora com mais temor do que fé, lembram assim as cousas graves da vida: o perdão e o castigo, a justiça fria, implacavel e sem bondade.

Umas communicam o prazer da vida, sua alegria chega a ser contagiosa, gritam incentivos de applausos, gargalham victoriosamente, outras lançam para o céo mudo e vasio e para a terra agitada e revolta uma imprecação dura e violenta, contra o olhar eterno da eternidade impassivel e contra a ansia ephemera dos homens.

Este contraste entre as expressões das arvores suggeriu a José Americo de Almeida, talvez o mais notavel dos nossos escriptores modernos, o seguinte dialogo entre dous personagens do seu romance "A Bagaceira", um, rapaz timido, angustiado e mystico; outro, uma adolescente inquieta e curiosa da vida. Elle, mostrando-lhe um genipapeiro sobrecarregado e sem uma folha diz-lhe:

" — Olha, aquillo é como a mãe de familia, despe-se de todos os ornatos, renuncia a todas as vaidades para ficar só com os seus fructos.

Ella redargiu:

—... A gente deve ser como o páo d'arco que fica sem uma folha para cobrir-se todo de flores".

De um modo ou de outro, o que é certo, é que as arvores estão sempre a exprimir qualquer cousa grande e mysteriosa como a vida e forte e invencivel como a omnipotencia universal.

A VOZ DAS ARVORES

Através as suas physionomias, as suas attitudes, as suas reacções á intemperie ou pela voz estranha de seus perfumes e os appellos infinitos de suas côres, ellas falam sempre aos homens que sabem e que podem entendel-as.

Nem sempre, porém, é facil, nem a todos é dado comprehender a sua lingua. Nietzsche, esse philosopho incomparavel que soube dar á sua grande obra o prestigio eterno de uma poesia forte, explica assim, porque nem a todos os homens é dado penetrar no mysterio das arvores:

"Esta arvore cresceu sósinha na montanha e cresceu
bem acima dos homens e dos animaes.
Si ella quizesse falar ninguem a comprehenderia:
tanto ella cresceu.
Então ella espera, não cessa de esperar — O que ?
Ella está bem perto das nuvens: espera talvez o
primeiro beijo de um raio."

Os poetas são mais faceis de contentar, entendem até os que não fallam. Luiz Guimarães é assim que interpreta a voz das arvores:

"Emquanto os meus olhos fluctuavam,
Segundo os vôos da erradia mente
Sob a odorosa cupola fremente,
Do bosque — onde os ventos sussuravam,

Ouvi falar. As arvores falavam:
A secular mangueira fielmente
Repetia-me o branco idyllio ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam:

A palmeira narrava-me a innocencia
De um puro e mutuo amor — sonho que veste
Dos louros annos a feliz demencia:

Ouvi o cedro, — o coqueiral aggreste,
Mas, excedia a todos a eloquencia
D'uma que não falava: — era o cypreste."

Mas as arvores não falam somente para nós que vivemos, numa ansiedade namorada, a desvendar-lhes a alma mysteriosa; ellas, falam entre si. Triloff, o grande fabulista russo, nos conta este amargurado dialogo que ouviu de dois cedros gigantescos:

"Na floresta immensa e sombria como cathedral de lenda, dous cedros gigantescos dialogavam emquanto ouviam a pancada sinistra de um machado que, á distancia , abria em cada tronco uma ferida.

O mais velho falou:

— Ouves? E' elle, o nosso cruel inimigo. Não nos poupa. Incansavel na sua faina destruidora, tem aniquilado todos os nossos antepassados. Soando o vento matinal que sopra das esteppes e faz pannejar a bandeira das nossas frondes elle vem, pelo braço inconsciente que o arrasta e golpeia-nos sem dó nem piedade... Horrivel inimigo...

O mais moço, gracioso no porte e adolescente na fronde, torceu os galhos num gesto de revolta, olhou o céo tranquillo e disse: — Os culpados somos nós mesmos que lhe damos o cabo que o impulsiona no delirio de destruir-nos."

O SOFFRIMENTO DAS ARVORES — ENVELHECER

E a agonia das arvores velhas que não mais florescem, que vão ficando curvas e vêem cahir, como borboletas mortas, uma a uma todas as folhas que vêem partir de si mesmas e irem farandolando pelos prados misturadas e confundidas com as borboletas, folhas vivas que amam...

Assim vão seccando os ramos ao sopro do vento e ellas esquecem as estações e esquecem as horas e ficam como esqueletos de membros contorcidos ao sol e á chuva numa ultima convulsão. E' assim que as vê Arthur de Salles:

"E em gesto lentos, vãos, os longos ramos curvos,
Esgotados de seiva, exanimes, cansados,
São braços a acenar, na paz dos ermos turvos,
O desalento dos adeuses soluçados".

E é ainda dessa agonia que nos falla Olegario Marianno nas suas "Ultimas Cigarras", na poesia "Arvore Velha", da qual destaco algumas quadras:

"Meio dia. Vasio o espaço de azas, ermo,
O matto cheira e o vento amaina. E' a sésta.
Paira um silencio doloroso e enfermo
Sobre as arcadas brutas da floresta.
.....
Mas o que prende o olhar pantheista é aquella
Arvore que ali está, velha e pendida.
O seu vulto de espectro me revela
Um profundo desprezo pela vida.

Com que maguado encanto! Com que anseio
Ella olha o verde que em redor scintilla
Ella tão velha e o matto assim tão cheio
De sol, de flores e de chlorophyla...
.....
Hoje está quasi morta. Pelo dorso
Que parece encrespar-se de ansiedade,
Sobe, tentando um derradeiro esforço,
Um resto de energia e mocidade.

Mas volta o desalento e a arvore velha
Dos namorados protectora e amiga,
Parece que tem alma e que se ajoelha
Sobre a forma ogival da sombra antiga

E fica alli parada, absorta, quieta,
Numa meditação desoladora,
Lentamente evocando com um poeta
As glorias que tivera e o que já fôra.

Pensa no turbilhão da vida intensa,
Num canto de cigarra preferida.
Pensa no sol e assim, quanto mais pensa
Mais tem desejo de esquecer a vida..."
.....

Hermes Fontes, acha, entretanto, melhor a vida das arvores que a dos homens porque emquanto estes só têm uma fugaz primavera, aquellas se renovam e reflorescem todos os annos:

"Homens, pobres de nós que nunca mais florimos."

Confirmando aquellas duas lindas estrophes de Guerra Junqueiro:

"A mocidade é como a flor de lotus,
que em cem annos floresce apenas uma vez."

Olavo Bilac, talvez por estar já mais velho, viu tambem com menos magua o envelhecer das arvores:

VELHAS ARVORES

"Olha estas velhas arvores, mais bellas
Do que as arvores novas, mais amigas:
Tanto mais bellas quanto mais antigas,
Vencedoras da edade e das procellas...

O Homem, a féra, e o insecto, á sombra dellas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarellas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as arvores fortes envelhecem:

Na gloria da alegria e da bondade,
Agazalhando os passaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!"

Eu não tenho a mesma impressão da velhice.

Considero envelhecer, um verbo triste. Na minha ansia de medico e de amigo das arvores dóe-me sempre o espectaculo de uma arvore velha agonisando.

O REJUVENESCIMENTO DAS ARVORES

Para evitar silenciosa tragedia do envelhecimento das arvores andei a procurar tambem algum remedio milagroso que pudesse fazer a resurreição das nossas velhas amigas e, com rara felicidade, o encontrei na doçura desta linda trova popular:

"Por cima de um tronco secco
Escrevi o nome teu,
O teu nome era tão lindo
Que o tronco reverdeceu."

Qual será este nome? Não sei se os botanicos, já repetiram a experiencia, nem tão pouco sei se era lindo o nome pelo seus sons ou se lindo era por sêr linda a dona.

Conheço lindos nomes e conheço donas ainda mais lindas; estou ensaiando. Tenho procurado troncos sêccos e vou escrever sobre elles nomes que sei e estou quasi certo de que nenhum resistirá ao encanto destes nomes.

Se assim acontecer, passarei das arvores aos homens e, se o resultado tambem fôr brilhante, como espero, terei certamente de deixar a medicina pela arte de tatuar e não chegarei, por certo, para attender aos "Faustos" innumeraveis que virão de todos os lados buscar na minha agulha magica o maravilhoso "Elixir da longa vida".

Eu não me tatuarei, porém; preferirei morrer com o meu segredo para não assistir e para evitar a guerra tremenda que haveria de vir quando o mundo ficasse pequeno e as margaridas escasseassem...

A SECCA

Mas não é só a velhice que faz soffrer as arvores. Ellas soffrem com saudade da terra de sua origem, ellas soffrem quando vivem isoladas e quem não terá ouvido falar na angustia das arvores do sertão quando vem a secca!

E' assim que nos fala da secca, Euclydes da Cunha:

"As arvores sem folhas, de galhos retorcidos e seccos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo sólo lembrando um bracejar immenso, de tortura da flora agonisante."

Quem já palmilhou os nossos sertões do nordeste em época de estio, não esquecerá esse quadro de angustia que Euclydes descreveu, não conseguirá tirar da imaginação aquella paisagem triste e cinzenta como se um incendio tivesse lavrado e houvesse deixado apenas, sob um céo de aço, espectros de cinza. Nem a sombra de uma aza, nem o éco de um gorgeio. O olhar do viajante bebe a tristeza contagiosa da paisagem e as almas mais alegres não resistem a angustia communicativa das arvores agonisantes. "Ha alli, toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e ardores de verão!". Até que um dia, depois da furia de uma tempestade, que parece querer levar para as nuvens toda aquella cinza, chega o inverno como uma apotheose e a vida desponta numa resurreição. Todos aquelles espectros de cinza cobrem-se de verde, transmudam-se em flores.

Algumas arvores, porém, não resistem á furia da tempestade, protophonia da resurreição, morrem de alegria. E' isto que nos conta Oswaldo Santiago nesta tragedia lyrica de uma arvorezinha ingenua e bôa:

TEMPESTADE

"A arvore estava na montanha, toda núa,
com os braços longos levantados para o céo
onde uma nuvem, como um cysne negro, se insinua.
Subito, um ruido ecôa na floresta
enchendo o valle de um rumor tumultuoso de festa!

E a arvore, menina ainda, vendo o baile medonho
lá-baixo começar
enfeitou-se com a chuva e vestiu-se com o vento
e desceu da montanha a cantar e a dansar!"

GALERIA DE RETRATOS

Não seria possivel, naturalmente, deixar de dar-vos uma impressão sobre o caracter, a physionomia, a alma de algumas arvores em particular. Eu me alongaria fatigantemente se quizesse desdobrar toda a galeria de esboços para retratos que trago na imaginação, falarei, por isso, somente d'aquellas que me são mais familiares:

AS MANGUEIRAS

As mangueiras, as grandes mangueiras acolhedoras, de fronde larga e de galhos longos como longos braços distendidos para dar sombra e proteger, têm a physionomia tranquilla, honesta e maternal das bôas donas de casa, carinhosas mãmas, que sabem receber, com doçura e simplicidade, como as antigas senhoras dos engenhos que a civilisação e o progresso vão tornando cada vez mais raras.

"Vim para o campo, para a vida quieta.
E á sombra maternal de alta mangueira,
Passo os dias entre a verdadeira
Calma que as cousas simples interpreta."

Diz Olegario Marianno e o poeta pernambucano França Pereira é assim que fala da mangueira:

"Essa ampla sombra alviçareira e bôa,
A's scismas grata e ao repousar suave,
Lembra de um templo a solitaria nave,
Que uma cupola verde, a rir, corôa.

Altares são seus ramos. Cante uma ave,
E é missa o doce encanto que ella entôa,
Quando surge a manhã ou quando sôa
Da Ave Maria a hora triste e grave!"

A' sombra da mangueira o ar tem uma doçura e uma transparencia que convidam ao repouso, ao somno e ao sonho. A sombra da mangueira acolhe, aconchega e embala e até as suas folhas tangidas pelo vento, parecem cantar cantigas de ninar: "Tutú Marambá, não venhas mais cá..."

COQUEIROS

São pacificos os coqueiros, os bellos e calmos coqueiros, o grande motivo esthetico de nossas praias do norte "deante de cuja graça fragil o oceano se vem rojar aos pés". (Joaquim Nabuco).

Simples, de habitos pouco exigentes, os coqueiros amam a visão das cousas grandes e longinquas, estendem para o céo seus braços flexiveis de dansarina e bailam ao vento e olham o mar verde, profundo e mysterioso, com muito menos preoccupação e muito mais alegria do que as ingazeiras que se reclinam meditativas e paradas á margem tranquilla dos regatos com o ar compassivo e carinhoso de enfermeira velando doentes...

E' que o coqueiro é displicente, tem a serenidade do sabio, não se assusta nem se assombra com a natureza mysteriosa e ameaçadora; elle sabe que o mundo e um equilibrio que nada romperá, elle sabe que o mysterio do mar e a furia dos ventos valem tanto como a violencia fragil das creanças e que tudo ha de ser como é, e tudo ha de continuar assim pelos seculos a fora...

Elle ve e sente e reflecte que este mar terrivel e profundo, sobre o qual se debruça despreoccupado e que parece ameaçar ceos e terra, ha seculos que cresce em ondas ameaçadoras mas, acaba sempre por vir rojar-se languidamente aos seus pes, nestas brancas areias das praias do norte que Humberto Carneiro já, tão bem e com tanta ternura, estylisou no seu livro de contos que são aquarellas.

Maria Neves acreditava que o coqueiro era um joguete do vento:

"Já reparaste accaso no coqueiro
quando sob um ceo baixo
o vergasta, em lufadas, o aguaceiro?
Que balançar do caule agigantado!
Que mover fartalhante do pennacho!
Certo lhe deras, vendo-o assim, o intento,
O intento alucinado
de espanejar, limpar o firmamento
das brumas do nevoeiro.
No entanto, o coqueiro
nada mais e, no louco movimento
que um joguete do vento..."

Antonio Salles já lhe attribue uma missão bem mais dôce e bem mais alta, a de autor da brisa:

"Os coqueiros tremulantes
São ventarolas gigantes:
É delles que vem a brisa
que deslisa..." (Na avenida)

Goulart de Andrade o vê oscillando "como pendula invertida". (sobre a nevoa verdejante).

Carlos Dias Fernandes tem-lhe menos sympathia:

"Solitario coqueiro miserando,
Que as tormentas não deixam socegar
E de continuo, as palmas agitando
Pareces um vezanico a imprecar..."

(Briareu e centimano)

Não creio que elle se irrite com a natureza. O coqueiro se diverte com o vento, baila com elle, na alegria despreocupada de quem não teme. O coqueiro é um bom epicurista que sabe transformar em prazeres, mesmo as agruras da vida... Elle é o companheiro inseparavel dos nossos lyricos:

"Tem um coqueiro do lado a casinha pequenina onde nascem todos os amôres do nordeste", e em torno da cabana onde os poetas querem viver felizes com o seu amôr, crescem sempre coqueiraes...

O nosso coqueiro, pacifico e displicente, é uma arvore simples e bôa, seus fructos são fartos, suas flôres levemente perfumadas e a sua folhagem longa e ondulante, que a natureza fez para o bailado eterno do vento, tem um cheiro caracteristico e suave de praias brancas, de mares verdes, de velas pandas, de sol de festa...

O CAJUEIRO

O cajueiro é o bohemio de nossos longos arraiaes do littoral nordestino, suas raizes fracas e imprevidentes mal se firmam no solo frouxo, e, quando a arvore cresce e a fronde se alarga para a floração e para a vida, o vento que vem do mar o deita ao chão e não raro o põe de raizes á mostra.

Outra arvore qualquer, menos preguiçosa e menos bohemia, morreria de vergonha e de humilhação ou reviveria em ramos nóvos que de novo se elevassem para o azul; o cajueiro, porém, não se altera, fica deitado indifferente a tudo como planta rasteira, e confundido com as gitiranas e os espinhos, continúa a florir e continúa a viver contente de sua sorte e fazendo o humorismo de dar-nos como fructo, um pedunculo que satisfaz a gula das creanças e dos passaros que assim se esquecem muitas vezes da semente.

Chama-se cajueiro, mas o seu fructo é a castanha.

No sertão porém o cajueiro (anacardia humilis) se defende, seu tronco e seus ramos se aprofundam na terra como se toda a arvore se escondesse para evitar a furia do sol. Sahem do solo apenas as pontas dos ramos viçosas e resistentes.

O cajueiro é a arvore popular das praias do nordeste e motivo corrente das trovas populares. Diz assim Juvenal Galeno:

"Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
Eu tambem sou pequenino
Carregadinho de amôr."

O DENDESEIRO

Arvores ha, porém, que são aggressivas, irritadas com a natureza, fechadas a toda a ideia de cordialidade com os homens e com o mundo. Seu aspecto é duro e provocador.

"As palmas retremendo ao sol da tarde mansa
Luzem scintillações de laminas de lanças" —

observou Arthur de Salles.

O dendeseiro dá-nos, realmente, esta impressão. O seu tronco é aspero, irregular e rijo, suas folhas, têm espinhos e a sua copa eriçada parece mais o pennacho duro de chapéo de salteador dos contos de creança que a pluma graciosa dos cavalheiros medievaes que corôa o coqueiro. Seu fructo oleoso, até os seus fructos e as suas flôres, têm espinhos; em vez do bem-ti-vi e do sabiá ternos ou alegres, os seus fructos, sem cheiro, attrahem os urubús de voz rouca e roupas de lucto e habitos macabros.

O dendeseiro é o cangaceiro a espiar nos desvãos da floresta, esterilisando o terreno com suas raizes ávidas e com os seus fructos que parecem pedras negras, polidas como seixos.

A MACAHYBEIRA

A macahybeira, pesada e ventruda, de fructos sem graça e sem gosto, é toda um arsenal de guerra, blindada até aos fructos, cheia de espinhos, aggressiva e terrivel na sua incompatibilidade até com as aves que não a procuram e com os homens que as respeitam.

O BURITY

Outras, sem serem pacificas, têm o seu ar marcial do bom guerreiro que lucta por um ideal e morre por um beijo. Assim é o burity, palmeira linda, cujo tronco lembra a malha dos cavalheiros e cujas folhas lembram lanças e lembram leques e cujos fructos são joias. — O burity é guerreiro medieval que lucta porque luctar é o seu destino, mas beija o inimigo ferido, não fere pelas costas e não tripudia sobre a fraqueza.

Eu não vos furtarei o prazer desta linda pagina de Affonso Arinos:

"Velha palmeira solitaria, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, veneravel eponymo dos campos!

No meio de campina verde, de um verde esmaiado e merencoreo, onde tremeluzem ás vezes as florinhas doiradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céu as palmas tezas. — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me appareces como o poema vivo de uma raça quasi extincta, como a canção dolorosa dos soffrimentos das tribus, como hymno glorioso de seus feitos, a narração commovida das pugnas contra os homens de além!

Por que ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cégo da Illiada commovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!"

E mais adiante:

"Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evohé!"

A PALMEIRA REAL

Na floresta, na sua barbara promiscuidade ou nas cidades, selecionadas, as arvores guardam sempre a sua hierarchia e, emquanto umas são sempre plebeas as outras mostram sempre a sua linhagem.

Assim como "na floresta humana ha homens que verdadeiramente são palmeiras", como disse Hermes Fontes, ha tambem na humanidade vegetal arvores que verdadeiramente são fidalgas.

A palmeira é bem uma rainha a quem as outras arvores parecem acompanhar sempre como sequito. As suas varias especies são bem uma apurada linhagem de principes, duques e condes.

A palmeira real com o seu caule branco, que não verga nem dobra, seus cachos de flores em sabre, seu lindo pennacho que parece de plumas altas, austeras, elegantes e fidalgas, transpondo a copa de todas as arvores e com a sua ultima folha sempre em lança, como se toda ella fosse uma bandeira flammulando ao vento, como a chamou Euclydes da Cunha, com as suas palmas verdes e amarellas, é sem duvida a rainha da nossa flora.

Isoladas, as palmeiras parecem dominar toda a vegetação em torno; reunidas, em alamedas, parecem uma parada de lanceiros, bem alinhados, bem fardados, altivos, arrogantes...

Ha homens que lembram palmeiras, Alberto de Oliveira o principe dos nossos poetas, é bem a palmeira, na sua linhagem artistica; seu escudo deveria ter a nossa palmeira real, em campo azul de céo cheio de estrellas.

Aliás foi o proprio Alberto de Oliveira que disse:

"Ser palmeira! Viver num pincaro azulado
Vendo as nuvens mais perto e as estrellas em bando
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando...
.....
Ser palmeira, depois de homem ter sido! esta alma
Que vibra em mim, sentir que novamente vibra,
E eu a espalmo a tremer nas folhas, palma a palma,
E a distendo, a subir, no caule, fibra a fibra;"

A LARANJEIRA

A laranjeira é uma pequena arvore bem feminina. Ingenua, delicada e lyrica, tem espinhos que ferem sem piedade, tem flores que encantam e fructos de ouro que attrahem. A laranjeira é assim uma bella e perfumada tentação.

J. A. de Almeida, é assim que se refere a uma laranjeira: "Uma laranjeira moça e roçagante como que se ajoelhava para casar com veu e grinalda."

Esta comparação feliz tem, aliás, occorrido a outros escriptores, Gilka Machado, por exemplo, diz assim em "Dentro da Noite":

"As laranjeiras estão floridas
E, sob o veu do luar,
De branco assim todas vestidas
Parecem virgens a caminho para o altar."

Goulart de Andrade tambem tem da laranjeira uma impressão quasi igual:

"Num veu bem alvo a laranjeira
Mostra-se então
Como a donzella indo á primeira
Communhão."

Eu por mim devo dizer que já vi uma laranjeira literalmente de veu e grinalda.

Foi na Bahia. No dia seguinte á minha chegada para o ultimo Congresso Brasileiro de Hygiene, ainda de madrugada, levantei-me para namorar as arvores e encontrei, a poucos metros da minha janella, uma laranjeira florida, coberta com um veu, uma velha cortina com que lhe pretendiam proteger as flores contra os passaros e os insectos.

O GAMELEIRO

Ha arvores facinorosas, arvores terriveis, cuja folhagem, cujo tronco, cujas raizes, cujo fructo, cujo latex que corre em suas veias, dão, desde logo, a impressão do veneno e da maldade; seus fructos ninguem come, seu tronco de nada serve, sua sombra é irregular, sua copa é feia e mysteriosa. Assim é o matapáo que muitas vezes brota pelos beiraes das casas velhas, de architectura ingenua e bôa, que a arvore terrivel parece ter pressa de destruir; assim é o gameleiro que vemos todos os dias agarrado ás outras arvores em abraços fataes.

E' o matapáo de quem Monteiro Lobato, pela voz de um caboclo, conta a tragedia muda do seu abraço criminoso:

"Começa "assimzinho", meia duzia de folhas piquiras: bóta p'ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vae tudo, sempre n'aquillo, nem p'ra mais, nem p'ra menos, até que o fio alcança o chão. E vae então o fio vira raiz, e pega de beber a sustancia da terra. A parasita cria folego, e cresce que nem embaúva. O barbantinho engrossa todo o dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de arvore e matando a mãe, como este guampudo, concluiu dando com o cabo do relho no meu gameleiro.

— Com effeito! E a arvore deixa?

— Que é que ha de fazer? Não desconfia nada, a boba.

Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas imagina que é parasita, e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Quando a malvada ganha alento, e agarra de engrossar, é que a arvore sente a dor dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso d'ahi para diante é o matapáo. A arvore morre e deixa a lenha pôdre dentro delle.

Era isso mesmo. O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, bichado, a desfazer-se em carcoma. Viam-se por elle acima, intervallos, os terriveis cingulos estranguladores, hoje, inuteis, desempenhada já a sua missão constrictora, esses anneis jaziam frouxos e atrophiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Lacoonte, na vibora aquecida ao seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratidão. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era uma creatura simples, puro dos vicios mentaes que inoculam livros. E cavalgámos de novo e partimos."

O FLAMBOYANT

E' preciso não ter sensibilidade para não sentir a belleza de um "flamboyant" quando, uma vez ou outra, nos surge florido nas estradas ou nos campos como se a paisagem sorrisse e nos dissésse o bom gosto de um antepassado cuja mão generosa e abençoada ali o deixou.

O "flamboyant" é a arvore ruidosa por excellencia; sua copa, vermelha como fogo, no meio da folhagem verde das outras copas, é uma gargalhada communicativa e ruidosa de guerreiros, festejando victorias.

O PÁO D'ARCO

O páo d'arco, cuja floração é um milagre de alegria e de belleza arrancou de J. A. de Almeida, na "Bagaceira" esta encantada descripção:

"Dominava ainda a esmeralda tropical. Mas com pouco, emergira o mesmo matiz em outro trecho visinho como um beijo de luz, um beijo fulgurante do sol em arvore favorita. E logo, o páo d'arco assoberbou a flóra, como um banho de ouro na folhagem."

Esta apotheose do páo d'arco, ao qual muitos no Sul chamam ipé, suggeriu a Afranio Peixoto esse expressivo *haikai*:

O ipé florido,
Perdendo todas as folhas
Fez-se uma flor só.

AS ACACIAS E OUTRAS ARVORES LYRICAS

As acacias côr de rosa parecem cantar baixinho balladas lyricas pelos caminhos, na timida expansão de adolescentes que tivessem perdido com a innocencia a alegria ruidosa da infancia aos primeiros susto das primeiras florações. As acacias, em tudo femininas, dansam ao vento com seus grandes ramos curvos e lentos de folhas miudas o seu bailado ainda infantil e já ondulante, ao sopro em surdina das brisas que passam.

As sibipirunas, são doces e ingenuas, sua folhagem delicada tem um ar innocente e alegre de collegiaes em festas de primeira communhão.

As pitombeiras mudam de roupa para as festas do natal, perdem todas as folhas velhas e cobrem-se de repente de folhas novas e de flores.

As tamarineiras vestidas de renda e de gaze não mudam o figurino mas o vento dá-lhes sempre um encanto novo e imprevisto.

As arvores não choram e riem somente, ellas tambem se revoltam, tambem gritam, tambem sabem imprecar.

OS CACTUS

Eu vos quero lembrar a physionomia dura e impassivel dos nossos cactus do sertão, madacarú, symbolo da resistencia heroica da nossa raça, brotando no solo duro e secco, em plena areia dos quasi-desertos, ou sobre a rocha viva e ardente, sempre verde em meio da natureza que de ardente já é toda cinzenta, a estender para o alto os seus braços hirsutos de espinhos, apontando-os para o céo de aço, como a protestar, numa imprecação, muda e feroz, contra a violencia da secca e a indifferença de Deus.

Como os joazeiros, os trapiás, as baraunas raras, e os umbuzeiros, o mandacarú resiste a todos os rigores da secca impiedosa do sertão.

E' assim que Costa Rego Junior, em uma poesia inedita, nos contra a resistencia epica de mandacarú que ainda floresce e fructifica quando toda a natureza em torno parece asphyxiada e morta.

MANDACARU'

"Dezembro. A terra sente-se abrazada
Sob o beijo de fogo do verão!
A' mingua d'agua foge a ave apressada;
Morre o animal; morre a vegetação.

Sentindo do nordeste a desventura,
Canta o sabiá, mais triste, a sua magoa...
E a arvore, erguendo os braços para a altura,
Implora a esmola de uma gotta d'aguá...

O boi, que folhas seccas já não come,
Escava a terra que, aos seus cascos, céde;
Roendo raiz, para matar a fome;
Lambendo o suor, para enganar a sêde!

A catinga seccou; seccou o açude...
Já seccaram os corregos, tambem!
O caboclo, saudoso, que se mude
E deixe o lar, que é tudo quanto tem...

Mas, na paisagem morta e pardacenta,
Em meio do arvoredo quasi nú,
— Padrão de resistencia — se apresenta
O porte verde do mandacarú!

Com os espinhos agudos se defende
Das aves, da volupia das abelhas...
E, emquanto tudo morre, não se rende;
Abre as flores sangrentas e vermelhas!"

OS SALGUEIROS

Os pallidos salgueiros, ternos, de ramos longos a lembrar á margem dos lagos, cabellos verdes de nymphas ou yaras a se arrastarem como tranças sobre a agua dormente ao balouçar do vento, acariciam tristemente, magoadamente, pacificamente, a superficie parada das aguas.

Alvaro Moreyra, com a sua poesia deliciosa de simplicidade, é assim que entende os salgueiros:

"Salgueiros tremulos, bellos,
Meus camaradas tão bons!
Vós sois como violoncellos
Onde o vento acorda sons."

Fui visitar o tumulo de Musset; fui ver o salgueiro evidentemente feminino que o poeta eternisou na sua inesquecivel quadra e ao qual se uniu para a vida e para a morte. Nunca mais me sahirá da retina aquelle tumulo simples á sombra pallida de um salgueiro cujas folhas cahindo como tranças ou como lagrimas verdes, o envolvem de uma caricia longa silenciosa e triste que muitas gerações não verão terminar...

OS CYPRESTES

As cazuarinas são arvores tristes, umas longas, hirtas e immoveis como cyrios, outras esgalhadas para que as suas folhas que escorrem do tronco como lagrimas chorem baixinho, ao sopro do vento, num gemido longo e dorido.

Triste, de uma tristeza dôce e conformada, todos os cyprestes são mais ou menos como aquelle que cobre o tumulo do poeta persa Hafiz á margem do rio Buknabad. Quem passa por aquelle logar de recolhimento e meditação póde ainda vêr o cypreste que o poeta plantou para o seu tumulo e que como elle desejava, continúa a projectar "uma longa sombra calma sobre a poeira dos seus desejos".

E' ainda sobre o cypreste que Phetion de Villar disse em um soneto fortemente descriptivo ao qual deu o nome de "Paisagem Arabe":

"Cedro triste e espectral, como um grande I maiusculo,
De pé, na incendiação vermelha do crepusculo".

O que é certo é que os cyprestes choram... Choram porque vivem no cemiterio? Ou já foram para os cemiterios porque choravam? Já agora não ha como consolar os cyprestes.

OS INIMIGOS DAS ARVORES

Mas, senhores, se as arvores têm uma physionomia que as distingue, porque esta insistencia incomprehensivel com que certos jardineiros teimam em tirar o seu caracter?

Eu sou radicalmente contra a pratica de aparar todas as arvores, uniformizando-as como militares ou mascarando-as como para um baile de phantasia. Ha arvores que se podem aparar sem deformar mas ha outras que aparadas perdem completamente a sua expressão.

Não concordo com os que querem todas as arvores barbeadas e de cabellos aparados como toda a gente.

As arvores aparadas, todas iguaes, em semi-espheras, pyramides ou cylindros verdes, symetricas e uniformisadas como soldados em linhas pelas calçadas ou dentro dos parques são como que uma grande, chronica, inexplicavel e inexpressiva parada.

Havia em Maceió quando por lá passei, ha uns tres annos, um parque que tinha as arvores todas iguaes, todas cylindrincas, todas baixas e por isso parecia mais um taboleiro de confeitaria em que o pasteleiro fizésse a extravagancia de expôr sómente bolos verdes, do que um parque ou um jardim.

A acceitar, como boa, tal pratica, melhor fôra substituir as arvores por modelos de cimento armado, pintadas de verde ao longo das ruas ou disseminadas pelos parques. Isto seria muito mais pratico e muito mais barato, bastando fincar no solo, como postes ou como guarda-chuvas as arvores artificiaes porque ellas estariam, desde logo, proporcionadas e promptas para dar sombra o resto da vida sem necessidade de agua nem de jardineiro.

Eu não quero dizer que se deva deixar viverem as arvores da rua a mesma vida livre e bravia das florestas, tão pouco que se deixem seus ramos indiscretos entrarem pelas janellas das casas, quebrarem os fios da illuminação, interromperem o transito, fecharem os caminhos como nas selvas.

E' preciso sem duvida, orientar os seus ramos, conter os seus excessos, educal-as, dar mesmo forma especial a grupos de arvores para campos e jardins, nao, porém, a ponto de fazer nos parques pyramides com arvores que sao em cupolas, arredondar copas que sao longas ou que sobem em pennacho. Ha naturalmente pyramides e cupolas naturaes expontaneas a aproveitar.

Não cortar rentes pelo mesmo figurino as cabelleiras de todas as arvores; as copas das mangueiras são naturalmente arredondadas e lizas; as dos oitis são alongadas e symetricas; a dos cyprestes se alongam em pyramides e em cones hirtos e severos como cirios; os salgueiros só serão salgueiros e só serão choroes, com as suas longas cabelleiras a arrastar pelo chao, desgrenhados como quem chora por magua de amôr...

Um salgueiro de cabellos aparados a nazareno, como eu já vi, é um contrasenso, é uma injuria, chega a ser ridiculo!

Ha arvores para rua e arvores para parques. E' claro que o salgueiro não e arvore de rua. Nos parques, o melhor será deixar que as arvores vivam tanto quanto possivel a sua vida brava para que os parques adquiram este aspecto sincero de pedaço de floresta, que por esquecimento tivesse ficado conservado por entre a casaria, dura e secca, e, que seja, o melhor possivel e o mais vivamente possivel, um contraste com a cidade.

Os parques devem dar a impressão de que os motivos decorativos alli reunidos, são bellos motivos reaes que o accaso juntou, e que por alli ficaram com a sua physionomia natural.

Que se reunam, pois, os mais bellos motivos, que se combinem as physionomias das arvores com a dos arbustos e das plantas rasteiras, com o ambiente e tudo se associe com graça e symbolismo.

Cada parque deve ser uma evocação e, sempre que possivel, deve educar a visao do povo e traduzir o bom gosto e até o sentimento da época que o produziu.

Os jardins podem ter um apuro ainda maior e uma expressão mais civilizada. De uma feita, para compôr um ambiente propicio á meditação e ao estudo e para homenagear um sabio, traçamos um jardim e assim o descrevemos:

"Nada se poupou em rigores, para que elle fosse bello e evocativo.

Em cada canto e em cada planta houve uma intenção. Tudo aqui se reune para exaltar o sabio e o poeta, o pesquizador e o patriota.

As arvores novas que aqui vicejam e crescerão, devem representar os carinhos das gerações futuras; os velhos coqueiros que foram conservados, devem demonstrar o zelo das gerações que passam e da velhice fecunda, pelos feitos do sabio e do patriota; o lago que aqui deixamos a refletir o azul infinito do céo, deve-significar a grandeza de nossos designios e o nosso respeito pelas coisas infinitas e eternas.

Aqui plantamos palmeiras reaes e modestas verbenas, arvores que dão fructos, e arvores que dão sombra, arvores que ornamentam e arvores que produzem, significando que lhes devem ser igualmente caras as homenagens dos grandes e dos pequenos, dos que produzem trabalho praticamente util, e dos que encantam a vida, dos operarios e dos artistas.

Abrimos uma área para trazer-lhe tambem, de vez em quando, a homenagem quasi divina dos sons.

No logar de honra traçámos uma cruz e no centro della, entre plantas vermelhas como sangue, elevamos a herma do nosso idolo, como altar a indicar o seu martyrio e a sua gloria.

Em torno do monumento, pois, toda a natureza, dominada e harmonizada, falará da sua vida e de nosso culto, festejando-o com as suas galas".

(*Termina no fim do numero*).

ENLACE PAULO BONESCHI
ODELIA BELÉM
Realizado na residencia do Dr. Melciades Porchat
S. Paulo — 3 de Agosto de 1928

Caminho de Pirapóra

O caminhão da "Folha da Noite", deixou São Paulo de manhãsinha, furando a cerração.

Estrada de Osasco, batida de autos. Dois á nossa frente e outro lá atraz, forcejando nas rampas. Vae tudo para Pirapora.

Manhã festiva. Preparações de um domingo bonito.

O sol vae puxando devagarinho a cerraçao das estradas. Estiram-se curvas e rectas alegres. Cada ponta de morro atira circulos de horizontes nos olhos da gente.

Avistam-se outros automoveis que vão pra festa, rabeando uma ponta de poeira. A gente, com uma afflicção de velocidade faz torça pra alcançar e, quando alcança, parece que ha uma certa confraternisação com a machina.

Eta, fórde, bom!

Perde-se lá atraz um resto da canção:

"Deixa a malandragem si és capaz".

—

A festa de Bom Jesus da Pirapóra, é mesmo uma grande malandragem.

Vão dezenas, dezenas e centenas de automoveis.

O que faz a festa é o samba. Dansa da terra. Baile nacional, onde o negro brinca de rei nas tamboreadas da dansa do Congo.

A parte religiosa é sempre a mesma. A mesma fé e o apparato das outras festas do nosso sanctoral catholico. Parece que o catholicismo foi feito especialmente para o Brasil. Tropical e apparatoso, com essas concessões profanas que fazem a alegria do nosso povo.

— Êta Brasil cheio de milagres. Não ha como ter fé em "são bom jesus de Pirapóra", diz o caboclo.

—

A historia do santo é assim, contava-me, ao lado, o chôfer, de olhos attentos, grudados na estrada:

"— Uma vez, — isso era ainda no tempo dos indios, — os homens da fazenda da Pirapóra acharam uma imagem nadando nas aguas do Tiété. Foram depressa avisar os patrões. Então veio tudo correndo para salvar o santo das corredeiras do rio.

Salvaram e logo fizeram na margem direita uma capellinha de palha.

Quando a Camara de Parnahyba soube disso, mandou buscar a imagem para a igreja da villa.

Veio padre. Veio autoridade. Veio gente de toda a parte para levarem o santo em procissão, numa carreta nova.

Mas quando Bom Jesus chegou num lugar chamado Cruz de Pedra — pra que? — não houve geito dos bois quererem ir pra frente.

Levaram dois dias nesse vae-não-vae, até comprehenderem que o santo de geito algum queria morar na villa.

Então voltaram. Levaram a imagem na mesma capellinha e nesse lugar ficou até hoje. E' essa a historia.

—

Mas uma historia puxa outra historia.

O "Periquito", um linotypista de primeira, que já vinha puxando um pouco por conta da festa, lembrou-se de outros casos.

— Olha, dizia elle, apontando para um determinado ponto da estrada:

Isso aqui era o matto do pae Antonio. Antigamente, as carretas não passavam aqui nas noites de lua. Pousava tudo atraz do morro Cala-bocca. A certa hora da madrugada o matto ficava numa enorme desordem, todo revirado, com raizes das arvores voltadas pra cima, de castigo, até a hora de clarear o dia. Uns diziam que eram artes da mula sem cabeça, não é verdade, seu Flavio?

— E' isso mesmo, confirmou o chôfer.

—

Desse geito, com mais de uma hora de marcha firme, encordoados numa fileira de autos, chegamos em Parnahyba, a terra onde Bom Jesus não quiz morar.

Movimento de gente no largo da matriz.

Soldados de fardão decorativo no meio do povo.

Barraquinhas e budegas abertas.

Laranja bôa. E caninha... da bem bôa.

—

Dia bonito, Claro e desamarrotado, com grandes collaborações de sol.

O caminhão vae alegre, de marcha firme, dansando nas curvas.

Movimento de autos cada vez mais intenso.

— Pirapóra é Pirapóra.

— Ahi Periquito.

Fonfoneiam lá atraz pedindo passagem. Desafoga-se a estrada. Passam os autos mais apressados. Agora um grillo de motocycleta dispára nas rampas. (Eh! doido!)

Lá adeante, no fundo do scenario espaçoso avista-se um estirão do Tieté.

Dormem sombras do matto dentro dagua. Parece que o velho rio anda meio aborrecido, obrigado a trabalhar, depois de velho, nas reprezas da Ligth!

— Elle que ensinou o primeiro caminho por dentro do Brasil!

— Que levou, nas monções, os marcos de pósse del-rei.

— Tieté, pae de São Paulo.

— Padrinho da conquista do Oéste. Até a beira do Chaco. Quasi até a ponta dos Andes.

(Gente ingrata!)

Venderam o velho rio...

Agora começa a estrada tragica.

Dois morpheticos de pé, braços pro céo, pediam esmolas. Rostos descascados. Olhos inchados debaixo de um toco de palpebras.

Mais adeante, numa curva, outro grupo. Levantam-se como arvores seccas á beira da estrada.

Um moço mostra as gengivas sem dentes, beiços cahidos, babando.

Seguem-se barracas de panno. Umas aqui. Outras lá adeante, formando acampamentos.

Mulheres despenteadas, de cara encaroçada e orelhas sangrando, avançam até meia estrada, reclamando nickeis.

De uma ramadinha improvisada correu uma criancinha, loira que fazia pena, estendendo o bracinho com o signal da herança maldita.

Isso era triste, de arrepiar a gente.

Um pouco adeante, num acampamento de lazaros em torno da "casinha do Henrique", resolvemos parar.

— Pra que parou, perguntou logo um rapaz de physionomia secca, typo bonito e loiro, com ar de chefe, — polainas e um porretinho na mão.

— Somos gente de jornal. Desejamos conversar com os senhores. Os senhores são nossos patricios. São iguaes a nós. Têm direitos como nós.

— Qual. Isso é só conversa, disse o moço seccamente.

O Annibal pediu licença para tirar uma photographia.

— Não se deixa, não, respondeu elle.

Veio gente lá do fundo das barracas, falando em voz alta.

— Não se precisa disso, não. Nós já temos mascaras, e mostravam o rosto.

— Nós somos uns cães! cães! cães! gritou outro lá do fundo.

Foi preciso falar, discutir com certa calma. Por fim o China quiz mostrar, com sentimentalidade, que elles eram uns infelizes.

— Não somos infelizes, não senhor. Não precisa ter pena de nós.

Os senhores ainda não sabem nos curar. Os nickeis que os senhores dão não valem nada. Ninguem acceita. O nosso dinheiro é maldito — Somos uns cães! repetiu o outro.

— E é favor se retirar, accrescentou o joven Nietsche dos morpheticos.

Seguimos para deante. Apeamos noutro acampamento á beira do matto. De um lado 13 homens. Da outra margem da estrada 4 mulheres, mettidas numa ramada mal coberta de panno. Esses estavam mais calmos. Perguntamos si não desejavam se internar no Leprosario Santo Angelo.

— Querer, queremos. Mas de que geito. Lá já está cheio. Somos obrigados a andar no matto, escondidos, procurando comida. A policia nos persegue em toda parte. Trata de nós como de cão furioso. De carabina embalada. A gente sahe enxotado de uma cidade. Quando chega-se noutra, é a mesma cousa. E' a sina de sempre. Tudo tem medo de nós. Muitos de nós já têm morrido da peor maneira. Aquelle lá dos lados de Piracicaba, — você conheceu, Felippe; não se lembra? — ah, sei — morreu de frio numa barraca. Ninguem passava ali por perto, de medo.

Quando se soube é porque os urubús já estavam se chegando. Eu mesmo ajudei a enterrar o resto do cadaver. Por isso é que nós precisamos andar sempre meio aos grupos. Uns ajudam os outros.

A conversa tomou toda a variedade. Entrou pelas autobiographias. Um delles tinha sido machinista da Central. O outro tropeiro de mulas. Um outro, açougueiro em São Paulo.

Perguntamos si não se divertiam ás vezes.

— Qual. A nossa vida não pode ter alegria. Temos só uma vez por anno o dia da missa dos morpheticos em Pirapóra. As vezes, muito raramente, a gente brinca de noite na beira do matto.

Faz-se uma fogueira e arranja-se uma musica de latas. Dansa-se um pouco.

Despedimo-nos com um grande abano de chapéo.

Felicidade, meus senhores.

— Obrigado. Mas essa decerto não dá semente...

Um dos morpheticos, sentado num barranco, limpava pacientemente as fistulas mólles com um pauzinho pontudo.

Estavamos dispostos a não parar mais. Essas scenas eram de uma violencia de sensibilidade, que doiam a gente. Mas pouco adeante resolvemos interromper novamente a marcha.

Num outro grupo de doentes achava-se uma rapariga joven, sem apparentar signaes de lepra.

— Mas você tambem é morphetica?!

— Úe. Minha mae tá alli.

Não é possivel. Voce, uma moça tão bonita.

Ella ria. Abafava a alegria na risada. Tinha uns olhos longiquos. Elastica e desempenada. Typo moreno duma israelita. Trajava camisolão azul. Só.

A irmasinha botou a cabeça fora da barraca. Ria. Ria, escondendo o rosto no capim.

— Por que é que voces estão assim alegres?

— Úe. A nossa vida sempre foi assim.

Acompanhavam a mãe nessas marchas tragicas, em retirada continua. Tudo fugia do bando lugubre. De noite marchavam. Passo a passo. Uns a cavallo. Trouxas na cabeça. Algum remedio. Hervas e raizes na sacola. Judeos errantes passando fome.

Tudo fugia. Florestas humanas em marcha, de galhos idiotas e amaldiçoados.

Estavam isolados da vida. Não conheciam a esperança. Desacostumaram-se com a caridade. Foram desconfiando até de Deus.

Para elles só havia de real e positivo, sempre, onde quer que fosse, aquelle espantalho de farda: a policia.

Rumamos para Pirapóra.

Poucos antes de entrar na cidade do santo, um grupo de grilos mandava parar os automoveis, exigindo talão de imposto de vehiculos.

Raul Bopp.

A Boyuna

No céo radioso sangram, esparsas,
Nuvens-montanhas se recolorindo.
Fremem, revôam garças.

De um lado, o verde-negro da floresta
Exhaurida ao calor que sobreresta,
Tritrinando, ziziando, fretenindo.

Além, o rio-mar, de barranco em barranco.

Garças acasalando-se, ás centenas,
Fazem o céo vibrantemente branco,
A desmanchar-se, tumultuoso, em pennas...

Magnetisados, nos igarapés,
O espectaculo espiam jacarés.

Como um passaro que cerrasse as azas,
A cabeça baixando, sem sentir,
O crepusculo, fogaréo pobre de brazas,
Fecha-se á noite que balouça e vae cahir.

A sombra, em derredor, todos os tons annúlla.
Vae não vae a branquissima revoada
Que rareia, em subtil palpitação.

Uma noite amazonica, pesada,
Repentina, terrivel, estrangula
A paisagem, que sepultou na escuridão.

Emmudeceu a Selva inteira. Vagas luzes
Á beira-rio, piscam nos casaes.

— Ó treva angustiosissima-produzes
Nos olhos que te sondam e tacteiam,
A sensação de já não verem mais!

Estranhos silvos, bruscamente, acicateiam
O silencio. Á distancia, ha um clarão multicór.

Dormitando, estremece um caboclo. No rio,
O clarão vagabundo pharoleja:
Saphiriza-se, amarellece, vermelheja.
Approxima-se, toma a fórma de um navio,
Num crescente fulgor.

Os mastros, chaminés, uma esteira dourada
Deixam na correnteza e até na espumarada...

O caboclo distingue vultos, vozes.
Approxima-se mais ainda, gigantesco,
O navio que tem movimentos velozes.

Como é bello! De subito, estupendo,
Um bater de azas a illusão se desarvóra:
Tudo foi sortilegio nababesco!

Inverosimil fauce, que apavora,
Cresce para o homem que, por desfortuna,
Cáe, num pavor, numa alucinação.

É a serpente fantastica! a boyuna,
O monstro horrendo, que tem vôo e garras,
Assumindo, na treva, apparencias bizarras,
Fascinando com a sua luz de maldição...

OLIVEIRA E SILVA

PEQUENA HISTORIA DA VIAÇÃO URBANA

POR CARLOS EMYGDIO

A cadeirinha era um symbolo...

No seu feitio pittoresco tinha qualquer cousa de romantico. Representava a época em que ninguem sabia o que era pressa. Era usada pelas damas nobres que não queriam sujar os finos sapatos de polimento com a poeira das ruas, pelas moças fidalgas que primavam pela elegancia, e pelos senhores potentados que dispunham de escravos. Emfim, a cadeirinha era mais um adorno do que uma utilidade.

As estreitas e sinuosas ruas da cidade, cheias de poeira e esburacadas, eram constantemente percorridas pelas cadeirinhas, nas quaes musculosos escravos carregavam os seus ricos senhores, que emquanto estavam naquelle palanque movel, conservavam o aspecto sereno e altivo dos semi-deuses.

No dia da chegada do Principe Real, acompanhado de sua numerosa comitiva, a cidade esteve em festas.

As cadeirinhas que desciam do Engenho Velho, do Caminho de S. Christovão e do Cattete, chegavam de instante a instante ao local do desembarque, conduzindo ricos senhores que queriam ter a honra de beijar a augusta mão do Principe Regente.

Mas a proporção que a cidade se desenvolvia para os lados de S. Christovão e Botafogo, formando novos arrabaldes, as cadeirinhas iam sendo desprezadas. A população começou a ter necessidade de meios de locomoção commodos e rapidos. Por isso pensaram em substituir as cadeirinhas romanticas.

A cadeirinha dos tempos coloniaes

Foi assim que o Principe Regente, nove annos depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, concedeu a Sebastião Fabregas Surigué, privilegio exclusivo para estabelecimento de coches e seges, que deviam transitar entre a cidade e a Quinta da Bôa Vista e a Fazenda de Santa Cruz.

Como curiosidade transcrevemos um pequeno trecho do decreto:

"Propondo-se Sebastião Fabregas Surigué, meu criado, estabelecer coches e seges de posta, em que possam com mais facilidade e commodo ir para a minha Real Fazenda de Santa Cruz e voltar no mesmo dia para á cidade, as pessoas que, para terem a honra de beijar a minha augusta e real mão, etc."

Os coches de Surigué seriam puxados por quatro animaes e deveriam sahir ás quatro horas da manhã da cidade, com destino a Santa Cruz, de onde regressavam ás 10 horas da noite. A viagem, segundo o calculo, não podia durar mais de seis horas. A passagem foi fixada em oito mil réis, que naquella época era muito dinheiro.

Quando o Principe Regente estivesse em S. Christovão, não havia transporte para Santa Cruz.

No anno seguinte, talvez por ter fracassado o projecto Surigué, foi feita a Joaquim José de Mello uma concessão identica, pelo prazo de dez annos.

Os empregados de Joaquim José de Mello, que trabalhavam nos coches e seges, gozavam a regalia de não serem recrutados para o serviço militar.

O serviço de transporte foi iniciado por dous carros puxados por tres parelhas, que eram mudadas em varios pontos do caminho. Cada carro conduzia seis pessoas e as respectivas bagagens. Tambem como na concessão dada anteriormente a Surigué, havia uma clausula que declarava não ter transporte para Santa Cruz, quando o Principe Regente se achava na quinta de S. Christovão.

Foi então que a Estrada Real de Santa Cruz teve os seus grandes dias, conforme affirmou Vieira Fazenda, o notavel historiador da cidade numa de suas eruditas chronicas.

"A frequente passagem do sequito real, de tropas a cavallo e a pé, de carruagens dos ministros de Estado, de cavalgadas dos nobres, empregados, reclamantes, peticionarios e *engrossadores,* que iam receber ordens e ter a honra de beijar a mão de Sua Alteza o Principe Regente, passaram a animar o antigo caminho aberto pelos jesuitas, antes do anno de 1759".

Afim de explorar a industria de transportes em carruagens pelas ruas da cidade, em 1821 foi concedido privilegio, por dez annos, a João Baptista Bounelle, cujo resultado pratico ficou na historia da viação urbana completamente desconhecido.

Emquanto fracassavam todas as tentativas do estabelecimento de transportes em coches e seges, que percorressem as ruas da cidade e fossem até aos arrabaldes distantes, os proprietarios de algumas cocheiras installadas na rua da Carioca, no largo do Rocio e na travessa da Barreira, faziam excellentes negocios, alugando cavallos á hora.

A vida da cidade corria serena.

Em 1837 appareceram as gondolas e os omnibus, que partiam da praça da Constituição com destino a S. Christovão, Botafogo, largo de Segunda-Feira e Engenho Velho, cobrando pela passagem apenas 320 réis.

Esses vehiculos faziam seis viagens por dia.

Nessa mesma época varias barcas a vapor começaram a cortar a Guanabara, levando passageiros do largo do Paço para Botafogo e S. Christovão, navegando apenas de sol a sol.

Em 1846 os tilburys, á 1$000 a hora, iniciaram o serviço de transportes pelas ruas esburacadas da cidade. Funccionavam das 7 horas da manhã ás 11 horas da noite.

Não iam, porém, além da Gloria, Rocio Pequeno (Praça 11 de Junho), cáes da Imperatriz (Saude), e Chafariz de Catumby.

Quasi ao mesmo tempo surgiram os Cabos Fluminenses, as Urbanas e as Gondolas Fluminenses, carruagens essas para rapidos percursos no centro da cidade, mas que ás vezes iam até aos arrabaldes proximos.

As andorinhas — que todos conhecemos — foram postas em circulação em 1849, pela firma Ruffier Martelet & Cia.

Por decreto de 24 de Outubro de 1850, foi concedido a Honorio Francisco Caldas, por 20 annos, o privilegio exclusivo para estabelecer e entreter uma companhia de omnibus entre a Capital do Imperio e a villa de Iguassú, da então Provincia do Rio de Janeiro.

Theodor Klett lançou as *Diligencias* em 1853. Foi esse o primeiro meio de locomoção verdadeiramente popular.

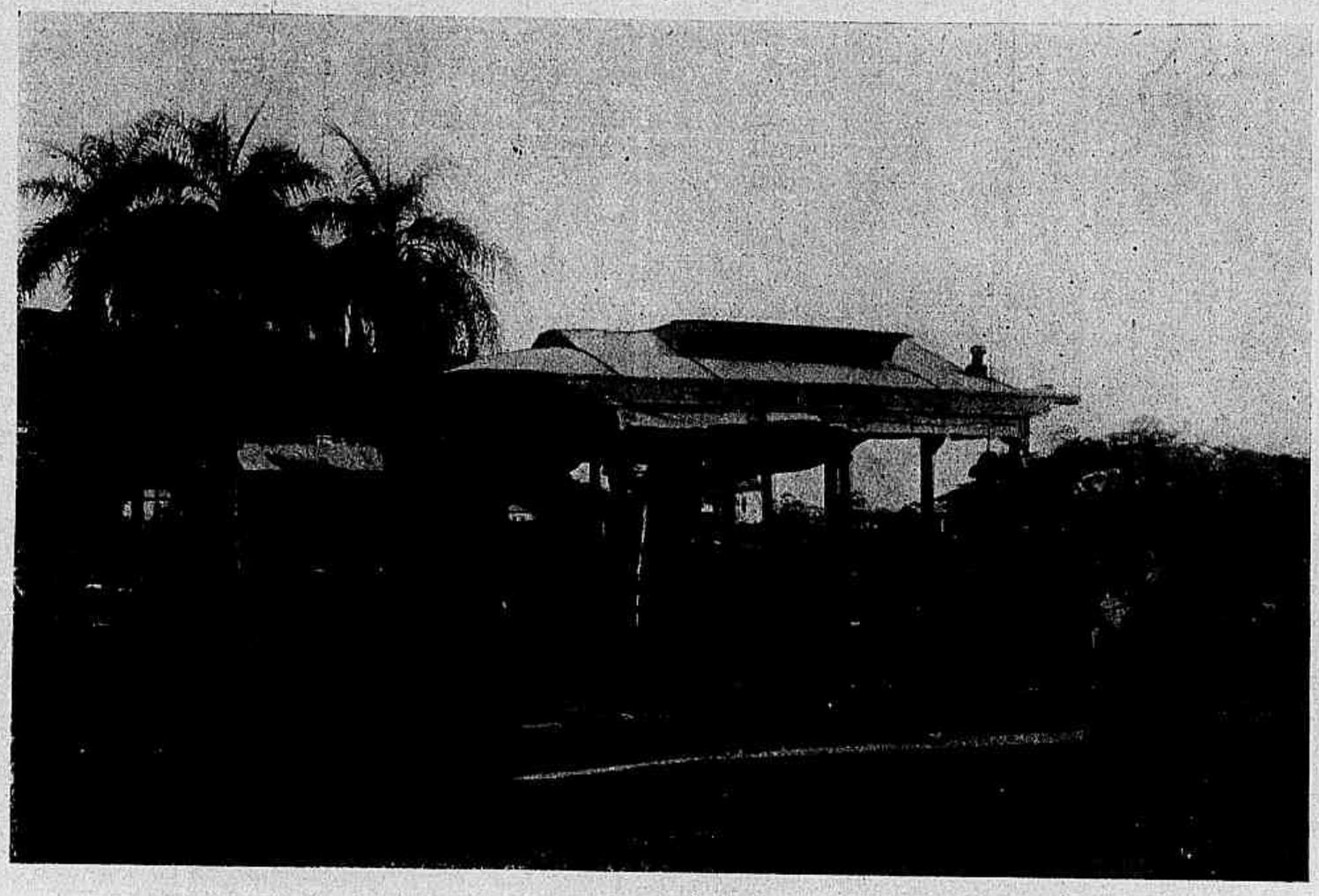
As *Diligencias* paravam, alinhadas, nos logradouros mais centraes da cidade. A principio partiam sómente depois de estar com a lotação completa. Mais tarde começaram a sahir, mais ou menos, a hora certa.

Em 1856 o governo autorizou a organização de uma companhia de ferro carril, que partindo do largo da Mãe do Bispo, deveria alcançar o alto da Bôa Vista, na Tijuca, indo pelo caminho da Gavea.

Outra companhia, no mesmo anno, foi organizada com o fim de ir do largo do Rocio ao alto da Bôa Vista, pelo bairro do Engenho Velho.

Foram essas as primeiras tentativas de ferro carril no Rio de Janeiro.

Os carros de passageiros de ambas as companhias, eram puxados por pequenas locomotivas, que ficaram conhecidas pela denominação de *Maxambomba*. Até o fim do seculo passado, os bondes da Companhia de S. Christovão, da Muda da Tijuca ao fim da rua Conde de Bomfim, ainda eram puxados por essas locomotivas.



Um bonde da terceira época da viação urbana

Estava porém, destinado que todas as companhias e emprezas de transportes, organizadas até o anno de 1868, haviam de abrir fallencia depois de longa e penosa agonia. A população já estava desanimada. Não acreditava mais que pudesse ter um dia transporte commodo e barato, além das *Diligencias*, que já estavam em desaccôrdo com o movimento urbano.

Mas uma companhia norte-americana, no dia 9 de Outubro de 1868, inaugurou a sua primeira linha de bondes, tracção animal, a qual se estendia da rua do Gonçalves Dias, esquina da rua do Ouvidor, ao largo do Machado.

Foi essa companhia — Jardim Botanico — que teve a primazia de vencer todos os obstaculos, que ha muitos annos vinham entravando o desenvolvimento da industria de transportes urbanos.

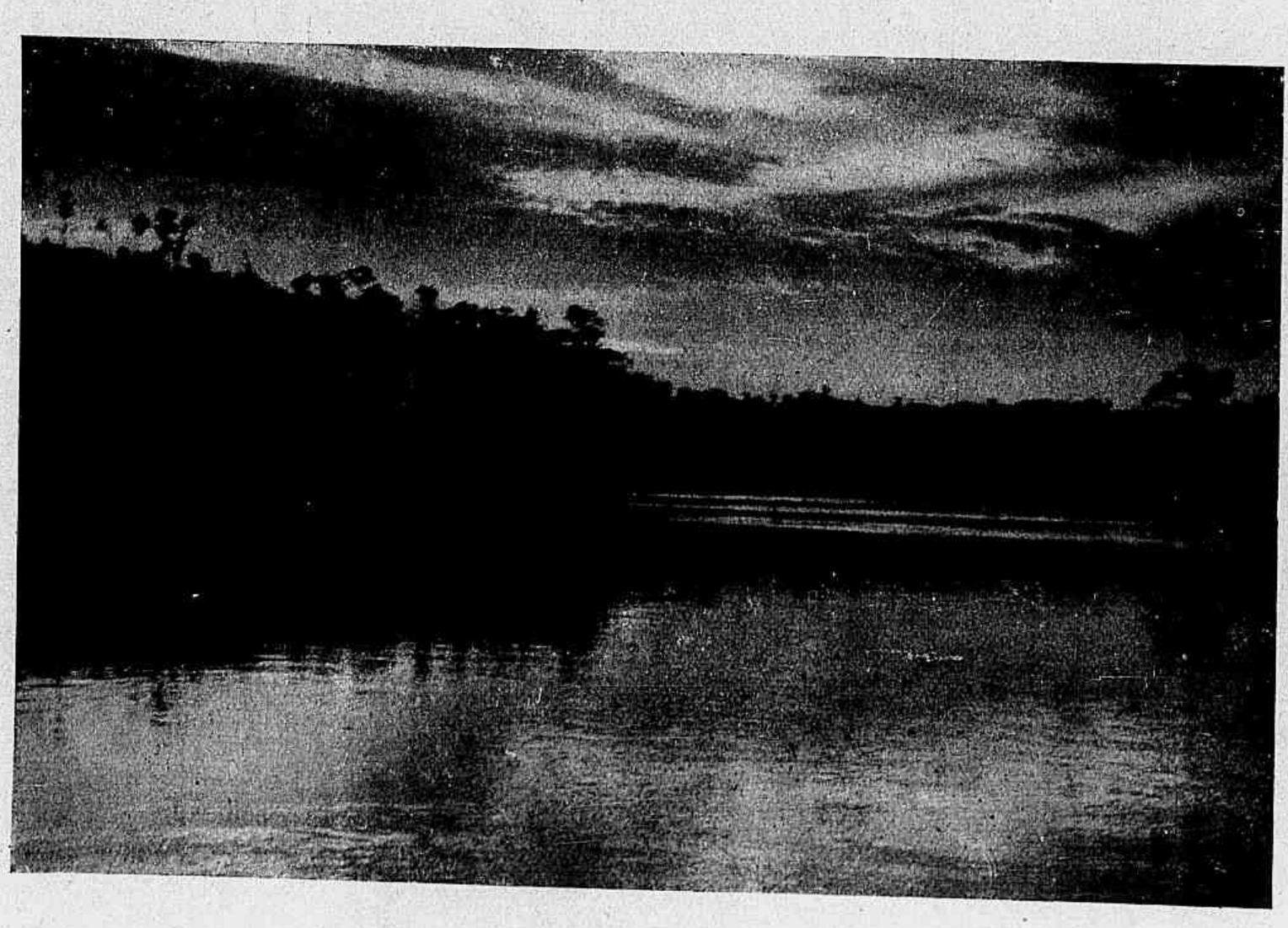
A palavra bonde veiu do apparecimento, nessa occasião, dos titulos de emprestimo nacional de 1868, denominado *bonds*. O exito da Jardim Botanico, que foi estendendo as suas linhas até Botafogo, serviu de estimulo a muitos capitalistas, que poucos annos depois organizaram a Companhia de S. Christovão, com capitaes estrangeiros; a de Villa Isabel, que tinha á frente o Barão de Drummond, o fundador do Jardim Zoologico e creador do jogo do bicho; a de Santa Thereza; a Locomotora; de Cascadura a Jacarépaguá; a de Carris Urbanos; a Ferro Carril Carioca e Riachuelo; a da Cidade a Copacabana; a de Cachamby.

Entre as pequenas companhias estabeleceu-se uma homerica e terrivel luta de concurrencia, que terminou em 1878 pela fusão da Locomotora, da de Santa Thereza e da Carioca e Riachuelo com a Companhia de Carris Urbanos.

Ha cerca de vinte annos a Light, adquirindo as principaes companhias de bondes, uniformisando e electrficando todas as linhas, numa extensão approximada a 500 kilometros, concorreu para que se perdesse na poeira turbilhonante do tempo, a origem do primeiro carro que rodou pelas ruas da cidade...

o o o o o

ESTADO DE MINAS GERAES



O RIO DAS VELHAS...

Guiomar Novaes

Conheci Guiomar Novaes pequenina, em S. Paulo, quando passava todas as manhãs e todas as tardes pela minha rua, com a sua pequenina cesta a tiracollo, vestidinho branco e grande chapéo de palha de fita azul e laço cahido, sobre a qual estava gravado o rumo que ella tomava: "Jardim da Infancia".

Tinha, então, quatro annos.

Essa edade, que, para todo mundo é uma edade que passa, sem nada deixar assignalado, foi para Guiomar a edade da grande revelação. O "Jardim da Infancia" de S. Paulo era um alegre viveiro de creanças, que se educavam pelo carinho incomparavel de Calina Rolim, directora *doublée* de poetisa, que dava movimento e vida ao estabelecimento. Incutindo nas creanças, desde que ali se matriculavam, o gosto pela poesia e pela musica, a directora ensinava-lhes pacientemente canções e hymnos escolares, que eram cantados com acompanhamento de piano. Guiomar Novaes retinha no ouvido, não apenas as musicas, mas todos os acompanhamentos feitos pela pia-pianista. Um dia, achando-se casualmente defronte de um piano aberto, sentiu-se attrahida por elle.Sentou-se e, com a maior das surprezas para quantos a apreciavam, tocou, do principio ao fim, sem titubear, toda a melodia de um dos cantos do "Jardim da Infancia". Dias depois, acompanhava todas as colleguinhas, causando verdadeiro assombro, pela precisão e pela calma com que executava de ouvido tudo quanto conhecia.

Deveria ter ella cinco annos quando S. Paulo recebeu a visita de uma embaixada chilena. Durante alguns dias, a cidade homenageou os illustres diplomatas que a compunham.

Preparando-se para lhes receber a visita, o "Jardim da Infancia" organizou um programma interessante, cabendo a Guiomar a execução de uma musica, de cujo desempenho se sahiu esplendidamente. Ao terminar, o publico fez-lhe carinhosa e enthusiastica ovação. Deram-lhe mimos, cobriram-na de flores, encheram-na de applausos. Quando sahiu do piano, os diplomatas chilenos tiraram as capas e atapetaram o chão, para que ella passasse.

Ella titubeou, sorriu, mas acabou pisando resolutamente o chão forrado pelas capas chilenas.

Foi essa a primeira victoria de Guiomar Novaes. A excepcional precocidade artistica dessa grande pianista, revelara-se da fórma a mais brilhante. Começou, então, pouco depois, a cultivar a grande aptidão de que era dotada. Seu pae, o major Manoel da Cruz Novaes, pauperrimo mas grande enthusiasta da musica, exhibiu-a ao inolvidavel professor Luigi Chiaffarelli, mestre de tantas artistas, que são hoje outras tantas mestras, que seguem e manteem em São Paulo as tradições de sua escola de piano.

Apezar de assoberbado de trabalho, Chiaffarelli promptificou-se a tomar a sua nova e pequenina discipula, desinteressadamente. Desejando tirar o maior partido do grande talento de Guiomar e não lhe sendo possivel dar-lhe mais de uma lição por semana, o grande professor repartiu a tarefa com as suas duas alumnas, Maria Edul Tapajós e Antonietta Rudge Miller, que tambem já lecionavam, e que, durante alguns annos, dividiram com elle o doce prazer de lecionar áquella que haveria de ser, mais tarde, uma das maiores glorias artisiticas de nossa terra.

Todos os predicados que se possm desejar de um alumno de piano, dotado de qualidades excepcionaes, Guiomar os possuia. Sempre foi a alumna ideal, ou o idéal das alumnas, que frequentemente assombrava aos seus proprios mestres!

Em S. Paulo, seu nome e sua fama começavam a correr de bocca em bocca. Onde quer que houvesse uma recepção, ella constituia personalidade de presença obrigatoria.

As suas interpretações maravilhavam a toda gente. A sua technica desenvolvia-se e aprimorava-se todos os dias.

Dotada de um memoria prodigiosa, ella não precisava recordar nunca. O seu repertorio, ella o tinha sempre nos dedos, desenvolvendo-o cada vez mais.

A 1º de Maio de 1905, com dez annos de edade, portanto, realizou ella o seu primeiro recital, executando já os grandes nomes da musica. Tocando todo o programma de cór, ella recebeu estrondosas ovações. E os jornaes não lhe pouparam o estimulo efficiente dos seus mais enthusiasticos elogios. "Essa menina — escreveu o *Correio Paulistano* — é a manifestação de um genio".

Referindo-se, depois, ao segundo recital, realizado a 7 de Julho do mesmo anno, *O Estado de S. Paulo* accrescentou: "Nessa edade, nenhuma creança ainda se exhibiu aqui, provocando tanto enthusiasmo!"

Dois annos depois, executava a Sexta Rhapsodia, de Liszt, de fórma tal, que, ao terminar, o auditorio se levantou em peso, acclamando-a delirantemente.

Em 1909, ouvindo-a em S. Paulo, um jornalista polaco publicava no *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro, um vibrante artigo em que registrava o seu enthusiasmo com estas palavras: "Para que um artista estrangeiro possa comprehender Chopin, é preciso que possúa, além de muito talento, a alma profunda e grave. A interpretação de Chopin, por essa creança produz um extase. A creança toca Chopin, o Chopin que não póde ser comprehendido por tantos talentos formados! E essa creança interpreta-o com tanto brilho e comprehensão, que todos os melhores intrepretes de Chopin concordariam commigo e applaudiriam com enthusiasmo a artista brasileira".

Em 1908, *O Estado de S. Paulo* salientava o "brilho admiravel da execução da pequena pianista, e a força espantosa nos accordes mais cheios e mais difficeis".

"Todos já sabem do quanto é capaz a pequena virtuose, graças á sua privilegiada intuição musical e aos immensos recursos de technica que ella já possue" — escrevia, pela mesma época, o *Correio Paulistano*".

Em 1909, o nome de Guiomar Novaes era já acclamado por todo S. Paulo, como o de uma grande artista de quatorze annos. Disputada por todos, ella accedia gostosamente a todos os convites que se lhe faziam, para tocar nas melhores reuniões e concertos da Capital paulista. De uma grande simplicidade e de uma bondade que a todos encantava, ella não recusava nunca. Estava sempre prompta, sempre disposta a tocar. Não sabia negar-se.

Os seus estudos de piano, entretanto, haviam chegado já a um tal gráo de perfeição e de adeantamento, que ella poderia, sem duvida, desde logo, seguir a carreira de concertista, para a qual nenhum requisito lhe faltava.

Aquelles que velavam pela sua educação artistica, porém, preferiram fazel-a conquistar um diploma de um Conservatorio, para que nenhuma credencial faltasse á sua apresentação ao mundo da musica.

Sem outros recursos, afóra o seu formidavel talento e os predicados pessoaes de que era fartamente dotada, Guiomar era, entretanto, queridissima de quantos a conheciam. A solução para o seu caso, assim, surgiu-lhe facilmente. A senhora Alda Prado, da alta roda social de S. Paulo, promptificou-se a levar para Paris a sua pequenina e distinctissima conterranea, promovendo-lhe a educação no Conservatorio da capital franceza, que fôra, então, o escolhido, para que ella completasse os seus estudos. Antes de partir, Guiomar deu um concerto de despedida, no dia 20 de Outubro de 1909, concerto esse cujo retumbante successo ficou memoravel na historia musical de S. Paulo.

"Quando Guiomar acabou de tocar os ultimos accordes — narrou *O Estado de S. Paulo* — o palco foi invadido... Tal ovação lhe fez o auditorio, uma acclamação tão vibrante, que a artista se commoveu até ás lagrimas".

Tambem *O Commercio de S. Paulo* registrou o facto, escrevendo: "Foram tamanhas as demonstrações do auditorio, que a encantadora creança se poz a chorar de emoção"...

Póde-se dizer que foi com essas lagrimas bemditas, expressão sincera e eloquente da sua sensibilidade artistica, que Guiomar Novaes encerrou o primeiro capitulo da sua carreira, em S. Paulo.

TAPAJÓS GOMES.

Cerqueira Mendes

Estheta do Sentimento

SINTO que floresce dentro de meu temperamento de homem de acção, a virtuosidade de um affectivo e, embora viva em permanente conflicto commigo mesmo, para manter sentimentos tão antagonicos, reconheço que essa virtuosidade é o maior bem da minha vida.

Tenho com o artista que lapidou "Um Andrada", este traço commum de approximação espiritual e como elle, o interesse jámais teve em mim o poder de me inspirar grandes gestos.

Taes pensamentos me vêm, depois da leitura do formoso livro "Um Andrada", em cujas paginas quentes de carinho e emoção, Cerqueira Mendes como um illuminurista medieval, debuxou a figura encantadora de Martim Francisco.

Como um fidalgo do seculo XVI que escrevesse com as filigrannas de ouro e purpura dos seus punhos de renda, o estheta da affeição transmitte tanta sensibilidade á sua prosa e ao seu estylo, que a gente sem o querer, se deixa nelle embalar como se fôra macio frouxel de plumas.

Fugindo á regra do opportunismo triumphante que, só sabe glorificar os vivos e os poderosos do momento, o subtil chronista do "Manto de Arlequim", dá á mocidade intellectual do Brasil, o mais bello exemplo de rectidão e nobreza moral, ao mesmo tempo que não permitte que se apague a memoria desse homem extraordinario que, como os diamantes regios, parecia ter as mais luminosas facetas.

Mestre da cortezia e das bôas maneiras, Cerqueira Mendes é desses exemplares humanos rarissimos na actualidade e que, em centro de vida abrupta e intensa de trabalho como S. Paulo moderno, a gente sente-se bem em tel-o ao pé de si, como se fôra fresca sombra de oasis.

Quantas vezes, na minha lucta diaria de homem irriquieto, obrigado a evitar amizades carinhosas, corro para esse gentilhomem que, tanto na rua como no salão, diante de senhoras ou cavalheiros, é sempre o mesmo senhor de habitos polidos, e seductora habilidade?

Sem a mania de discutir politica, de conhecer marcas de automoveis e ser autoridade em materia de café, Cerqueira Mendes que nessa linda terra de palacios, mora numa cabana de rosas, pareceria até um personagem de outras eras, se não fosse, como o é, tão elle mesmo, amabilissimo traço de união entre as avançadas atrevidas do modernismo e os eruditos ascetas de S. Bento, em cuja morada austera elle penetra, com o prestigio mental de um Cicero elegante e actual.

Capaz das maiores dedicações, o fino estylisador de "Um Andrada" e das "Figuras Antigas" é, sem duvida, uma individualidade inconfundivel nesse immenso amphitheatro, onde raças de todos os quadrantes, crearam aspectos tão diversos e tão aggressivos.

Moço de espirito e coração, apezar da cabeça que como o cafezal se cobriu de alvejante florada, Cerqueira Mendes é dessas creaturas para quem a edade nenhum dominio exerce sobre a alma e de quem se pode esperar ainda, os fructos mais opimos.

Lobato, melhor do que ninguem, soube definil-o nesta phrase incisiva:

"E' uma pessoa que cultiva amigos, com a mesma facilidade de quem cultiva couves".

Abençoado seja pois, esse espirito que, em seculo de tanto utilitarismo, docemente mergulhado em sua Cabana das Rosas, sabe com tão fascinante nobreza, evocar tantas creaturas amigas e com ellas illuminar á sua saudade.

E como sei que além de cultivar amigos como couves, no dizer pittoresco de Lobato, o brilhante confrade sabe cultivar tambem esta flôr mimosa que é o beijo, peço-lhe licença para beijar-lhe as mãos fidalgas, mãos que, com tanta intelligencia e ternura, souberam plasmar livro tão sentido e verdadeiro.

PLINIO CAVALCANTI

JESUS MENINO — G. GROSSO

(Pertence ao Sr. Jorge Freitas)

1830

Por

J. A. BAPTISTA JUNIOR

"Minha bôa amiga:

Não póde imaginar de onde venho. Venho de assistir á "réprise" de um longo "film" cinematographico da "Bohemia." Sim, minha doce Amiga, da "Bohemia," tal e qual o libretista a extrahiu do romance do velho Mürger para a partitura de Puccini.

Quem se lembraria de metter aquellas antiquadas scenas de 1830 na téla de um cinema de hoje, para um publico habituado ao naturalismo pretensioso das "comedias sociaes" americanas, e á complicação, sempre crescente, dia a dia mais mysteriosa, das fitas policiaes? Nem sei. Fiquei tão preso ao encanto do "film," que me passaram inteiramente despercebidos os actores, a fabrica, a nacionalidade do "film," — cousa que raramente me acontece... Porque sendo, como sou, um adepto convicto e um frequentador impenitente dos cinematographos, conheço de cór e salteado o nome das actrizes mais em voga, o progresso das principaes fabricas, o titulo dos "films" de maior successo. Mas da "Bohemia," que acabo de ver, nada sei, tal o ansioso interesse com que acompanhei, na téla, o desenvolver de toda a ingenua e como que encantada historia daquelles bohemios, cuja vida errante, o romancista, com tão grande felicidade, fixou. Lembro-me apenas de Leda Gys, não tanto por ella, mas pelos bellos olhos que possue, e tambem pela bocca que é um cravo sanguineo. Ella fez a Mimi, posto que em nada se assemelhasse ás Mimis que temos visto, desfallecendo de fadiga, logo ao entrar no sotão em que os alegres rapazes de Mürger construiram o seu cenaculo de arte, de anseio e de miseria. Leda deu ao typo "uma feição nova," como dizem os criticos theatraes... Nova e ardente. Surgiu no palco cheia de vivacidade e garridice, fazendo a scena da vela com uma encantadora malicia... E por muito tempo os olhos pretos dessa morena sensual brilharam como brazas e a bocca sorriu deliciosamente, até que, no ultimo acto, se viu forçada a mostrar as faces maceradas, os olhos amortecidos, os labios pallidos, a bocca inexpressiva. Não guardei o nome do actor que fez o Rodolpho, nem daquelle que fez Marcello, tampouco do que se encarregou do musico Schunard. Uma italianazinha irrequieta, apresentou-se em Musette; as demais figuras esbateram-se na penumbra dos planos secundarios.

Não me feriu a attenção o trabalho deste ou daquelle artista, nem estou eu aqui, á meia-noite, minha Amiga, a traçar-lhe penosamente as regras de uma chronica de arte cinematographica... Não. Sentei-me á mesa para escrever-lhe, com o intuito de confessar que, ha muito, não experimento, deante das representações dos quadros e das scenas da Vida Humana, uma tão forte, tão sincera, tão commovida emoção. A minha excellente Amiga vae ficar, por certo, muito surprehendida com essa confissão. Vae cahir das nuvens. Vae abrir mais os lindos olhos (e elles ficam realmente, tão lindos, quando assim abertos!) da mais pura e inquieta surpresa.

Mas é verdade. A noite de hoje marcou para mim momentos inesqueciveis de emoção e delicia. E a sua admiração vae subir de ponto quando se lembrar de que, não ha oito dias, sentados ambos naquelle amplo sofá do seu gabinete de leitura, trocámos demoradamente certas infantilidades e pieguismos das cartas de Musset, cuja triste figura foi por nós imaginada, si se apresentasse hoje deante de Mirbeau, o estranho artista do "Calvario." Não é de agora, não é de oito dias que eu procuro desfazer no bardo das "Nuits." Commigo mesmo, em companhia de outras senhoras intelligentes, durante dez annos, fui um homem para quem Musset era uma creatura intoleravel. E' que eu vivia atolado, até aos olhos, no Naturalismo; e o Naturalismo, desde Balzac até Lorrain, me ensinava a detestar Musset. Hoje, venho confessar humildemente, á minha Amiga, o meu arrependimento.

* * *

Não que seja um convertido. Nem tanto... Si ainda hoje tivesse tempo e vagar para ir annotando, durante os ocios das nossas palestras, num caderno intimo, as observações da nossa vida e dos nossos habitos, creio bem que procuraria imprimir a essas observações o melhor methodo alcançado pelo meu incipiente experimentalismo. O que não perdôo a mim mesmo é a preoccupação em que por tanto tempo me mantive de denegrir e diffamar (porque eu diffamei Musset, minha Amiga!) aquelles delicados poetas do tempo

em que o rei Luiz Felippe passeava por entre o povo, de guarda-sol verde aberto, abanando-se com uma ventarola e discutindo com Guizot a inopportunidade da reforma eleitoral. Sempre neguei a esses homens o poder de nos impressionar a intelligencia e de nos commover o coração. E' verdade tambem que quasi nunca os lia. Porém, a questão não era lel-os; a questão era toda pessoal: nascia de um ponto de vista, de uma convicção, de um sectarismo systematico. Foi o meu erro. Sim, foi o meu grande erro. Os meus olhos, que sempre se recusaram a ler o abbade Prévost, que nunca acreditaram na grandeza dos romances de Hugo, que desconfiaram sempre prudentemente da arte de Mme de Staël; estes olhos que foram sempre severissimos para a vida privada de George Sand e que percorreram apenas por curiosidade, com risonha má fé, os versos de Vigny, — estes olhos, minha Amiga, humedeceram-se de lagrimas, hoje á noite, vendo, no cinematographo, Rodolpho a beijar a touca branca de Mimi. E' ridiculo, vae dizer. Mas não é. E' humano. E' o mysterio da nossa sensibilidade.

* * *

Certo, a minha adoravel Amiga não esqueceu ainda a historia de Mimi. A linda rapariga era a mais habil, a mais alegre, a florista mais gentil de sua loja. Entre as suas companheiras, não havia outra mais feliz. Não lhe faltava siquer, para os caprichos de uma modesta vaidade feminina, a bolsa recheiada de um bemfeitor rico. A sua vida era a vida de uma avesita solta; a sua preoccupação eram as suas flores. Mas, uma vez, em caminho da loja, por uma manhã clara e cheirosa de primavera, ao passar sob as arvores de um parque, certo objecto despencou dos galhos floridos; olhou: era um homem, era um poeta que passára a noite á luz das estrellas, por falta de um tecto em que se pudesse abrigar. O poeta era moço e formoso. Ella era formosa e moça. Do encontro, nasceu um grande amor. Naquelle tempo o amor nascia assim, minha Amiga... Amaram-se inconsequentemente, á maneira de 1830, até que Mimi, por causa desse affecto, perdeu, um bello dia, o protector.

O facto, todavia, de perder o protector, não lhe fez grande móssa... Já andava maçada com os ciumes e as exigencias do homem. Respirou livremente, entregando-se de corpo e alma aos beijos devorantes do seu Rodolpho. Museta entra em scena, alegrando com o seu desembaraço, o rancho audaz. Vão todos morar definitivamente para o sotão inspirador, e ahi, são longos mezes de alegria, de despreoccupação e de ventura...

Foi então que um dia veiu o inverno. Um frio intenso invadiu o sotão. Os transeuntes passavam enregelados. As arvores despiram a verde carnação das folhas. A neve cahia nas calçadas... Dentro, no sotão, não havia lenha, não havia fogo, não havia calor.. Uma grande tristeza entrou a entenebrecer o ambiente. Museta, fragil creatura de vicio, ave do sol, bateu as azas, voou para o ninho tepido que lhe prepararam adoradores endinheirados.

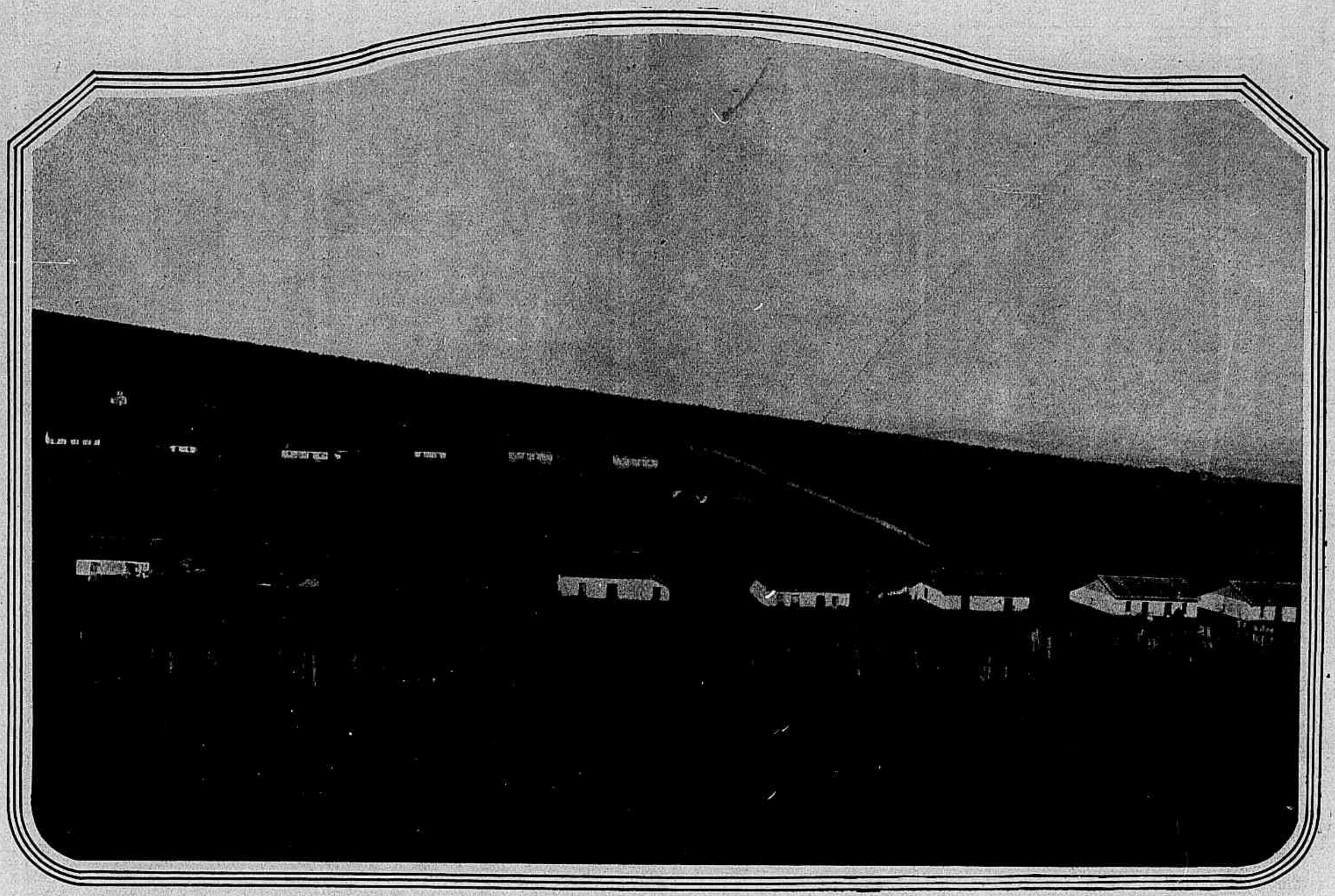
Mimi entristecia a olhos vistos, deixava pender, sem coragem, para o peito do poeta, a cabecita tonta. O quadro era de cortar o coração. Morreriam os bohemios de fome e frio si não lhes apparecesse, certa noite, o joven visconde Paulo, que, por signal, lhes carregou a unica alegria, o unico conforto daquella toca sombria: a meiguice e a doçura de Mimi. O triste poeta quasi morreu de dôr... Mimi fora-lhe o primeiro e o ultimo consolo de uma vida de atribulação e pena. Não a desejára, não a pedira. Vivia a sua humilde existencia de bohemio pobre, alimentando-se das brizas bemfazejas, dormindo ao clarão das estrellas. Ella viera inesperadamente, como uma dadiva do céo, para animar os seus dias sem sol, as suas noites sem lua. Mas o amor da creatura versatil teve a duração das rosas, das celebres rosas de Malherbe...

Ah! as mulheres! Ellas são sempre assim Acredita que ellas appareçam no mundo para fazer apenas o infortunio dos homens? Rodolpho, ao ver-se abandonado, na agonia do seu desespero, desejou morrer. Odiou a ingrata até ao fundo d'alma. A sua mão crispada, ao descer num gesto destruidor sobre o travesseiro do leito em que fluira a grande paixão, encontrou a touca que Mimi esquecera. Ah! fragil peito de poeta! Ao contacto do macio objecto, os dedos nervosos começaram a tremer. Era um pouco do encanto e do perfume della que restavam. Era a touca branca e pequenina de Mimi. Tremulo de emoção, na dolorosa angustia daquella saudade, elevou até aos labios o pequeno objecto adorado, depositando nelle o beijo mais harmonioso, mais puro e mais contricto de sua vida! Pobre poeta!

A' contricção daquelle beijo, minha Amiga, senti os olhos rasos d'agua.

Não é essa a melhor arte, a mais elevada, a que nos attinge o coração? Em arte, o melhor processo é sempre aquelle que consegue nos tocar a sensibilidade. Não lhe vou descrever aqui os versos apaixonados que o poeta compoz, nos seus momentos de solidão e viuvez, e que tão fundamente alcançaram o coração da fugitiva. Nem a volta da pobre creança para morrer sobre o peito do seu bem amado. A carta já vae longa e essas commovedoras scenas a minha bondosa Amiga poderá, com facilidade, recompor mentalmente. Dir-lhe-hei tão sómente que estou reconciliado com o Romantismo e que, dentro de poucos dias, terei o prazer de ir vel-a, decedido a pugnar, novo apostolo do sentimento, pela sua conversão.

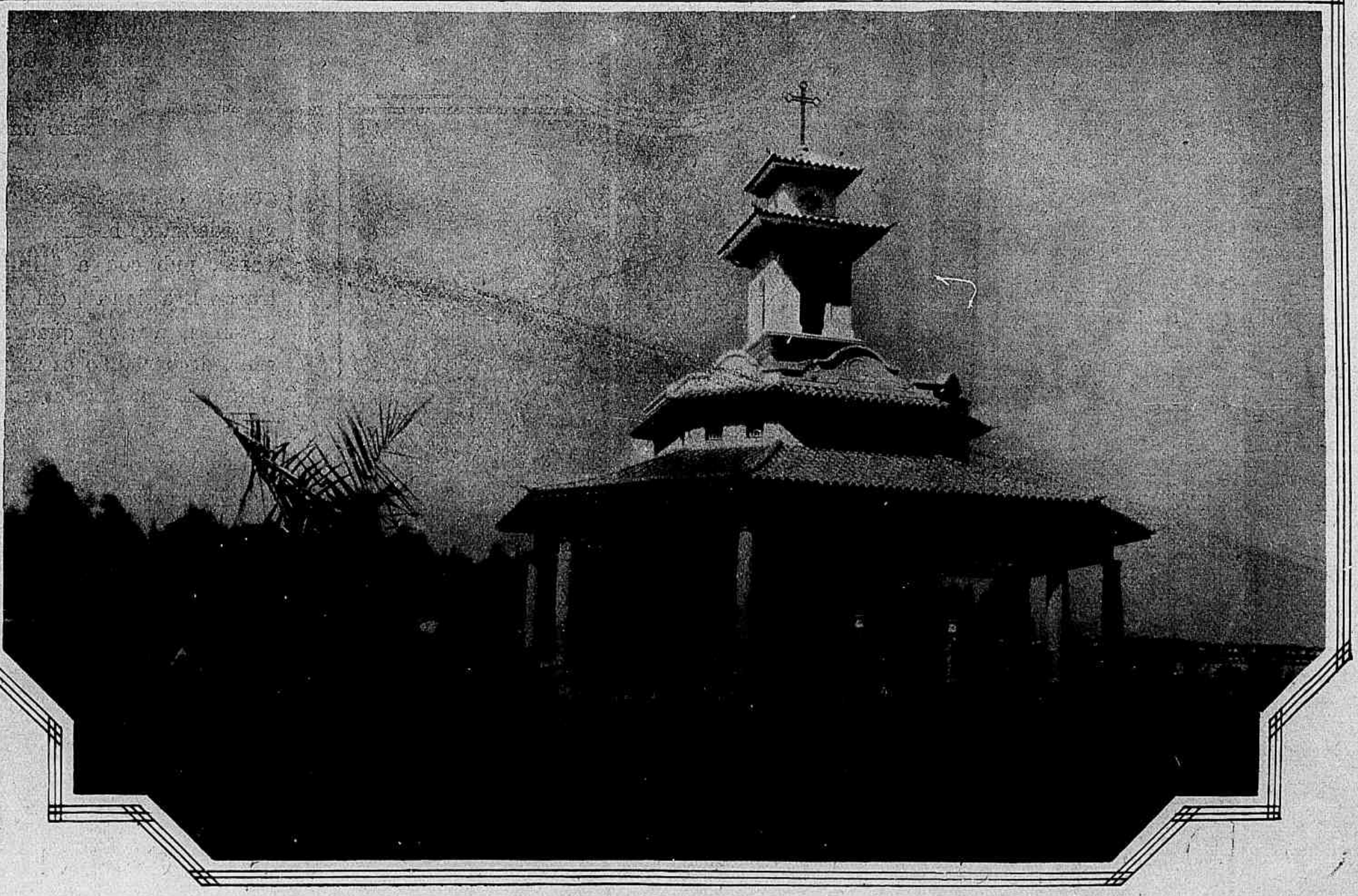
Respeitosamente, beija-lhe as mãos, o fervoroso admirador.



Fazenda Bella Vista em Itatinga

Fazenda Itaquerê (Photos Rosenfeld)

São Paulo



A Sociedade Anonyma "O Malho", num gesto requintado, instituiu, sob a denominação de "Illustração Brasileira", um premio destinado ao artista pintor, menor de 30 annos e que ainda não contemplado com a pequena medalha de prata nos salões officiaes de Bellas Artes. Recebido com as maiores demonstrações de jubilo pelo Conselho Superior de Bellas Artes, foi o premio desde logo disputado pelos nossos artistas moços, expositores na Exposição Geral de Bellas Artes de 1928, recahindo em Vicente Leite, joven de raros predicados artisticos.

Iniciou o joven pintor os seus estudos em 1920, na Escola Nacional de Bellas Artes, com os professores Lucilio de Albuquerque, Rodolpho Chambelland e Baptista da Costa. Expoz pela primeira vez em 1924, obtendo uma Menção Honrosa de 2º gráo; em 1926 conquistou a medalha de bronze. Por vezes, publicou a "Illustração Brasileira", em trichromia, varios quadros seus, despertando os mesmos o maior interesse.

Vicente Leite conquistou o premio "Illustração Brasileira" com a tela "Casebres", uma interessante manifestação de arte possuidora de recommendaveis predicados.

"Casebres" evidencia as magnificas qualidades de pintor consciencioso que é Vicente Leite.

As gravuras mostram: a tela "Casebres", de Vicente Leite, o pintor, e na redacção da "Illustração Brasileira" quando o joven artista recebeu o premio das mãos de Alvaro Moreyra, perante o Sr. Director da Escola de Bellas Artes, professor Corrêa Lima, Magalhães Corrêa, da commissão directora do "Salão", J. Carlos e A. de Souza e Silva, directores da "Illustração Brasileira" e Adalberto Mattos, do Conselho Superior de Bellas Artes

O Premio "Illustração Brasileira"

UM MESTRE DO THEATRO

POR

FERNANDO NEVES

SE eu fosse professor de geographia, rompendo com a rotina até agora seguida, ensinaria aos meus problematicos alumnos, depois de tratar dos diversos paizes sob os aspectos physico e politico, quaes os maiores literatos ou artistas de cada um delles. E isto faria na doce esperança de que, mais tarde, lendo-lhes e admirando-lhes as obras, os estudantes adquirissem um conhecimento mais exacto de cada povo.

Assim, ao tratar da Noruega, eu não falaria apenas dos seus accidentes maritimos e terrestres, de sua situação, de seus limites, de sua superficie, de sua população; eu não me limitaria a citar o seu governo, a sua religião, o seu idioma; eu não mencionaria apenas a sua capital e cidades principaes, seus edificios mais imponentes, a importancia de sua marinha mercante e o seu consideravel commercio exportador. Eu accrescentaria: PATRIA DE HENRIK IBSEN!

Esta idéa surgiu em meu cerebro após uma leitura apressada de algumas obras de Ibsen, leitura que me trouxe noção muito mais perfeita acerca da Noruega que todos os conpendios de geographia que fui obrigado a ler, quando estudante. A Noruega lucrou muito no meu conceito.

Em compensação, a leitura de taes obras deixou-me completamente desorientado a respeito de seu autor. Isto, a principio, inquietou-me. No meio de tanta gente que tem opinião formada sobre Ibsen, não o teria eu comprehendido? Mas recorri a um dos seus admiradores, Sigurd Höst, e nelle encontrei palavras confortadoras: "Pour beaucoup, il plane sur Ibsen et son œuvre des nuages et des brouillards. On sent vaguement que c'est un nom à saluer avec respect, mais on ne sait pas au juste ce qu'il faut admirer." Ou ainda: "...il faut avouer qu'on est encore loin d'être orienté sur sa valeur littéraire et sur son importance réelle, et qu'Ibsen reste toujours un peu le "sphinx."

De facto, não sei, francamente, que mais admirar em Ibsen: se a pujança do seu talento; se a firmeza de suas convicções; se a sua vontade ferrea, que o levou á victoria; se a audacia de suas idéas socialistas; se o seu poder de observação, tão necessario ao homem de theatro; se a tão louvada perfeição technica de suas peças; se a ternura de sua poesia, ternura que transparece mesmo nos seus dramas, em contraste violento com as opiniões que sustenta.

Ibsen não é desses autores cujo valor póde ser aferido pelo simples exame de apenas alguns trabalhos. E' ainda Sigurd Höst que vem em meu auxilio: "Il faudrait lire son œuvre entière et non un ou deux drames isoles." E de tal modo está identificado com a sua obra, que não se póde ler esta sem que nos venham á mente, num turbilhão, todas as idéas de seu autor.

Quem se dispuzer a fazer um estudo sobre o dramaturgo norueguez — e a tarefa não é, de certo, muito facil — deverá, naturalmente, reportar-se á época do seu nascimento, em 1828, estudar a sociedade que se agitava, então, nos limites estreitos de Skien, observar a sua infancia e a formação de seu caracter — depois de, para tratar do homem que escreveu "Os Espectros," ter estudado os seus antepassados. Para o fim que tenho em vista,, prefiro encontral-o aos dezeseis annos de edade, como pratico de pharmacia na pequenina cidade de Grimstadt, principiando a luctar contra a adversidade e conhecendo já o lado prosaico da vida.

Se, nos mais afastados bairros das grandes cidades, a pharmacia ainda tem, como o barbeiro, a sua importancia como ponto de reunião onde são passados em revista os mais variados assumptos, póde-se facilmente imaginar o que seria a pharmacia de um logar habitado por menos de mil almas, perdido lá no Norte da Europa, ha cerca de oitenta e quatro annos atrás. E' nesse ambiente carregado que começa, a meu ver, a vida intellectual do poeta.

A pharmacia era um palco onde muitos actores iam desempenhar o seu papel para satisfação de um unico espectador: Ibsen. Elle tudo ouve, tudo observa, e pensa. E é bem possivel que algumas das personagens por elle mais tarde creadas nada mais tenham sido que a copia fiel de typos apanhados ali.

Datam dessa época os seus primeiros versos que, mesmo traduzidos, têm uma suavidade surprehendente para quem cõnhece unicamente o moço sarcastico e irreverente, que satyrisava com as suas rimas crueis as instituições e as autoridades de Grimstadt, vivendo em lucta aberta com a pacata sociedade local e chamando para si uma reputação que o isolava dos demais. Ao que parece, entretanto, o isolamento não preoccupava muito Ibsen, para o qual "l'homme le plus fort est celui qui est le pius seul." Aliás, esse contraste não é só observado nos poemas de sua mocidade; através toda a sua obra póde notar-se a lucta "entre a inspiração e a reflexão, entre o lyrismo e a logica, entre o inconsciente e o consciente, entre o sonho e a realidade"; "o doutor Henrik Ibsen de um lado e do outro o Ibsen de temperamento inflammado." E mesmo sua vida parece ter sido toda ella uma lucta incessante entre o seu temperamento e as suas acções exteriores. Indicio interessante do que affirmo é a sua primeira "affecção amorosa," que nos é contada em seus detalhes pelo seu biographo já citado.

Como todos os moços, mesmo os que nascem na Noruega, Ibsen teve o seu "caso," que, segundo elle proprio confessou mais tarde, influiu de certo modo na sua poesia de então. Em geral, os "casos" de amor são tristes. O de Ibsen parece-me apenas... engraçado: amou, em Bergen, uma pequena norueguezа com quem conversava e passeava ás escondidas da familia. E' de suppôr que seus dialogos não fossem constituidos pelas phrases convencionaes dos namorados vulgares, destituidas de fundo, porém cheios de elevação de idéas, como os dialogos de Falk e Svanhild, na "Comedia do Amor." Sabendo o que se passava, a familia da moça prohibiu os seus encontros com o poeta. Mas foi inutil. E quando, certa vez, elles afastavam-se do mundo, arrebatados pelo sonho, eis que surge alguem que, bruscamente, vem chamal-os á realidade: é o pae da moça. Ibsen, nesse instante terrivel, abandona todos os sonhos, esquece todas as palavras bonitas, não teme o conceito que delle possa fazer a dona de seu coração e... afastando-se apressadamente, deixa-a aturar sósinha as objurgatorias paternas... Muitos annos mais tarde, já chefe de familia, encontra a ex-namorada, que tambem já havia achado um homem talvez menos idealista, mas, certo, mais corajoso, que a desposára. Falam-se. O passado revive e elle pergunta-lhe, ingenuamente, o motivo por que se haviam separado. Ella recorda-lhe a sua retirada subita á approximação do "velho"... Ibsen, naturalmente, mudou de assumpto...

Este episodio de sua vida é bem significativo e eu pergunto a mim mesmo se Ibsen não o teria recordado quando, ao escrever a "Comedia do Amor," impoz a Guldstadt as seguintes palavras para referir a Falk a sua extincta paixão por aquella que seria, depois, Madame Straamand: "Eu amei uma mulher, depois ella e eu seguimos caminhos differentes e hontem nos encontramos; nada mais resta!"

Mas, voltando a Grimstadt, não são os versos da juventude do autor de Brand que me interessam. Que outros, mais ligados ás Musas — com quem já mantive relações de cortezia, mas de quem estou, agora, prudentemente afastado — falem acertadamente sobre elles. Interessa-me particularmente um outro facto: sua primeira peça. Ali, a darmos credito aos seus biographos, Ibsen QUE ATE' ENTÃO NUNCA FÔRA A UM THEATRO e que talvez mesmo não dispuzesse de muitos livros, escreve, por volta dos vinte annos, sob a suggestão de Cicero e Salustio, seu primeiro drama em versos: "Catilina." E esta personagem central da peça nada mais é que uma especie de Ibsen romano que, afinal, como o dramaturgo, morre sem ter visto a victoria das suas idéas regeneradoras da sociedade.

Já tive occasião de ouvir, ha algum tempo, festejado autor theatral patricio referir-se a defeitos technicos de Shakespeare. E fico pensando no que seria um drama historico, em versos, escripto por um moço de vinte annos que nunca havia sequer ido a um theatro... Mas Ibsen, confiante na sua obra, leva-a a Christiania. Não ha emprezario que a acceite... Que consolo para muita gente!... Recorre ás livrarias: o mesmo desinteresse, traduzido por uma negativa desanimadora... Entretanto, Ibsen consegue editar o drama a expensas de um amigo e sob um pseudonymo arrevesado. Isto constitue um verdadeiro "successo de livraria." O livro tem uma sahida formidavel: Ibsen consegue vender trinta exemplares...E no Brasil os li-

teratos ainda se queixam... Mas não parou ahi o "successo": o resto da edição é vendido... a peso... Ha duvidas a respeito do nababo de gosto apurado que fez tão brilhante acquisição, attribuindo uns a compra a um salsicheiro e outros a um trapeiro...

E foi essa a estréa, no theatro, do homem que, cem annos após seu nascimento, seria lembrado com admiração por todo o mundo intellectual, como um dos mestres da scena moderna. Dahi por deante, luctando com difficuldades, ou talvez por isso, Ibsen torna-se socialista, mette-se em politica e ingressa na vida jornalistica sob pseudonymo, em guerra aberta contra as instituições sociaes.

Christiania, se não era um grande centro intellectual, era, entretanto, um meio muito superior para Ibsen que Grimstadt. Ali adquire amisades nos meios literarios e artisticos e tem opportunidade de dar maior expansão ao seu talento. O simples facto de ter publicado uma peça recusada, se não lhe proporciona grande popularidade, presta-lhe algum serviço. Já não é um desconhecido e, aos vinte e tres annos, ao iniciar-se em Bergen um movimento que visava a nacionalisação do theatro norueguez, então absorvido pela arte dinamarqueza, Ibsen consegue ver-se nomeado para o alto cargo de Director, com a responsabilidade de fornecer as peças e com a incumbencia de estudar o theatro no estrangeiro.

E' uma situação apreciavel, se bem que difficil, que lhe permitte estudar os effeitos da "mise-en-scène" e aperfeiçoar-se naquillo que se convencionou chamar a technica theatral.

Seria fastidioso citar — e a lista seria longa — as peças por elle escriptas dahi por deante. De outro lado, afigura-se-me impossivel, em um trabalho feito aos pedaços, em raros momentos de folga, apreciar devidamente cada uma dellas. Passarei, pois, sobre as mesmas a "vol d'oiseau."

Ibsen recorre á lenda e á canção norueguezas e produz trabalhos de romantismo encantador. Inspirado em Shakespeare, escreve "Noite de São João," em que combate o falso romantismo. Perscruta a Historia e de lá tira o assumpto para a sua peça de maior vulto: "Imperador e Galilleu," dividida em duas partes de cinco actos cada uma, intituladas: "A apostasia de Cesar" e "Juliano, imperador." Esse drama, em que é reconstituida uma época da historia romana, é, por assim dizer, uma synthese de todas as idéas de Ibsen. Volta-se para a sociedade de seu tempo e dá ao publico, entre outras, as peças que lhe grangearam talvez maior popularidade, como "Os Espectros," "Casa de boneca" e "A Comedia do amor."

No meio de tudo isso, como "o polo positivo e o polo negativo de toda a sua obra," destacam-se "Brand" e "Peer Gynt," escriptos com o intervallo de um anno e que revelam duas faces distinctas do genio de Ibsen. Será difficil talvez falar-se sobre Ibsen sem se alludir a esses dois poemas tão diversos, que parecem sahidos das pennas de dois autores differentes.

Brand, personagem quasi irreal, que nos parece representar o proprio autor, é o typo do homem que tem um ideal elevado e lucta e soffre pela sua realização. Peer Gynt, baseado no "folk-lore" scandinavo, é o "bon vivant," o homem sem convicções, que tira da existencia o melhor partido, sem grandes preoccupações...

Isso tudo Ibsen produz á proporção que vae viajando, soffrendo ora a influencia das idéas allemãs, ora aquella das artes italianas. Apesar disso, o homem que um dia confiou a alguem que "de bôa vontade teria sido italiano," é o mesmo que, em 1870, em carta dirigida á viuva de um seu amigo, dizia: "Eu tenho andado muito desde que nós nos perdemos de vista. Nós temos vivido e viajado na Italia durante quatro annos; depois, dois annos aqui, em differentes partes da Allemanha. A senhora talvez não ignore que eu estive tambem no Egypto, até em Nubia; sentado á margem do Mar Vermelho, eu contemplei o Sinai. Mas sinto-me mais norueguez do que nunca; não acredite, como tantos outros, que eu queira mal a meu paiz. São as excrescencias do nosso corpo social que eu detesto; ellas, porém, não fazem parte do organismo."

Cada uma de suas obras provocava, ao apparecer, discussões pela imprensa, e de tal modo algumas escandalisavam a opinião publica que a sua representação era impedida. Ibsen, por vezes, viu-se isolado de seus proprios amigos. Mas, confiante na sua missão, elle não esmorece e volta, cada vez mais firme á lucta. E' assim que, em um momento critico de sua vida, em 1862, escreve "A Comedia do amor," onde combate esse "mal necessario," que é o casamento. Já se vê que tal peça não poderia ser bem recebida pelo publico. A honesta burguezia não podia tolerar que se puzesse a nú a falsidade de seus sentimentos, esteio de sua pretensa felicidade. Mas a verdade é que Ibsen é cruel. O amor? Falk, o heróe da peça, pretende-o livre das imposições hypocritas da sociedade. E quanto, depois de longa e interessante comparação sobre o amor, é assediado pelos circumstantes que procuram, com factos, convencel-o da falsidade de suas idéas, elle exclama:

— "Eu não nego tudo isso que me mostraes. Mas, não temos nós tambem militares, um arsenal cheio de tambores, de sabres e de esporas? E que prova isso? Simplesmente que temos soldados em armas, mas não heróes."

O noivado? E' já "o epilogo do romance." Quando Falk indagava de Styver se tambem já fizera versos, este responde:

— "Sim, antigamente, quando eu era namorado."

Falk insiste:

— "Namorado? Tu não o és mais?"

Ao que Styver replica:

— "Agora, eu sou noivo official..."

O casamento? E' Straamand, cujos sentimentos artisticos são absorvidos pela necessidade de ganhar dinheiro, quem nol-o mostra...

Afinal, Falk tambem succumbe: fica noivo de Svanhild, joven que, como elle, alimenta idéas independentes. Outro que fosse o autor e tudo terminaria ahi. Ibsen, porém, faz surgir o bom-senso. O bom-senso geralmente tem dinheiro. Põe em cheque a duração do amor de Falk e a felicidade daquella união. E a "Comedia do amor" termina com o casamento de Svanhild com Guldstadt, isto é, com o bom-senso, emquanto que Falk segue o seu destino de poeta...

Mais tarde apparece "Casa de boneca," um grito pela emancipação feminina, onde Ibsen já se refere á hereditariedade moral que vae constituir, depois, a base de "Os Espectros." Salientam-se nesse drama as figuras de Nora, de Helmer e do Dr. Rank. E entre o egoismo do primeiro e o amor infeliz do ultimo, SENTE-SE a figura muito humana de Nora, tão feliz a principio e tão angustiada no final, até decidir-se, num transporte de revolta, a deixar a "Casa de boneca," sem despedir-se dos filhos, sósinha... Nem ao menos um amante, como nas comedias francezas!...

Como disse na Academia Brasileira de Letras o illustre Prof. Roquette Pinto; "á exigencia de um certificado antenupcial, que "Espectros" póde justificar, fôra talvez mais pratico, no interesse da felicidade do casal, substituir a leitura obrigatoria da "Casa de boneca" durante o tempo do noivado."

E', afinal, uma peça que, hoje, não causaria nenhum effeito. O lar (não sei se a outra Academia conservará esta palavra em seu diccionario...) não é mais hoje — ao contrario — a "Casa de boneca," nem a mulher é mais a boneca mimada, que deve cantar e dansar para o marido e brincar tambem com os seus bonequinhos... A mulher moderna dansa... com os outros, canta para os outros... Quanto a filhos... Penso que Ibsen, se resuscitasse, escreveria a comedia pelo avesso...

Dois annos depois, apparece "Os Espectros," em que as personagens se agitam "torturadas pelas leis inexoraveis da hereditariedade." A unica pessoa equilibrada, embora aferrada aos preconceitos, é o pastor Manders. E fica-se a pensar naquella Mme. Alving, luctando contra os espectros visiveis e invisiveis, occultando a todos a infelicidade de sua vida conjugal, educando longe do lar o filho estremecido para que sempre ignore a verdade sobre seu pae... e depois ella propria, forçada pelas circumstancias, revelando-lhe toda a verdade, sujeitando-se a tudo, disposta a tudo para consolar o filho que ella adora, emquanto que elle pede-lhe, agonisante:

— Minha mãe! Dá-me um raio de sol!...

Esse drama causou escandalo, foi julgado immoral. Ibsen soffre terriveis ataques por causa delle. Os amigos o abandonam. Longe de recuar, Ibsen volta á carga, em 1882, com "Um inimigo do povo," creando aquelle medico revolucionario, que lucta sósinho contra todos, contra a hypocrisia, contra a mentira, aquelle doutor Stockmann, que outro não é senão o proprio Ibsen. Prega que "uma sociedade não póde viver sã, nutrindo-se de verdades apodrecidas" e que "o homem mais forte do mundo é o que vive mais isolado."

São peças que, como se vê, dariam, de per si, motivo a varias paginas. Não parou ahi a obra do grande mestre do theatro. Continuou por uma série brilhante de trabalhos que poderiam levar-me mais longe.

Mas quero tocar em um outro ponto: o theatro na obra de Ibsen. A meu ver, foi esse norueguez combatido quem comprehendeu a verdadeira significação do theatro, que não visa sómente divertir, mas tambem e sobretudo, instruir. Ibsen poderia — e chegou a tental-o — fazer propaganda de suas idéas pela imprensa. Elle preferiu fazer viver aos olhos de seus contemporaneos, á luz das gambiarras — não sei se já havia gambiarras naquelle tempo... — todos os seus defeitos e

(*Conclue no fim do numero*)

Cousas da nossa terra

Por

Affonso de Escragnolle Taunay

E' geralmente sabido — e em São Paulo não ha quem o ignore — que ás flotilhas de embarcações, que de Porto Feliz largavam, pelo rio Tietê abaixo em demanda das aguas do Paraná, e dos rios de Matto Grosso, visando attingir Cuyabá, se dava o nome de monções.

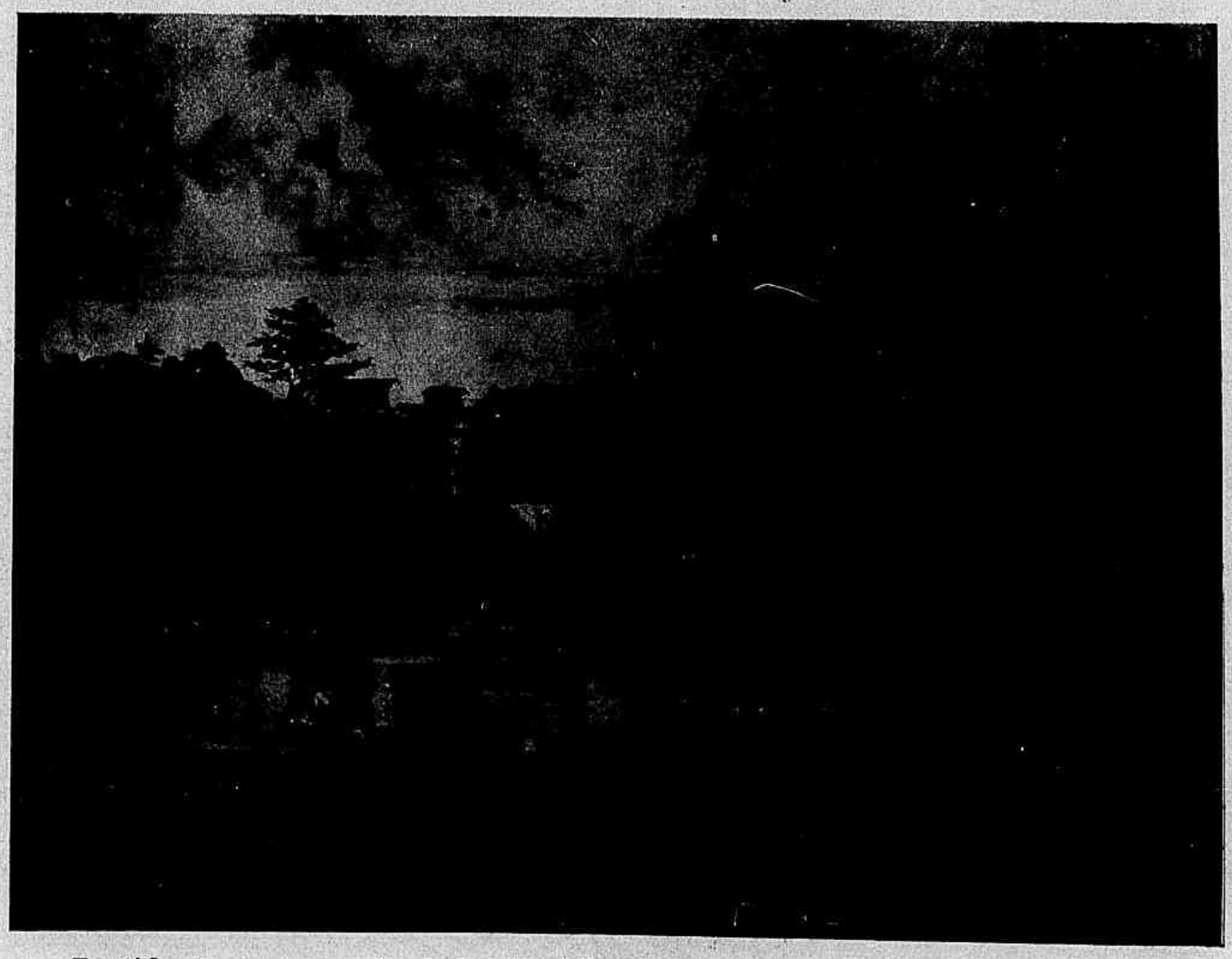
Era uma reminiscencia de velhas tradições lusas das navegações e conquista do Oriente, pois monção é o aportuguezamento de uma palavra árabe que designa uma estação propicia ás embarcações veleiras.

Flotilhas de por vezes dezenas de "canoões" desciam os rios partindo da velha povoação portofelicense, outr'ora Araraytaguaba. Executavam a mais penosa e perigosa das navegações, pois o curso do Tietê, obstruido por numerosas corredideiras e os dois grandes saltos do Avanhandava e Itapura, offerecia mil difficuldades aos pertinazes e heroicos sertanistas, — tanto mais quanto ás margens do grande rio reina a malaria em larga época do anno.

Um quadro celebre e admiravel de Almeida Junior — "A partida da Monção" — reconstitue, com intensa poesia, e a maior apropriação dos elementos a evocar, a scena do levantamento de ferro dos "canoões". E' das mais bellas coisas de que se póde ufanar a pintura brasileira e a mais preciosa peça da Pinacotheca de São Paulo.

Divulgamos agora mais dois preciosos documentos da antiga iconographia de São Paulo e do Brasil, devido um a Hercules Florence, o "patriarcha da iconographia paulista" e o outro a Amado Adriano Taunay, o joven e inditoso artista e naturalista, afogado em 1828 em aguas do Guaporé. De Florence damos a "Benção das canôas".

Partida da monção. Benção dos canoões em Porto Feliz (1826) — Quadro de Aurelio Zimmermann ap. um desenho de Hercules Florence no Museu Paulista.



Partida de uma monção de Porto Feliz (1826) — Quadro de Oscar Pereira da Silva no Museu Paulista, ap. um desenho de Amado Adriano Taunay.

A' barranca do Tietê, benze o vigario de Porto Feliz as embarcações da monção prestes a partir em presença das personalidades de vulto da pequena villa e dos membros da Missão Langsdorff, que vae partir para Matto Grosso e o Amazonas.

O quadro é interessantissimo para o estudo da indumentaria da época no interior do Brasil e foi, talvez, o que a Almeida Junior, que o conheceu, inspirou a idéa da sua grande composição. Pintou-o apud. o desenho de Florence, Aurelio Ziemmermann, modesto artista, já fallecido, que longos annos viveu no Rio Grande, onde é bem conhecido, e em São Paulo, deixando minuciosas e valiosas telas.

Merecia outra reputação, que jámais teve, pois realmente foi um

pintor de notaveis qualidades. Constitue um dos melhores elementos da collecção do Museu Paulista e é a cópia fidelissima do esboço deixado pelo illustre artista francez. Tão interceptado de corredeiras e cachoeiras é o Tietê, que as monções escolhiam para a sua navegação penosa, rio abaixo e sobretudo rio acima, a época das enchentes, graças ás quaes se evitavam numerosos e perigosos recifes e itaipavas. Carregados os "canoões", logo após a benção dada pelo vigario, lá se iam rio abaixo, soltando-se então, da villa porto felicense, a antiga Araraytaguaba e do "porto", a praia da atracação dos batelões, numerosos foguetes, a que respondiam os disparos das espingardas dos navegantes.

A estampa que agora damos, é um documento precioso da época e documento unico, insubstituivel. Reproduz perfeitamente o facies da velha cidade legendaria das monções, que até hoje conservou o mesmo perfil com a sua situação pittoresca ao longo de uma penedia que domina o rio Tietê, de uns trinta, senão mais metros.

Do seu casario baixo e modesto emergem as duas altas torres da Matriz, enorme igreja, velha, acolhedora e sympathica, como raras, onde ha uns quadros deliciosos, de ingenuidade primitiva, por vezes, perseguidos pela idiotia de reparos de pretensos criticos de arte.

A praia do Tietê, o antigo fundeadouro dos "canoões", foi em 1920 embellezada segundo um plano feliz, executado por ordem do Dr. Candido Motta, secretario da Agricultura, de São Paulo, na presidencia do Dr. Altino Arantes. Grande escadaria liga-a á rua do Porto e uma alameda asphaltada baixa até a barranca do rio, havendo sido collocada, á direita de quem vem, á margem do Tietê, a elegante e artistica columna rostral erecta em commemoração das monções. A esta columna rostral acompanha uma exedra com tres baixos relevos: "A partida da monção", de Almeida Junior; "A benção das canôas", de Hercules Florence; e "A partida de Porto Feliz", de Adriano Taunay. E' um bello trabalho do professor Amadeu Zani, reputado esculptor italiano, residente em São Paulo e autor de diversos monumentos da capital paulista, como os da "Fundação de São Paulo"; a Verdi e a Alfredo Maia. A inauguração do monumento ás monções fez-se solemnemente, a 26 de Abril de 1920, em presença dos membros do governo do Estado de São Paulo, tendo quem estas linhas subscreve pronunciado a oração official de desvendamento da columna rostral, por especial incumbencia do secretario da Agricultura e promotor da solemnidade, Dr. Candido Motta.

O autor do documento que hoje estampamos era filho do pintor da Escola Franceza, Nicoláo Antonio Taunay, membro do Instituto de França e um dos artistas a quem se deve a fundação, em 1816, da nossa Escola Nacional de Bellas Artes, com Debret, Grandjean de Montigny, Pradier, os irmãos Ferraz, Lebreton, etc., e por incumbencia do governo de D. João VI.

Nascido em 1803, mostrara Adriano Taunay, desde a infancia, notaveis aptidões artisticas. Vindo para o Brasil, com os seus, foi, em 1817, convidado pelo grande navegador de Freycinet para desenhista da sua expedição aos mares da Oceania. Desta deixou soberbos documentos reproduzidos por ordem do Governo Francez. Na viagem de regresso ao Atlantico, naufragou nas ilhas Malvinas, de onde pôde, em 1820, voltar ao Rio de Janeiro. Em Setembro de 1825, partia com a expedição scientifica russa, do barão Langsdorff, em demanda de Matto Grosso, pelo itinerario das Monções. A 5 de Janeiro de 1828, afogara-se, aos 25 annos de idade apenas, e, por imprudencia, no Guaporé, tendo querido atravessar, a cavallo, este rio sobremodo entumescido então. Seu sobrinho, o visconde de Taunay, escreveu-lhe a biographia em sua "A cidade de Matto Grosso, o rio Guaporé e a sua mais illustre victima..." Deixou copiosos e preciosos desenhos, reunidos ao archivo da Commissão Langsdorff e propriedade do governo russo. Neste acervo deve haver numerosissimas peças ineditas e preciosos documentos da iconographia brasileira.

Arthur Bernardes Alves de Souza, filho do Dr. Carlos Alves de Souza, secretario da Legação do Brasil em Paris, e neto do senador Arthur Bernardes, ex - presidente da Republica.

Movimento literario

UM ROMANCISTA FRANCEZ

O SR. JEAN GUYON-CESBRON E SUA OBRA

Devemos á prestimosa apresentação literaria de Angela Vargas o conhecimento do romancista francez Jean Guyon-Cesbron, autor de tres bellos e interessantes livros.

"Le feu interieur," "La plus belle conquête" e "Le pain de douleur," publicados nesta ordem, e sendo o ultimo deste anno, são tres romances escriptos com talento e exquisito bom gosto.

Desde o primeiro, a critica franceza, por varios de seus valores representativos, accentuou as aptidões do estreante, as suas qualidades de observação e de analyse, os surtos de sua clarividencia psychologica, a sua firmeza de estylo, lastreada por solida fundação de bôa e sã cultura.

Os dois livros seguintes consolidaram de todo a nomeada do romancista. "Le feu interieur" — "de qualité par son écriture, par ses nuances précises et par son angoisse secrète qui dépasse les sensibilités communes," como affirmou M. Albéric Cahuet, na "Illustration," — apresentou ao publico um escriptor nervoso e agil, senhor dos segredos do romance moderno, com uma superioridade pessoal: a comprehensão das fontes harmoniosas e bellas da vida humana.

Este livro resente-se, apenas, da linguaguem algo trepidante da ascenção.

Já na obra seguinte, o estylo se apurou; tornou-se mais elegante, mais despreoccupado. "La plus belle conquête" é, sob este ponto de vista, de uma serenidade impeccavel.

Mas é ainda, sobretudo, um bello, um fascinante romance.

O entrecho materialisa todas as ansias de uma poesia altamente humana, de um raro e puro idealismo christão.

M. Guyon-Cesbron trabalhou com mestria a esculptura psychologica de um "hero of humanism," como diria G. K. Chesterton, o illuminado escopro dessa fulgida estatua literaria, que é "St. Fancis of Assisi."

Apenas, a esculptura de um sobrevive na ficção, emquanto a do outro se corporificou na propria realidade precaria da carne e do osso.

James L. Duroc é esse prototypo.

Aliás, M. Guyon-Cesbron, já no seu primeiro livro, onde se confessa "vitalista" em psychologia, criou a figura tolerante do doutor Féron, marido de Helena, cuja quéda perdôa para salval-a. Helena se tinha deixado, entretanto, abater ao peso de uma fatalidade freudiana...

Sente-se que o autor animou a sua obra de penetrante espirito subjectivista, tendendo desde a sua estréa para o zenith de uma serena perfeição moral.

Esta propensão, de impressionante effeito á luz dos exemplos modernos, veiu irradiar, em toda sua suggestiva plenitude, no dominio literario do penultimo romance do festejado escriptor.

Nelle nos detivemos, recordando o critico de São Francisco de Assis; a elle tornamos para recortar a esculptura moral do protagonista.

Em carta ao escriptor, dissemo-lhe textualmente, ao cabo da leitura de "La plus belle conquête": "J'ai lu enchanté votre livre. Au cours de son récit, si limpide et si harmonieux, j'ai eu l'orgueil d'être un homme. Les pages du "Journal de Duroc" sont toutes pleines d'une exquise et profonde sagesse."

Este "Diario de Duroc," un examen de conscience quotidien," é um breviario de moral, mas de moral elevada, sem pieguismo e sem farça.

Por mais que os homens modernos queiram libertar-se de certas "disciplinas," que a formação domestica lhes incutiu no animo e a suggestão do passado e da religião embalou, desde o berço, sempre elles surprehendem nellas um apaziguamento em plena exaltação esteril dos sentidos.

Não resistimos ao prazer de reproduzir, por alto, o enredo desse livro encantador.

Se "Le pain de douleur" é mais profundo, esta obra é mais incomparavelmente bella.

Em "La plus belle conquête," M. Guyon-Cesbron affeiçoou ao romantico a elegia da renuncia pelo ideal voluntarioso de ser forte e de ser bom: duas almas affins, que se encontraram tarde no caminho da vida e do amor.

"Em "Le pain de douleur," a renuncia é menos valorosa, porque as almas não são affins. Entre Bressigné e Julienne paira a sombra presaga do interno da Casa de Saude do doutor Sauger...

Mas entremos, desde já, no enredo de "La plus belle conquête."

* * *

O livro começa em Milão, numa noite de Julho de 1923. James L. Duroc, um opulento industrial americano, torna ao hotel, depois do "saráo" do Scala, indifferente á atmosphera trepidante da bella capital lombarda.

Seu espirito, inquieto, divaga. E como sempre acontece a um homem só, elle pensa no amor, "a ultima illusão que lhe restava."

O fio do pensamento, muito subtil, foi evocando, então, a imagem de Mme. Kösel, "grande, délicate et très brune," — uma senhora allemã, que elle entrevira, á tarde, na "Chartreuse de Pavie" e, uma segunda vez, no "hall" do "Palace."

Quando um homem moço lembra, sósinho, o retrato de uma mulher, e se interroga sobre a vida, essa mulher vae dar-lhe ainda muito trabalho...

Mme. Kösel foi assim a incognita na equação philosophica dessa primeira hora especulativa de Duroc.

Circumstancias especiaes promoveram sem demora um encontro entre o capitalista americano e o barão Otto Kösel, genro do armador hamburguez von Gera, cognominado o rei dos sáes de potassa.

A situação financeira do Barão era, porém, má, de modo que o conhecimento de Duroc lhe foi sobremodo aproveitavel por sua opportnua intervenção salvadora.

Assim começou o destino a desenrolar o novello do romance de Duroc.

O primeiro encontro com Mme. Kösel, num almoço em casa dos Splengler, onde se reuniam outros amigos, perturbou tanto um, como outro.

Bertha Kösel era um desses typos modernos de mulher efficiente, collaboradora do homem, e algo viril, no bom sentido. Casou-se em tempo opportuno. Um casamento prosaico, sem poesia, que lhe deu "um bom marido." "Un bon fonctionnaire du mariage," na pittoresca expressão do autor.

Mas no almoço dos Splengler, havia tambem uma argentina, Rosa Janreguiberry, de maneiras desenvoltas, para não dizer levianas.

Essa moça — em todo o poema de Duroc, foi um dissonante verso quebrado, que impertinentemente tentou desafinar a sonoridade e o lyrismo de sua vida.

Não é preciso salientar os polos oppostos, que se defrontaram, então: a allemã e a sul-americana; a mulher e a boneca; Bertha e Rosa.

O romance prosegue, agora, entre os dois caracteres, de que Duroc é o critico arguto, apesar de amoroso de uma e curioso da outra...

A argentina procura por todos os meios conquistal-o; lança-se á aventura e, com a cumplicidade da mãe, uma velha automata e interesseira, offerece-se para fazer com elle, a sós, a travessia em automovel de Pampelune por Cambo, numa extensão de mais de tresentos kilometros...

Duroc acquiesce, com o pensamento em Bertha. Esta soffre em silencio o seu melancolico destino, emparedada no lar, mas amando, espiritualmente, fóra delle. Para Rosa, Duroc era, apenas, um novo "flirt"; para Bertha, o seu primeiro amor.

O "flirt" decepciona pela ousadia de que o reveste o espirito moderno da rapariga sensual; o amor glorifica-se no soffrimento e na moralidade de duas grandes almas bem formadas.

Duroc ainda pensa em salvar a leviana, assistindo-a com a sua superioridade de Homem, com maiuscula. Rosa não o comprehende.

Resta no caminho a esculptura luminosa de Bertha. Mas, Bertha não é livre e Duroc recua, vencendo todas as insinuações imperativas do instincto e do proprio pae della — um cynico, que não trepidou em transigir com a propria honra da filha.

As ultimas paginas deste romance são edificantes.

(Termina no fim da revista)

O

PROFESSOR

VORONOFF

Caricatura

de

Guevára

Um Livro

Por OLYNTHO SANMARTIN

FOI no anno amoravel de 1909 que Cesar de Castro reappareceu em publico com "Fructos do meu pomar," época em que o Rio Grande literario se sentia renovado pela pujança intellectiva de uma formosa pleiade de artistas novos, que eram, entre outros, — Alvaro Moreyra, Manoel do Carmo, Homero Prates, Eduardo Guimarães, Pery Mello, Felippe d'Oliveira, Roque Callage e Paulo Labarthe.

Cesar de Castro já era, nesse tempo, o torturado artifice da palavra escripta. Mais tarde Cesar tornou-se scientista, sem com isso comprometter sua notavel carreira militar, voltando agora á arena das letras com "Aphorismos de um cabo d'Esquadra," onde resalta o mesmo calor do seu temperamento pessoal ainda que em genero literario diverso.

Já não se apresenta na constante ameaça de "perverter-se para deshonrar a Vida" mas para analysar, com penetrante agudez, emmoldurada em raro e crystalino estylo, as incoherencias do espirito autocratico das classes armadas, presas profundamente ás tradições bellicas e á systematisação de ensinamentos disciplinares. Vem, ás vezes, anecdotico, quasi sempre mordaz, dissipando, com a luz da sua intelligencia vigorosa, as nebulosidades de principios anachronicos.

O polymorphismo das interpretações que o prosador nos offerece, coaduna-se com a rigidez da critica implacavel, escudada, sem embargos, nos methodos artisticos que a sua vasta cultura lhe prodigalisa. "Aphorismos de um cabo d'Esquadra" não é e jámais poderá ser — uma obra de recursos vitaes, concebida com escopo de estabelecer correntes proselytistas. Ainda que notavel a sua hermeneutica, faltam-lhe elementos de ordem doutrinaria, que de modo algum poderia contel-os em virtude da sua feição estructural. E', comtudo, um livro que interessa, com focalisações engenhosas e ricas, mais pela originalidade da sua essencia, genericamente sarcastica, que pela extensão dos assumptos que trata, de instantaneas conclusões. Mas a arte de concluir com presteza, alcançando o exacto dentre um complexo de cousas consolidadas, dando-lhe uma fórma de astucia e esperteza nos conceitos, é uma arte que glorifica. Glorifica na accepção da realidade, coordenada ao influxo das impressões, pelo ouro que accumula nas syntheticas elaborações que proporciona e glorifica como elemento persuasivo da sua continuidade esthetica. E' o que temos de apreciavel na contextura da fórma.

Encontramos nos "Aphorismos" periodos estylisados em um ambiente marcial de sonoridades bellicosas, combinando a harmonia sarcastica da observação com os vivos contornos da arte escripta. A irreverencia persiste em pról do bello, talhada em observações superiores, limpidamente completada por um espirito atilado, astuto, ironico.

"O inimigo não passa de um accidente molesto do terreno. E' de bom aviso evital-o sempre que não fôr possivel destruil-o." E' sem duvida uma illustração satyrica do que é um entre-choque armado collectivo que os codigos regularisam. A uniformidade na definição ainda que não seja asteista é, no entanto, sentenciosa e de um inesperado ineditismo pela logica que traduz.

"A praça forte, eis o ponto fraco. Balisa por que sempre se ha de regular o derroteiro do invasor." Temos nesta observação lapidar toda a immensa força racional em constante litigio com as theorias preceitualistas dos ensinamentos classicos. A fórma pela qual Cesar de Castro observa, não deixa de ser caracteristicamente transcendental. E ainda que se vislumbre interpretações reaccionarias em alguns pontos dos "Aphorismos," ellas se conservam saturadas de bom humor pela efficiencia de um eloquente realismo philosophico.

Cesar de Castro nos aclareia classicos principios e delineia, sob um aspecto critico e mordaz, novos rumos de hermeneutica que a contemporaneidade estabelece. Denota-se, em tudo, uma sadia reflexão, uma metamorphose dos instinctos, deixando unicamente que a precaução actue como força natural. E' um renovador sem propositos de destruição.

Em "Aphorismos" não encontramos sómente sentenças apanhadas da superficie de uma analyse esteril. Existe alguma cousa mais, de maior vulto substancial. Pequenos receptaculos de subtilissima inducção manejada com segurança invulgar. A critica apparentemente scientifica é o propulsor dynamico com que se alicerceiam os "Aphorismos." São velhos preceitos a soffrerem o estigma abrazador e incisivo de uma sã remodelação, pondo á vista os seus effeitos reaes.

E ainda que as breves paginas desse livro nos trouxessem a côr de uma originalidade penetrante, tal constatação não inhibiria o direito de se affirmar que Cesar de Castro pensou muito, e com apurado acerto, ao escrever os seus "Aphorismos."

Quer isso dizer que as subtis interpretações do escriptor gaúcho estão nobremente fixadas, prerogativas de poucos, embora representem desejos de muitos. Assim vale a pena pensar.

Archivistas da emoção

Por Barros Vidal

Alma errante dos jardins publicos, embora rareando, ainda se vêm, com as suas machinas sempre promptas a fixar as mais lindas imagens e os mais feios perfis, os photographos ambulantes que operam o milagre de realizar ali, no seu magico apparelho, num minuto, as operações todas por que passa a chapa photographica. Elles, de preferencia se refugiam nos parques, onde a propria natureza os ajuda, armando-lhes os mais vistosos scenarios, dando-lhes o realce dos mais vivos matizes e a penumbra ou o clarão de todas as variantes da luz e toda essa riqueza de detalhes imprescindiveis á arte, sem o dispendio de um vintem. Por isso, os que ainda restam dessa tradição que vae morrendo aos poucos, perdem seus passos ganhando sua vida pelas aléas dos jardins das Praças 15 de Novembro, Onze de Junho, Passeio Publico e alguns outros. E, olhando-os, quem quer que os veja no seu aspecto sombrio, não sabe o verdadeiro relicario de emoções que elles guardam no amago, as phrases entrecortadas de soluços, os beijos que adivinharam em labios ansiosos e as caricias que viram em mãos nervosas.

Foi com essa idéa no cerebro que sahimos, rua em fóra, á procura desses luctadores da vida, afim de ouvir-lhes as mais intimas confidencias, os segredos que os outros lhes confiaram sem saber e as palavras, os murmurios que ouviram de amantes apaixonados emquanto, a cabeça baixa, as mãos ageis revelavam, na vertigem do minuto que corria, a chapa que os unira ali, se bem que ephemeramente.

* * *

Para ganhar a confiança de André Abrahão, o photographo mais popular do Passeio Publico, perdemos meia hora. Já a essa altura da nossa palestra elle nos confessava que, realmente, tem colhido, no seu mistér, as mais imprevistas emoções.

E contou ali mesmo, sob a sombra amiga da grande arvore que nos protegia do sol causticante, na sua linguagem repassada de simplicidade, que de tudo que vira, de tudo que passara pela lente da sua machina, lhe ficaram no espirito, de modo indelevel, as imagens de dois velhinhos tremulos. Elles se lhe aproximaram tropegos, vagarosos e lhe perguntaram por quanto tirava uma photographia delles dois juntos, agarrados, num grande abraço.

André Abrahão disse ao velhinho que cada chapa custava mil réis. Elle sacudiu a cabeça num desanimo e o photographo ouviu as suas palavras desilludidas á companheira — quem sabe? — de meio seculo ou mais:

— Dez tostões, minha velha. Temos oitocentos réis e não podemos...

O photographo adivinhou uma lagrima nos olhos da velhinha. E, commovido, falou:

— Por tão pouco...

— E', mas não temos, disse o velho, porque se mais tivesse, mais daria.

E num desalento:

— Nós nunca tiramos um retrato!

E explicando a Abrahão, amparando a companheira que se lhe encostava ao braço:

— Nós queriamos tirar o retrato porque, não tarda muito, Deus nos separar: um morrerá e outro ficará morrendo de saudades!

Limpando uma lagrima:

— Ao menos uma photographia, guardando a imagem daquelle que se foi, attenuaria a dôr immensa.

André Abrahão sentiu um calafrio. E obedecendo a uma voz que lhe vinha do intimo, a voz talvez da consciencia, ageitando o tremulo casal em frente á lente gasta disse-lhes, tremendo tambem:

— Fiquem quietos. Não se mexam. Olhem para aqui. Um... dois... tres!...

E revelada, tirada a prova, entregou-a ao velhinho dizendo:

— Não é nada. Seja feliz com a sua velhinha...

Rematando a sua reminiscencia o photographo ainda esclareceu:

— Não sei se foi por causa dos velhinhos, mas o certo é que nesse dia ganhei mais que na semana inteira!...

* * *

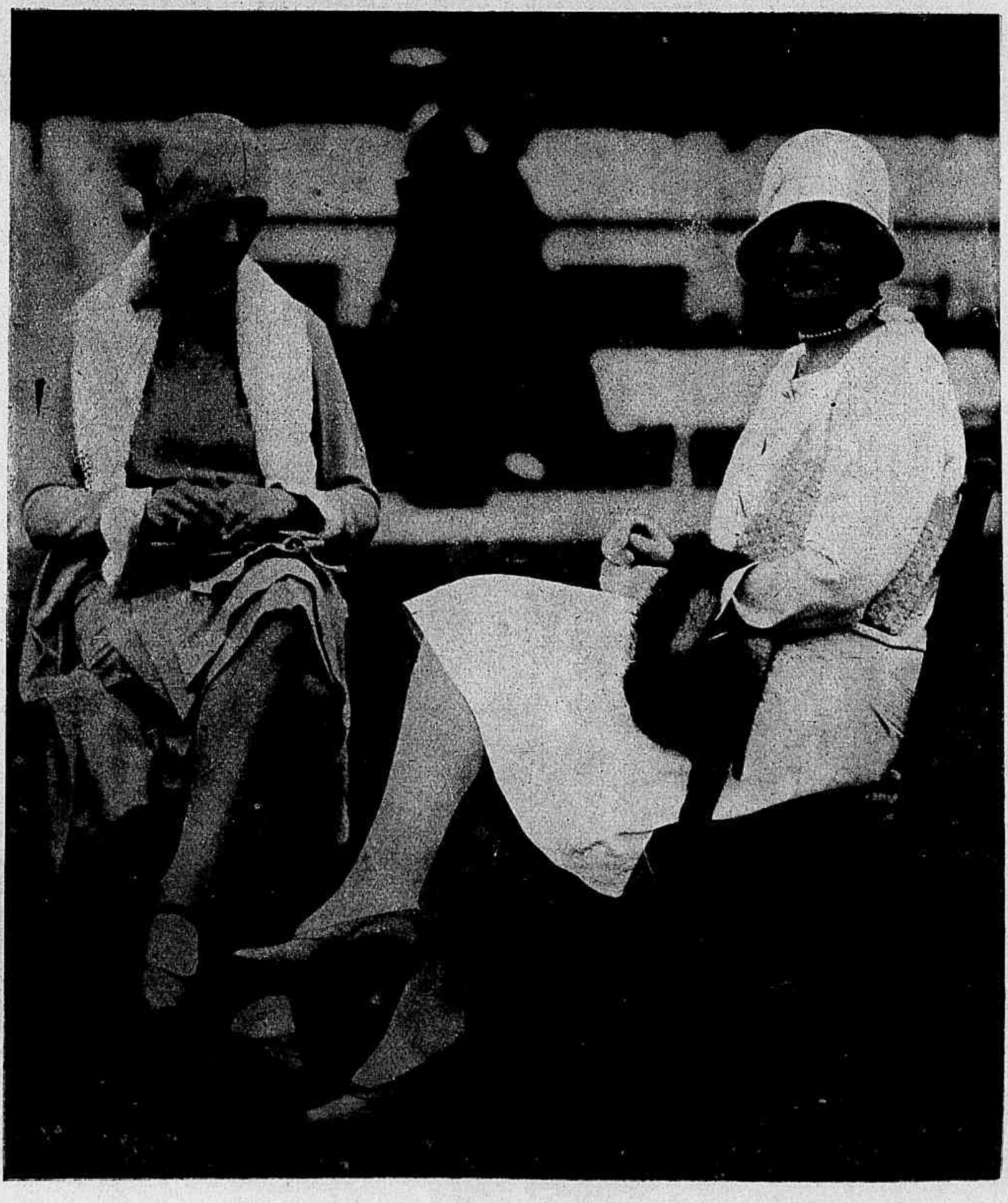
O episodio que mais impressionou o retratista José Leite nas suas funcções liberaes foi o que lhe proporcionou, certa tarde, uma mulher bonita, dessas que a gente encontra um dia e tem vontade de encontrar sempre e que lhe appareceu cahida nos braços de um cidadão com ares pacatos e bigodes grandes.

Queriam uma "pose" artistica.

Desde o primeiro momento, entretanto, José Leite notou que a physionomia

(*Termina no fim do numero*).

UM DOMINGO DE CORRIDAS NO JOCKEY CLUB



O senhor Presidente da Republica e a senhora Washington Luis recebidos á entrada do Hippodromo Brasileiro pela Directoria do Jockey Club. — Instantaneos durante os pareos.

Depois que Myrian encheu a noite de estrellas...

Por Oswaldo Santiago

Não gosto da poesia de Adelmar Tavares.

Não gosto porque ella me faz grande mal, despertando sentimentos cujo repouso, no meu intimo eu desejara eterno.

Adelmar, segundo dizem, é o poeta do coração.

Mas não ha cousa mais triste, nos tempos de hoje, que um homem possuir esse orgão para o effeito, para a funcção espiritual da sensibilidade.

A sensibilidade é um trambolho.

Por causa della as melhores conquistas de ordem material são sacrificadas e os interesses relativos ao conforto individual são postergados criminosamente.

Sentir é um synonymo de fallir.

O homem que conserva a cabeça levantada só tem direito a uma felicidade: a de não ver os trapos que lhe cobrem o corpo.

Idealismo, altruismo e dignidade foram palavras inventadas, talvez, por algum jornalista esfaimado ao noticiar o natalicio de um politico prestigioso que lhe promettera um emprego.

Nada mais que uma habilidade bajulatoria.

E quando mais a gente começa a perceber a verdade dessas verdades, eis que surge um poeta, de bandurra em punho, a cabelleira empoada de illusão, a interromper-nos as reflexões amargas, mas sensatas, infelizmente!

Ouçamos, porém, o que diz esse mystico retardatario:

"Não lamento a minha lida
nem, pobre, choro os meus ais.
— Quem tem um amor na vida
tem tudo! Para que mais?"

Deliciosa ironia!

O amor, com effeito, opera milagres e prodigios.

Creio que foi obra sua o milagre do pão que se transformou em rosas, mas duvido que elle tenha transformado as rosas em pão, algum dia...

O amor, como esse que Myrian semeou nos jardins interiores de Adelmar Tavares, não é mais que uma noite cheia de estrellas...

E os poetas esquecem os dias que o Sol abrazou, as tempestades que desabaram, os raios que despediram fuzis sobre a natureza, a dôr, as decepções, os desesperos — a realidade.

Não! Não gosto da poesia de Adelmar Tavares.

Ella faz resoar uma corda que se vae desafinando dentro em mim.

Mas... que ouço?

E' a mesma voz que, ha pouco, proclamava a posse da ventura na posse de um amor?

Sim! E' ella! E' ella, mas agora, para minha surpreza, o seu canto modifica-se, humanisa-se... Ouçamol-a outra vez:

"Todo amor dura, apenas, um segundo
ou quando dura muito — uma estação...
E' como a Primavera o amor no mundo
querel-o, eternamente, uma illusão!

Chega... Perfuma tudo... O charco immundo
faz em jardim... E passa... E' um sonho vão!
— Mas o Amor-Soffrimento? O amor profundo,
lá da raiz do nosso coração?

Amor, que sendo angustias suffocadas,
ama cada vez mais, sereno e forte,
e acha encanto nas lagrimas choradas?

— Esse, ha de eterno, pelo seu soffrer,
fulgurar uma vida até a morte
para, no além da Morte, se viver!"

Ahi estão os poetas!

Mal acabam de gritar aos oito ventos a sua alegria de amar, o seu enthusiasmo, o seu ardor, não hesitam em confessar as suas descrenças e desenganos.

O Amor!

Onde é que elle haveria passado sem deixar um rastro de amargura?

"Oh, meu Amor! Oh, Saudade!
E eu não sabia que amor
era uma Felicidade
disfarçada numa Dôr!"

O poeta confirma, assim, o quanto é ephemero o prazer, principalmente para aquelles a quem o soffrimento fecunda e inspira.

A alegria é a mais burgueza das sensações.

Um homem que ri é um homem impossibilitado, material e espiritualmente,

(*Termina no fim do numero*).

TAVERNE ROYALE

Je regarde la porte vitrée qui tourne incessamment.
Elle mange les gens qui passent dans la rue
et les fait digérer par la salle.
Après,
à la façon des vieilles orgies romaines,
la porte tourne et vomit sur la rue
— comme une bouche —
les gens difficiles à digérer
— les gens de trop.
Les gens sont des mets.
Je vois des **beefstecks,** des pommes frites, du veau farci...
Un sandwich au coin de la salle gourmande.
Des morues, des olives, des poules,
des maquereaux...

Paris, 1927.

LUIS CARLOS JUNIOR.

■ ■ ■

VESPERAL

Para Maria Clemencia e
Ildefonso Pereda Valdéz

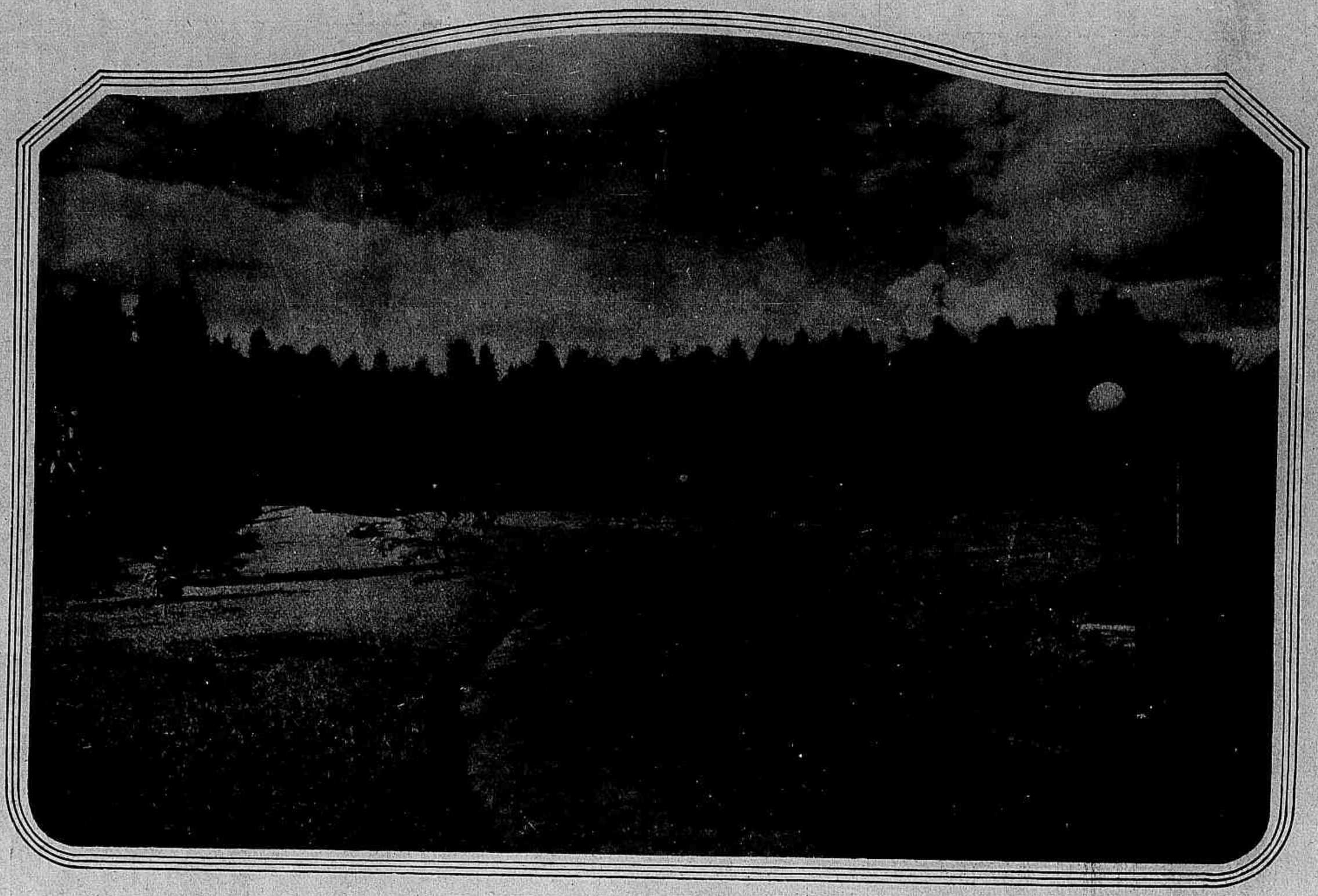
Imobilidade mórna das carambolas brunidas
caricia mole dos abricós amarelecidos,
aridez tropical das bananas maçans, convidando...

Doçura do vento-sombra,
doçura do vento que é frio
quando todas as árvores são tôldos-de-sombra
distendidos no pomar...

Doçura do vento quando o interlunio é uma prece —

... e teu beijo é como o incenso muito branco
que o fim-de-tarde, leve, me oferece.

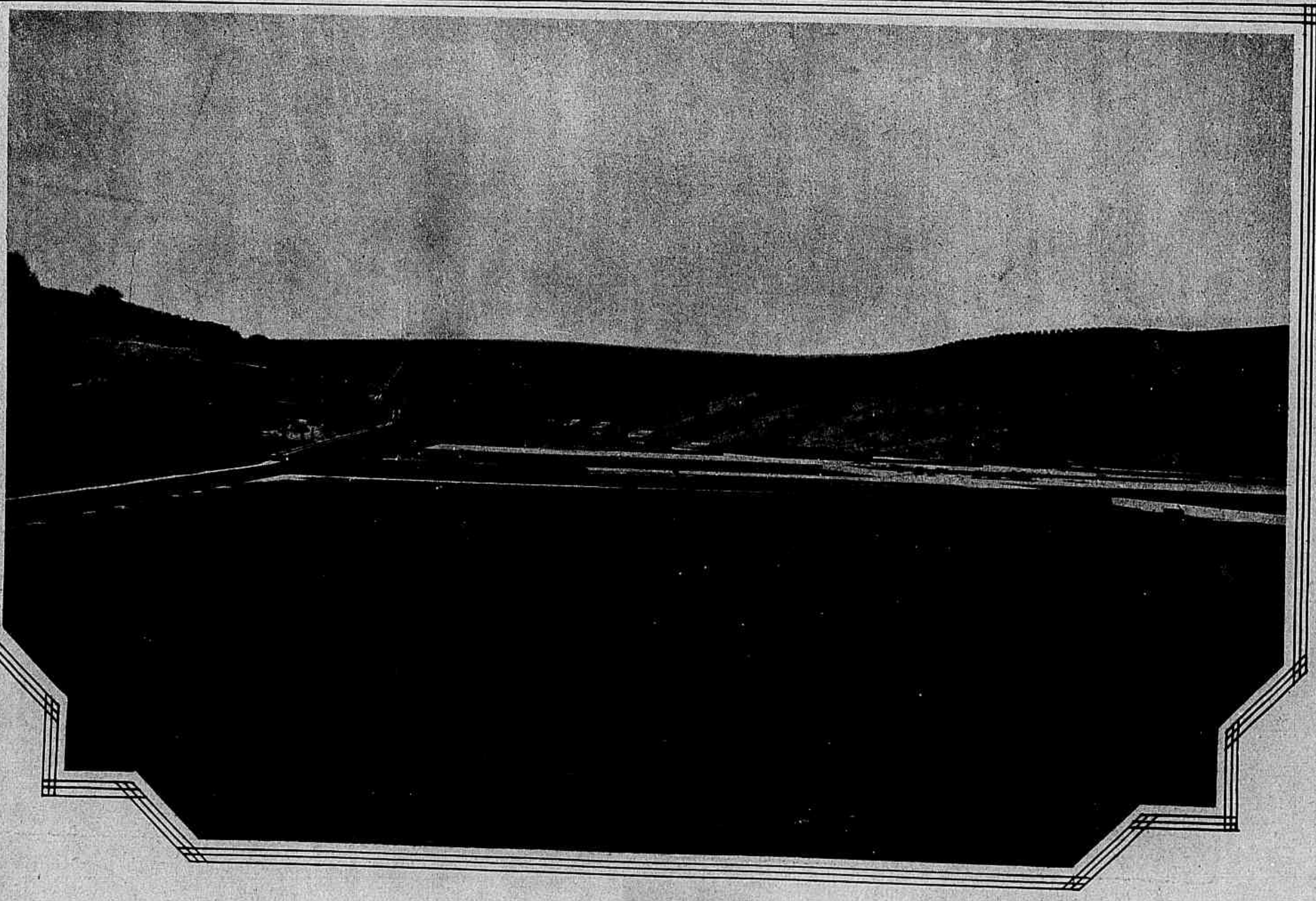
ROSARIO FUSCO.



São Paulo

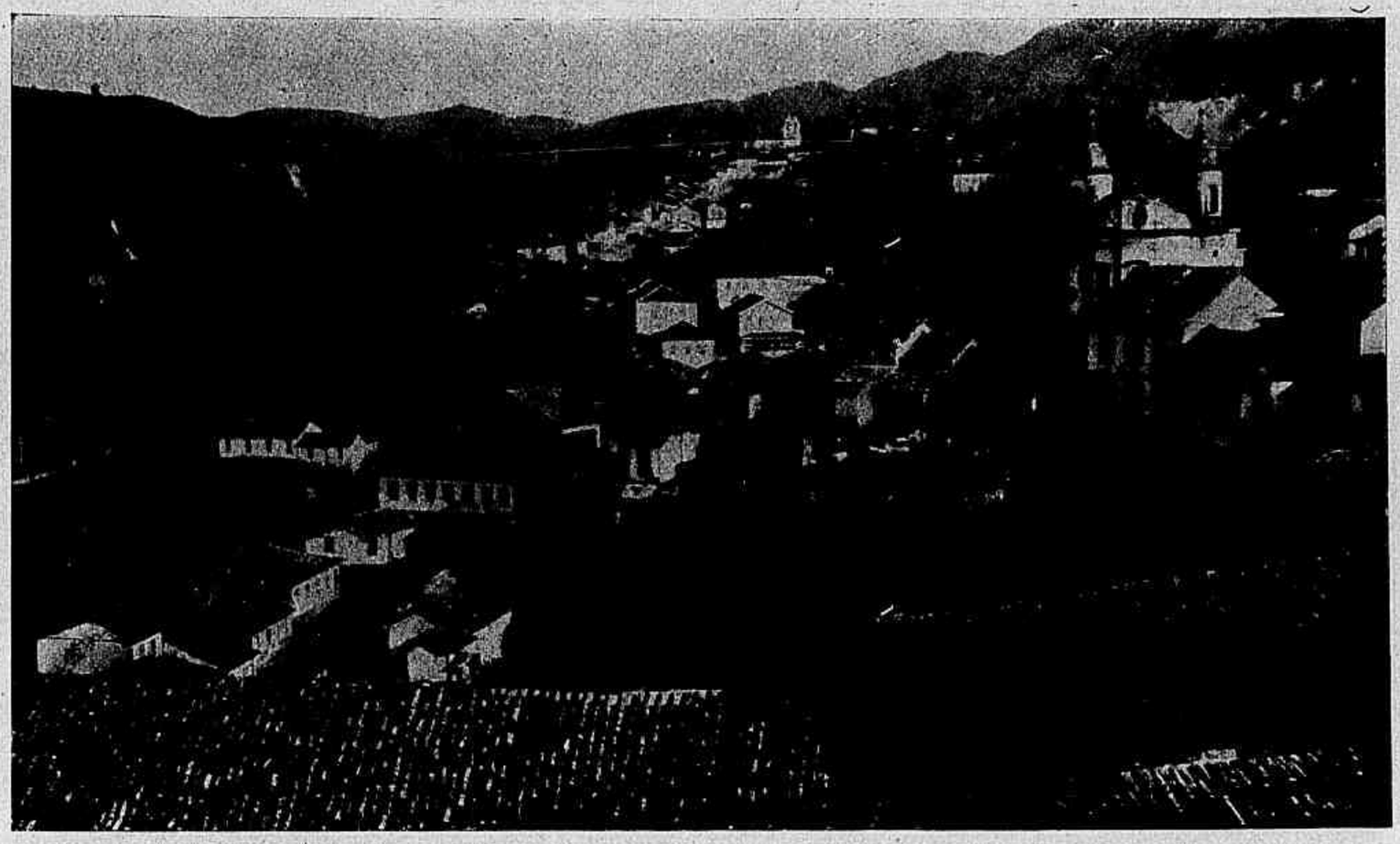
Fazenda Itaquerê

Fazenda São Sebastião



PAYSAGEM

BAPTISTA DA COSTA



Vista parcial de Ouro Preto

DEFEZA DE OURO PRETO

Por

Manuel Bandeira

OLINDA, São Salvador e Ouro Preto deveriam constituir pontos de peregrinação obrigatoria para todo o brasileiro que tenha o gosto da historia social e artistica do nosso passado. Pelo facto de haverem sido os nucleos densos da vida colonial em épocas de prosperidade e riqueza, ellas fixaram mais do que as outras cidades do paiz o caracter da vida brasileira nos seculos XVII e XVIII. S. Salvador é sem duvida aquella onde a tradição é mais rica de monumentos. A actividade dos seus habitantes ainda não conseguiu reerguel-a da decadencia a que a levou a retirada do Governo Geral para o Rio de Janeiro em 1763. Aliás a esta circumstancia se deve em grande parte a conservação do seu cunho tradicional. De vinte annos para cá ella começou a se renovar, nem sempre com o respeito desejavel para com as linhas tradicionaes do seu patrimonio artistico. (Ainda agora voltam a falar na demolição da velha Sé de Pero Fernandes Sardinha, talvez a igreja mais veneravel da nossa terra pela antiguidade e pelo caracter). Olinda pela situação de arrabalde em relação a Recife tambem ficou exposta ás transformações que acabarão por desfigurar-lhe as feições antigas. Ouro Preto guardou maior pureza e guardou quasi toda a sua pureza de estylo. A mudança da capital do estado para Bello Horizonte reduziu-a á condição melancolica de cidade morta. Mas a sua melancolia é impregnada de tanta nobreza, ali se respira com tal intensidade a poesia das glorias extinctas que se chega a estimar que tenha sido assim. Viva e remodelada ao rythmo de suas irmãs ella acabaria por se tornar uma cidade como as outras. Morta ella é unica, pois nenhuma tem a incomparavel unidade de physionomia que a caracterisa. Ella será sempre a capital do passado de Minas, a apparição desse passado tão cheio de memorias heroicas, tão rico de tradição artistica.

Essa tradição é que cumpre zelar. Não permitir que os seus templos se arruinem, como está acontecendo com a deliciosa capellinha do padre Faria, contemporanea dos primeiros descobrimentos de ouro. Sobretudo não consentir nas restaurações depredadoras do velho caracter dos seus monumentos. A isso seria mil vezes de preferir a ruina, que destróe a materia mas respeita a alma.

A esse aspecto não se commetteu nada de irreparavel em Ouro Preto, mas póde-se chamar a attenção do governo de Minas para uma falta de gosto que está enfeiando muito o edificio da Escola de Engenharia, antigo Palacio dos Governadores. Pintaram-no exteriormente a aluminio, me disseram que por medida de economia. O severo casarão de José Fernandes Pinto Alpoim prateado como se fosse grade de jardim burguez! Em nome do fallecido sargento-mór Engenheiro, supplico respeitosamente ao Dr. Francisco Campos, Secretario da Justiça do Presidente de Minas, a restauração do aspecto tradicional do palacio, que era "cayado com a melhor cal do pais," sendo "todas as portas e janelas que olham para fóra e de dentro do patio pintadas a olio de côr verde ou côr de cinza, como tambem todas as portas das cazas principaes e dos quartos onde S. Ex. o Capitão-Mór acistia," segundo reza o termo de rematação da obra datado de Villa Rica em 13 de Junho de 1741.

O acervo artistico de Minas é bastante consideravel para justificar a criação de um departamento technico que o defenda. Como é triste olhar a brochadura sacrilega com que capearam o ouro magnifico das capellas da chamada Matriz do Fundo de Ouro Preto, obra de Pombal, o tio do Aleijadinho! A igreja está hoje entregue ao zelo esclarecido de um sacerdote culto, cujo carinho pelo velho templo leva-o a raspar por suas proprias mãos a canivete o emplastamento de oleo com que o sujaram.

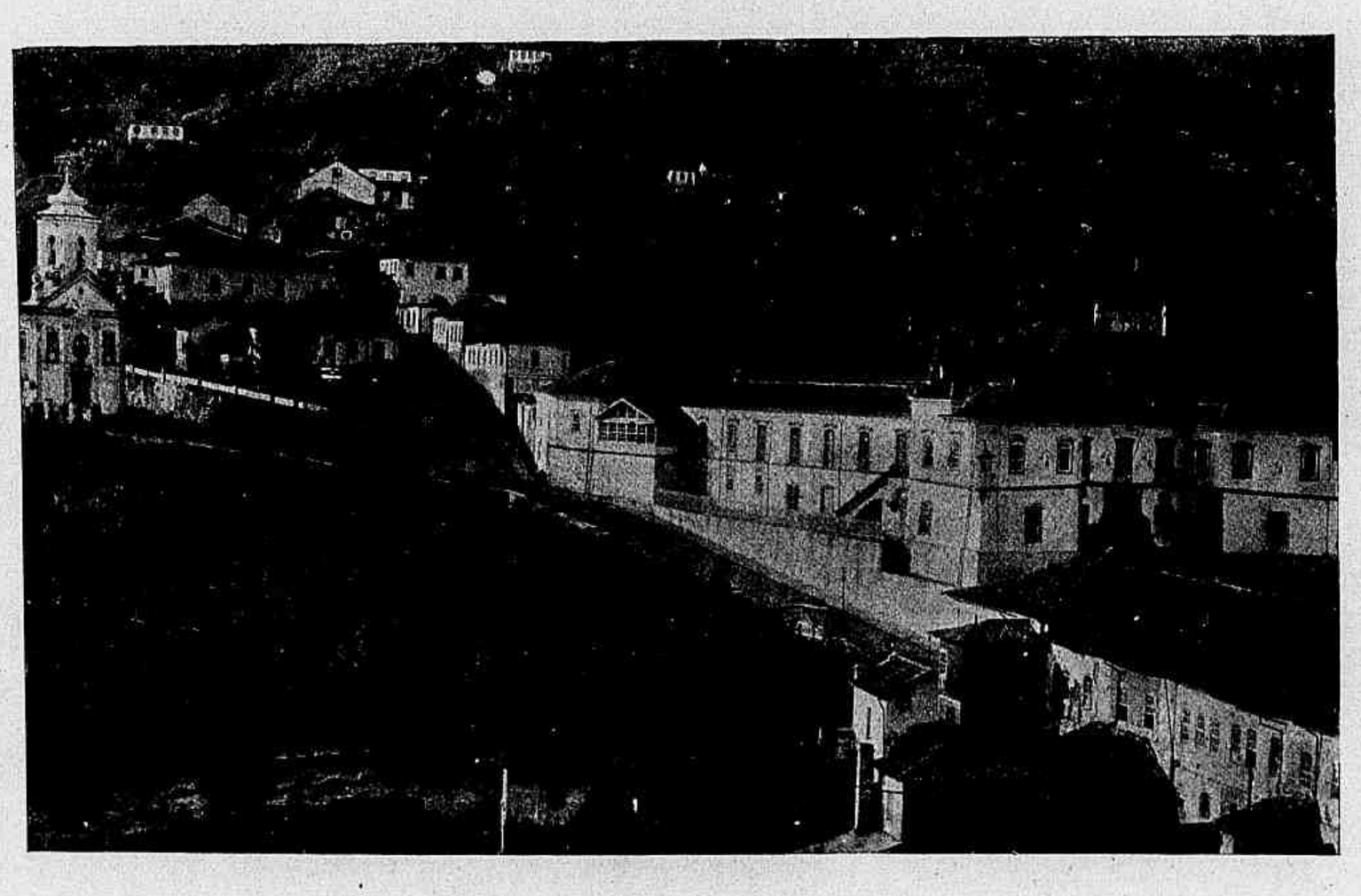
Garrett no seu livro de "Viagens" conta a indignação que o assaltou ao ver a Igreja de Santa Maria de Alcobaça, a real collegiada de Affonso Henriques, um dos mais antigos templos de Portugal, reduzida pelos refazimentos e emplastagens modernisantes a igrejorio insignificante de capuchos.

Se os homens de gosto do governo de Minas não tomarem providencias de defesa, os velhos templos contemporaneos da epopéa das bandeiras acabarão em igrejorios sem grandeza. Elles já se acham bem despojados pela cupidez ignorante das irmandades.

A igreja do Rosario

OURO PRETO

Fachada principal e oitão do
Palacio do Governador



Ciume feminino

Por

Chrysanthème

Logo que esse empeçonhado sentir morde o coração da mulher enamorada, uma verdadeira e perigosa crise passional se declara.

E uma invencivel ansia de matar ou de morrer febricita essas almas frageis, impulsivas e sem real "controle" sobre as acções. Máo grado a civilisação attingida por nós, povo ardente, de espirito e corpo queimados pelo sol dos tropicos, em plena perturbação dos sentidos pelo aroma doce das flores, e o seivoso da terra, o amor exerce ainda grandes devastações aqui, no seio das damas que se deixam dominar por elle e pelo ciume, morbida palpitação filha da outra, ambas nocivas, anniquiladoras e, muitas vezes, ultimas de um sêr, que assim inicia a sua desorientação e a sua quéda final no abysmo dos mysterios.

Ao começar dessa primavera, sublinhada pelo apparecimento dos crysanthemos, frisados, semelhantes a cabecinhas de mulheres penteadas "à l'homme" e das acacias amarellas, salpicando o sólo das suas moedas de ouro, que são as petalas tombadas dos seus galhos, ouvi as queixas de uma senhora em pleno desequilibrio, causado este pelo ciume em alto gráo e cujo diapasão foi augmentando á medida que as suas duvidas sobre a fidelidade do amado diminuiam.

Essa victima do mesmo padecimento que Shakspeare tão bem descreveu em Othelo, faz, hoje, na cidade dos vencidos, ao calor tepido do seu leito de barro, coberto pelo cortinado de marmore, onde rosas vermelhas, como gottas do seu sangue, tantas vezes coagulado pelo desespero, se agarram com os espinhos dos seus ramos.

Ella partiu, sem deixar uma linha explicativa, um lamento, um appello ao remorso do inconstante. Orgulhosa, forte e muda, ella se foi, depois de um inquerito realizado em segredo, e no qual, como o mais integro dos juizes, julgou a elle, pronunciou a elle, e se condemnou a ella mesma.

A' beira-mar, durante as tristes e frias tardes de inverno, ao som das ondas quebrando-se na areia e cujo ruido intercalado lhe rythmavam as phrases sussurradas monotonamente e referindo-se sempre ao seu soffrer, ella me dizia:

— Sim; tenho delle um ciume atroz e esse mal corróe-me, não só o coração, como tambem sacrifica o meu proprio organismo. Tenho a impressão de que estou envenenada e que, devido a isso, o meu sangue gela e ferve a um só tempo nas minhas veias. Sinto a sua traição no ar que respiro e os beijos, que ellle me sorve, possuem o gosto da morte, um quê de glacial e de mal são, doloroso aos meus labios, insoffrivel á minha carne.

Evoco o passado feliz e o presente parece-me ainda mais sinistro e o futuro, uma época inexistente.

A belleza do céo, a agitação da terra, a magnificencia do oceano, a ventura da humanidade feliz, apresentam-se a meus olhos, como acintes á minha dôr, mofas á minha inquietude, que nada aplaca e de que ninguem cogita, senão para rir-se de ambas, como se a minha continua agonia fosse uma scena de "film" exhibida para gozo dos paladares banaes.

— E elle? indaguei, esmagada pela immensidade de uma amargura, que me parecia muito maior do que aquelle largo horizonte, intensamente sombrio á chegada da noite.

— Elle? e os seus olhos, largos, abertos ao negrume nocturno, encheram-se, de repente, de toda a escuridão avançando no espaço, elle não diz nada e, talvez, nem se aperceba de que todo o seu aspecto revela o seu crime. Nessa nova paixão que o deslumbra, elle não se apercebe da illuminação dos seus olhos, da alegria dos seus modos, do resplendor de toda a sua pessoa. A seu lado, assemelho-me a uma sombra, a um corpo fluidico, a um desses "ectoplasmas," de que falam os espiritualistas.

E, nessas horas de intenso jubilo revelado pelos seus menores gestos, pela mais simples das suas phrases, pelo mais leve dos

seus scismares, eu morro de ciumes, agoniso de angustia, tirito de frio, mesmo se faz calor...

— E calas-te, fria e reservada? perguntei.

— Sim, que adiantaria, recriminando? replicou ella baixinho, como uma vencida no mundo.

— E ainda o amas? insisti, curiosa da resposta.

— Nem sei, murmurou ella, sacudindo as espaduas emmagrecidas e pontudas. Ha momentos em que o odeio e o mataria de bom grado. Ha outros, em que considero uma imbecilidade o meu estertor e o desprezo... Mas, ha dias, em que o ciume, como uma febre, me dilacera as entranhas, me dementa o cerebro e me mostra de uma volupia infinita a idéa do repouso eterno. Ignoro se o amo!

— Estás envelhecendo sob o dominio dessa idéa fixa, disse eu, tentando estimular-lhe a faceirice.

— Que importa? gritou ella quasi movendo a cabeça, onde alguns fios alvos listavam as negras madeixas, em desordem pelas chicotadas do vento marinho. Para se ir á morte, não se precisa de formosura, nem de enfeites.

E um silencio reinou entre nós, silencio pesado, em que ambas nós silenciavamos sob o fardo de pensamentos muito graves para serem enunciados ao ar livre. De repente, uma vitrola entoou um tango argentino. Vi a pobrezinha cahir sobre a areia escura, a essa hora, e soluçar, exclamando surdamente:

— Oh! esses tangos, esses "fox-trots," como elles me horrorisam! Têm sido o constante acompanhamento desse meu terrivel ciume, dessa minha tremenda e iniqua agonia!

Quanto os abomino! Nós seus instantes de prazer junto ao meu soffrer, elle os canta, elle os assovia, elle os relembra. Maldição! Maldição!

Partimos, afinal, ella, acabrunhada e eu vibrante de compaixão. A "vitrola," impiedosa, entoava sempre "Ramona" e as suas phrases de amor intenso cantadas por Pilar d'Arco...

Atrás de nós, o mar deu-me a impressão de um manto funebre invadindo a terra e procurando attrahir-nos. Antes de a deixar, tentei dizer-lhe:

— Tu exaggeras. Olha em torno de ti e verás quantos dramas peores do que o teu.

— Certamente, mas este drama, que me anniquila, é o meu proprio drama! replicou-me ella desafiando os dos outros.

E dias depois, sem grande surpreza, aliás, soube que ella se suicidára...

— E elle? perguntar-me-ão.

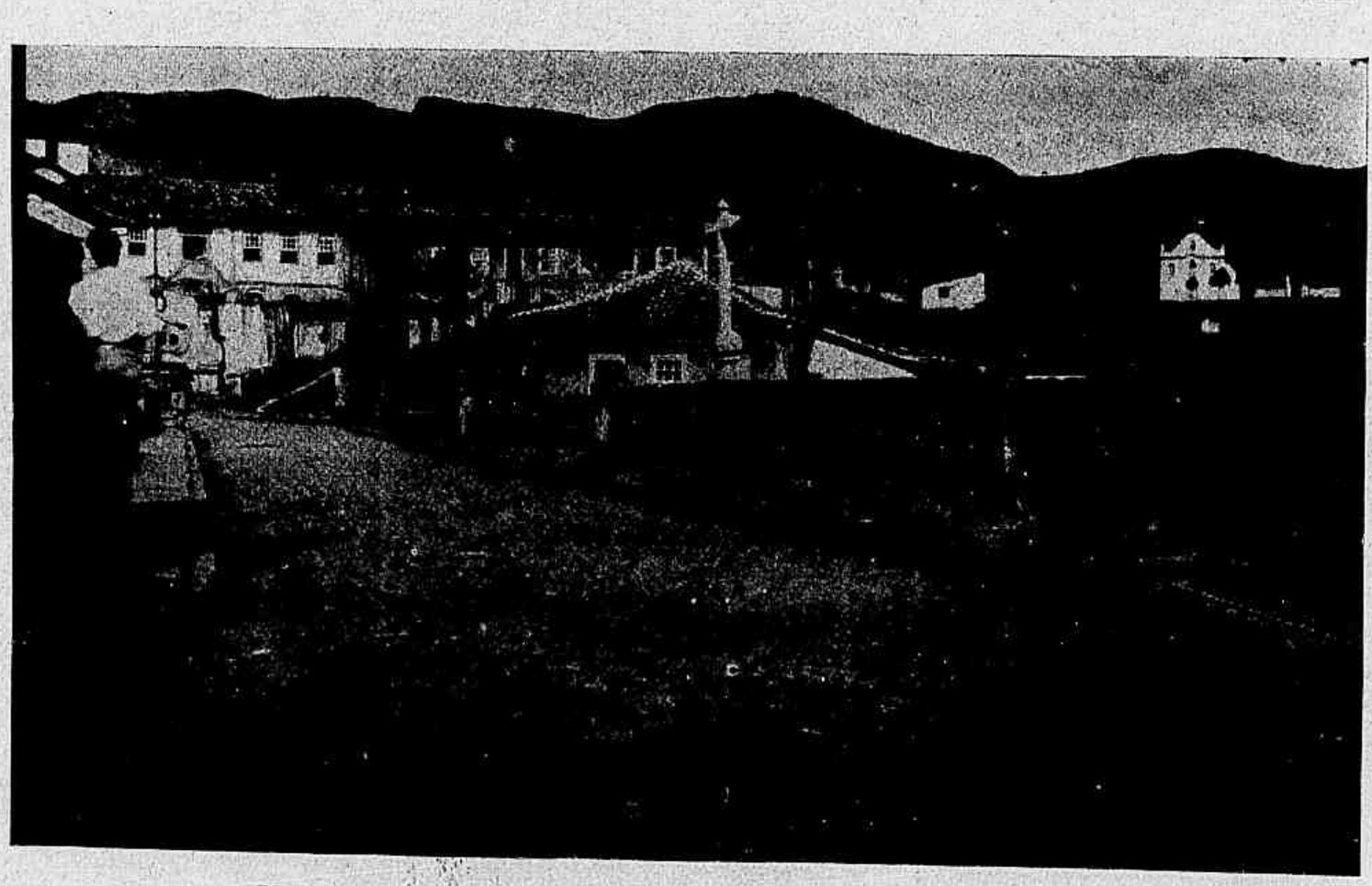
— Casa-se, brevemente, com a cumplice. E tudo estará pelo melhor no melhor dos mundos.

— E a reacção? insistirão alguns curiosos em indagar.

— Essa pertence a Deus! responderei firme e sem hesitação.

A morta está, lá em cima, a narrar o seu ciume ao Juiz Supremo...

CHRYSANTHÈME



Vista parcial de Ouro Preto

O desvirtuamento da paizagem carioca

Por
Angyone Costa

No conjunto de transformações por que passa, actualmente, a nossa capital, ha uma restricção a fazer, em defesa do nosso patrimonio de tradições, do nosso espirito de brasilidade.

E' a parte referente ao excesso de "francezismo", dentro do qual a cidade está sendo remodelada. Si agora a modificação, pelo espirito de novidade, vae agradando a alguns, não tardará que esses mesmos, melhor orientados e com discernimento mais claro, mudem de opinião, infelizmente quando essa attitude já seja tardia para remediar o prejuizo de agora.

Não ha logica ou intelligencia que crie argumentos capazes de justificar o grave erro. O Rio de Janeiro é uma das tres unicas cidades do mundo que reunem elementos naturaes inconfundiveis com os de outros agglomerados humanos, capazes de lhes assegurar uma physionomia propria. Tem a montanha, tem a floresta e tem o mar, reunidos, formando conjunto sem egual. O sol tropical queima-a de coloração violenta, lhe emprestando uma alegria permanente, mesmo nos mezes que o calendario affirma existir o inverno. E' a cidade da luz offuscante, dos céos de azul purissimo, dos poentes de cambiantes espectaculosas, das manhãs douradas por um sol que, já ao se levantar, deixa os véos da noite irradiando calôr.

Perfeitamente tropical, na natureza e nos elementos que os homens compuzeram para vestil-a, nos seus quatro seculos de existencia, o Rio não deve despir os seus aspectos proprios para se trajar á maneira de Paris. Não se argumente com o facto de Buenos Aires, maior centro sul-americano, ser uma cidade franceza. Buenos Aires não tem physionomia propria, deve se enfeitar com a que melhor se approxime do modelo que a natureza lhe concedeu.

E justamente Paris, das grandes cidades padrões, é a que tem topographia mais semelhante á sua. Comparando-se, é uma planicie por outra planicie, sem as collinas que tanta graça emprestam á capital franceza. Applicar-lhe, pois, um figurino pareceu sempre tarefa muito facil aos urbanistas, pois qualquer bom traçado de cidade ficaria a calhar ao seu perfil chato e plano. Não é este entretanto, nem póde ser, o caso da cidade do Rio de Janeiro.

E dahi a necessidade de se provocar a reacção, emquanto é tempo da Prefeitura recuar.

O Sr. Antonio Prado Junior está administrando com uma evidente vontade de acertar. O seu trabalho é de grande finalidade no aformoseamento do Rio e colloca o seu nome entre os maiores prefeitos. Elle ficará na mesma linha de Passos, de Frontin, de Carlos Sampaio, sendo que se exteriorisa melhor administrador quando analysamos, nos detalhes, o phenomeno complexo da administração. Numa palavra, o Sr. Antonio Prado Junior tem a efficiencia daquelles nomes illustres da cidade, alliando detalhes de commando que só ao primeiro não escapou. E' o homem que, antes de se lançar ás obras vultosas de remodelação da cidade, corrige os pequenos senões internos da Prefeitura, sem o que o seu trabalho seria nullo e resultaria em vão.

Por tudo isso, vale declarar que não condemnamos o plano Agache. Pelo contrario. Devemos planejar de conjunto a remodelação do Rio, conservando-lhe, porém, a feição propria. Reformemos a cidade em todos aquelles pontos que não collidem com as exigencias modernas do urbanismo. Mas poupemos o que fôr particularmente nosso. No seu conjunto ha detalhes que nos interessam de modo directo e só por nós podem ser defendidos. Devemos respeital-os, e defendel-os com ardor, mas está se fazendo justamente o contrario deste ponto de vista.

A começar pelos nossos jardins, o caracter do Rio soffre, neste momento, radical transformação. Em rigor os nossos jardins não obedecem á perfeição das linhas geometricas, que enchem de tanta graça os jardins ideados por Le Nôtre, para os parques de Versailles. Tambem não se apresentam com a physionomia propria dos jardins inglezes, enriquecidos pelas lindas "pelouses" que emprestam um encanto especial aos parque londrinos. Mas é innegavel que elles até ha pouco tinham um caracter perfeitamente tropical, typicamente brasileiro.

Traçados os dois mais antigos e que, até certo ponto, serviram de modelo aos demais, o Passeio Publico e o Campo de Sant-Anna, pelo naturalista Glaziou, tambem entendido em architectura paizagista, obedeceram em seu risco á preoccupação intelligente de synthetizar, na capacidade de uma praça, as singularidades da nossa natureza. Dahi o traçado especial que tinha o Passeio Publico, os seus grupos de formosas arvores florestaes, os seus lagos ondulados e cheios de ilhas verdes, onde florescem palmeiras, os tufos de hera e de matto baixo em que se harmonizavam pequenos bosques, lembrando a matta rala que acompanha o littoral antes deste alcançar a matta invia do sertão brasileiro. E, assim, o que se observava no antigo Passeio Publico, hoje inteiramente remodelado e sem caracter, porque, como está, representa nada, no ponto de vista do estudo dos jardins applicados á paizagem, é o que occorre, tambem, com o Campo de Sant'-Anna, e o que vae acontecer, brevemente, á Quinta da Bôa Vista. Dos jardins do littoral, estamos vendo a mutilação dos seus lindos desenhos, que empres-

(Termina no fim da revista)

O POETA DA QUINTA IMPERIAL

POR

SEBASTIÃO FERNANDES.

O regimen que findou no Brasil em 15 de Novembro de 1889 manteve no seu bojo muito mais figuras que as indicadas como principaes, as que só passaram pela Cadeia Velha ou pelo solar dos Condes dos Arcos. D. Pedro II, a quem entre mil qualidades não faltou a de intellectual, destaque-se tambem outra qualidade rara — a de amigo de intellectuaes. Amigo ahi é quasi pleonasmo, por desnecessario, pois se existe homem que sempre foi amigo até de inimigos foi — D. Pedro II.

O tempo corre, a foice da morte sega os trigaes da vida e a figura de D. Pedro II pouco a pouco se eleva na biographia dos que descem para o tumulo.

Em pleno Agosto de 1926, falleceu Mucio Scevola Lopes Teixeira, ou melhor Mucio Teixeira, depois duma trajectoria incerta de sessenta e oito annos sobre a terra, nos mostra — lembrança doce e grata — aquelle que nos foi, o ultimo dos Imperadores.

Mucio Teixeira, acolhido na Quinta da Bôa Vista, cercado do bem-estar como se tivesse nas veias o sangue dos Bourbons, fruiu posição despreoccupada e invejavel. Não errou D. Pedro II, máo grado Imperador de povo tão ingrato, acolhendo em palacio um emulo do mesmo ideal — um poeta! Por isso é que D. Pedro soffria os ataques injustos dalguns dos seus protegidos e traidores... Não podiam comprehender, talvez, que o primeiro estadista dum povo, um Imperador, fosse tão magnanimo, tão poeta. Procuravam encontrar defeitos onde elle tinha qualidades...

Mucio dentro de sua bohemia sentia-se bem ao bafejo das graças imperiaes. Quando appareceu em 1873, ao lado de Luiz Delfino, Carlos Ferreira, Luiz Guimarães Junior, Mello Moraes Filho, Fontoura Xavier, Theophilo Dias e Machado de Assis, reflectiam seus trabalhos os primeiros lampejos de parnasianos e os arrojos dum discipulo de Castro Alves.

Grande talento, produziu sempre e produziu muito. Agrippino Grieco accentúa que, o que prejudicou Mucio Teixeira foi "sua versatilidade, a sua dispersão em varios sentidos, a sua ansia de tocar uma lyra de vinte e tantas cordas, de fazer parte de todas as escolas, querendo ou apparentando ser successivamente romantico, lyrico, realista, parnasiano, symbolista, épico, satyro, erotico, humorista, satanista, além de scientista, historiador de D. Pedro II, critico de Castro Alves, dramatico, comediographo, sem esquecer seus estudos sobre o meio, raça, o momento "folk-lore" gaúcho, o que tudo faz delle o mais polygrapho dos nossos polygraphos..." Em parte vae ahi um grande elogio. Se em vez de prejudicar, dispersivo como foi, cada uma de suas tendencias, elegesse uma para exploral-a com o vigor que lhe era peculiar, por certo seria mais victorioso, comtudo, mostrou a irradiação dum cerebro privilegiado. O diamante tem jaça, mas nem por isso as suas facetas deixam de irradiar as cambiantes de luz.

Passou por varias gerações e nenhuma o absorveu. Venceu em todas, patenteando espirito forte mas indisciplinado. E se não teve sempre seu nome lembrado com os de 1873 foi por ter sido sempre um incorrigivel bohemio...

Alguem já annotou que o autor de "Flores do Pampa," possuia os cantos de Heine e um pouco do verbalismo de Junqueira: o romantico de aventuras amorosas resumia os typos estranhos de Byron-Esponseta e Musset. Agrippino accrescenta que o poeta de "Campo Santo" — "parece mesmo um figurante retardado da bohemia galante do reinado de Luiz Philippe, do tempo das estroinices de Avers, das mystificações de lord Seymour, da clientela de leões e leôas do café Tortoni, das chronicas escandalosas dos bastidores da Opera, das vespas de Alphonso Karr, das mascaras que Gavarni immortalizou, das polkas da rainha Pomaré e dos arabescos vocaes de Grisi..." Talvez por lhe ter povoado a mente de romantico tanta cousa bella que sua mocidade amou esbanjando...

Ainda quando terminava o romantismo e surgia o parnasianismo triumphou ao lado de Bilac, Raymundo e Guimarães Passos. Diz-nos Humberto de Campos, que nos salões brasileiros entre "Ouvir estrellas," "As pombas" e "Teu lenço" não se deixava de ouvir com alma recitadas por bocca apaixonada, aquellas decimas que começam assim:

"Amar aos vinte e dois annos
E ser poeta, mulher..."

Era o seu esplendor na época em que uma das mais lindas gerações literarias do Brasil floriu.

Protegido do Imperador, foi nomeado Consul Geral do Brasil na Venezuela onde conquistou grande amisade entre intellectuaes sul-americanos, vendo seus trabalhos traduzidos para o hespanhol, mas foi esquecido na sua terra. Ao cahir o Imperio, não vacillou deixar o cargo embora soubesse que seria desamparado, para não servir a um governo que não era decididamente o que fôra prestigiar no estrangeiro. Está ahi, caso raro, que talvez passou despercebido e que por isso mesmo tem o seu digno registro.

Mas a sua notoriedade não veio só de ser poeta e bom poeta. O titulo de Barão de Ergonte relembra muito. Muito do propheta á sombra das sete palmeiras do Mangue. E existe muito de analogia entre o verdadeiro poeta de alma bohemia e mais tarde esse mesmo poeta nephelibata a procurar o destino nas estrellas... Do exotico astrologo a popularidade viveu muito tempo na bocca de certa camada social. As revistas traziam sempre seu retrato entre os sonhadores de futuro risonho... Os "reporters" enchiam seu escriptorio pedindo entrevistas. Raro fim de anno não vinha alguma gazeta annunciando os bons e máos episodios do anno a apparecer. Alguns tinham por aquillo tudo um sorriso ironico. A muitos impunha elle a crença de ser um ente superior a serviço dalgum deus invisivel... Mas aquelles que o observavam sorrindo ironicamente sentiam ás vezes desfazerem-se-lhes as supeitas de encontro á muralha da sua calma, superioridade de espirito, que se impunha sempre com força e clareza nas convicções para mais estontear os observadores que suspeitavam das extravagancias do Barão adivinho...

E era desse entrechoque dos que o acreditavam piamente e dos que apagavam o sorriso ironico para estudar-lhe as prophecias que nascia em toda a popularidade de Ergonte. Esses ironicos julgavam-no mesmo um tarado cuja tara se houvesse revelado com a quéda da monarchia, custava crer numa época de sêde de ouro, fosse elle abandonar um logar lucrativo na diplomacia e ficar ao Deus dará por muito estimar o Imperador. Parecia gesto ou de homem louco ou de quem pensasse demais!... Se quizesse teria sempre mantido sua popularidade literaria como Bilac ou Raymundo Corrêa.

Com certeza não acreditou na immortalidade terrena e essa descrença foi confirmada porque se era lembrado pouco antes da morte, era tão sómente pelas extravagancias do Barão de Ergonte e não pelas qualidades do fino e lyrico poeta da Quinta Imperial.

Mas tudo perdeu... Possuia posição de destaque como Consul, foi poeta laureado do Imperador, quando conferencista era applaudido sempre por enorme auditorio, desfructou nas ultimas gerações do seculo XIX uma popularidade que ao expirar renasceu com a do estranho Barão de Ergonte; depois tudo desappareceu nesses ultimos dez annos de tanta evolução, e no entanto, esse destino ninguem disse melhor do que o poeta de "Cerebro e Coração":

"E assim prosigo, sempre audaz e errante,
Vendo o que mais procuro, mais distante
Sem ter nada — de tudo que já tive..."

Mas era sobretudo um lyrico, um lyrico exuberante, um lyrico original, um lyrico admiravel. Desses lyricos magicos enguirlandados de flores e de guizos sonantes em que não se sabe o que mais apreciar: se o som vibrante dos guizos se o perfume embriagador das flores.

"Sonho dos Sonhos" é bem a lyra do poeta da Quinta Imperial:

"Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distrahido
Por tanto bem — tão mal comprehendido,
Por tanto mal — tão bem recompensado!

(Termina no fim do numero)

SENHOR EMBAIXADOR
ABELARDO ROÇAS

Em Santiago

Discurso proferido pelo Embaixador do Brasil em Santiago, Dr. Abelardo Roças, em nome do Corpo Diplomatico acreditado no Chile, no banquete official da Moneda, por occasião da festa nacional chilena.

Exmº. Senhor Presidente da Republica,

Por enfermidade do Sr. Nuncio Apostolico, que todos lamentamos, cabe-me a insigne honra de agradecer a homenagem expressiva e cordial que, em nome de V. Ex., e em termos tão eloquentes, o Sr. Ministro do Exterior acaba de tributar ao honrado Corpo Diplomatico e aos Governantes e Povos que representamos.

Conta uma lenda bretã que a cidade de Is, submergida no mar, costumava resurgir ás vezes, em certos dias do anno, e os pescadores da Bretanha ouviam então, na rompente das vagas, vindas do fundo do oceano, martellagens de ferreiros, toques de sinos, vozes de marujos.

Como na lenda bretã, nesta data magna de hoje, parece-nos ouvir tambem, evocados pelas recordações da alma chilena, em cujo seio carinhoso vivemos, os gritos guerreiros dos vossos soldados espartanos, as palavras inspiradas dos vossos grandes patriarchas, as vozes confusas e anonymas de todos, emfim, que viveram e morreram para vos dar vida, alma e liberdade.

Ao tributar a homenagem de nosso mais puro incenso aos heroes do passado, queremos ao mesmo tempo manifestar-vos nossa maior admiração e respeito pela obra do presente.

O Chile pode mirar com orgulho o caminho percorrido na trajectoria para seus altos destinos. Apezar de não lhe haver tocado um grande quinhão na partilha das riquezas coloniaes, e a despeito de ser a sua população comparativamente inferior em numero a varias nações americanas, logrou desde logo impor-se, pela sua força material, pela creação de sua grandeza economica e pela nobreza de seus ideaes, como um dos paizes mais respeitados e poderosos deste Continente.

A sua contribuição para o anhelo universal de se encadear á terra o symbolo alado da paz, para me servir da expressão que acabamos de ouvir, tem sido sempre de consideravel relevo nos grandes congressos internacionaes e altamente apreciada por todos os povos; a sua collaboração no ideal de americanismo é uma das mais fecundas deste hemispherio, sendo digna de todo applauso e sympathia a inspiração superior de que está actualmente animado o seu Governo, assim como o do Perú, em restabelecer o imperio da harmonia na America e em cooperar unidos na obra commum da civilisação humana.

No concerto economico, o vosso glorioso paiz, penetrado dos deveres de solidariedade que devem unir todos os povos, vem proporcionando á humanidade os elementos vitaes de que dispõe, ao mesmo tempo que offerecendo uma nobre hospitalidade a todos capitaes e impulsos de trabalho vindos do estrangeiro, os quaes, se estão contribuindo para o processo de vosso engrandecimento, encontram tambem na indole do paiz e na amplitude de vosso acolhimento, generosa compensação e altos estimulos para seus esforços e expectativas.

Exmº. Senhor Presidente: Acompanhamos com a nossa mais alta fé e esperança os anhelos de progresso e de paz de vosso illustre Governo e de vosso nobre povo, e, em nome do honrado Corpo Diplomatico, faço os mais ardentes votos pela felicidade pessoal de V. Ex., pelo exito crescente de vossa fecunda administração, e pela prosperidade e gloria da grande Nação Chilena.

ESTOU OCCUPADO

Por

Cesario Prado

Era um collega singular, o Tranquilino Laboreiro. Lia attentamente (e pouco nos importam agora os seus olhos de myope e o seu bigode de escova), lia attentamente até a hora do café. Então, na breve pausa que se fazia no expediente, quando entrava a bandeja da "preciosa rubiacea", Tranquilino fechava a sua brochura amarellada, punha-se em pé e iniciava aos goles as suas extraordinarias, originaes palestras:

— Você conheceu o fresco de Cimabue, isto é, S. Francisco de Assis, segundo o fresco de Cimabue?

— Verdadeiramente, assim como perguntas, não sei... mas eu creio que já vi alguma photogravura desse celebre fresco da igreja do Santo em Assis mesmo, pois não é?

— Justo. E' isso. Ora dizem que é a melhor esculptura do *Poverello*. Pelo menos, os entendidos em lendas, tradicções e arte franciscanas, affirmam que é a reproducção mais fiel do beatissimo, segundo a descripção biographica de Thomaz de Celano. Mas não é propriamente sobre isso que quero fallar. Tanto na noticia do biographo como nesse fresco, o Santo tinha sempre as mãos abertas, os dedos afastados: são bem as mãos, são os dedos do servo de Dama Pobreza. São mãos que deixam escapar todos os bens terrenos por entre os dedos abertos que nelles nem tocavam talvez... Veja ao contrario as mãos do avarento, sempre em garra ou fechadas para guardar os seus thesouros...

— O' Tranquilino (interrompia-o aqui um collega importuno), você póde me informar qual é o decreto de prescripção?

— Estou occupado, respondia Tranquilino, imperturbavel. E entregando ao servente a chicara vazia, accendia um cigarro e proseguia:

— Eu não sei se Lavater possue algum capitulo sobre as attitudes, no seu celebre tratado physionomico. Si não, é pena. Porque eu penso que para a revelação, para o conhecimento bem fundo das almas, as attitudes do corpo são de tanta importancia como a nossa physionomia. Talvez até sejam de mais valor, mais interessantes talvez pelo que possam revelar ou exprimir num dado momento... As linhas, os traços do nosso rosto, sim, sem duvida, que mundo de revelação, tanto como os olhos — as celebres janellas dalma, com o seu negro profundo, seu azul transparente, o seu verde enigmatico, pequenos ou grandes, fixos ou buliçosos; depois, o feitio, as dimensões do nariz, a linha do mento, os labios que dizem tudo, mesmo quando estão fechados, — tudo isto é certo, meu amigo, póde descobrir-nos as almas, as mais escondidas, as mais mysteriosas... Mas acontece que isso tudo, esses traços, essas linhas, essas côres e dimensões, póde ser méro producto atavico, residuos ancestraes, talvez a essencia mesmo de nossas almas, porém, não são as modificações que soffremos com a educação, a profissão, o meio, tudo o que pode senão transformar ao menos modificar as nossas pobres almas. Ora, para mim, são as attitudes, a postura do nossa cabeça, os nossos gestos, a maneira do nosso andar, as linhas das espaduas, o modo como cumprimentamos, como paramos, nos assentamos ou levantamos, são as nossas attitudes, emfim, principalmente, o espelho fiel da nossa profissão, dos nossos habitos e até dos estados momentaneos da nossa alma, estados de alegria ou magoa, de abatimento ou vigor, e isto, parece-me, é mais interessante de saber-se do que a outra parte, a essencia da alma. Para que conhecermos as almas, si não devemos julgal-as?

— O' Laboreiro, você já averbou aquelle titulo?

— Agora estou occupado, e tirando outra fumaça do cigarro, Laboreiro continuou firme.

— Repare as cabeças dos mysticos, pendidas sempre para a frente ou de lado. Assim S. Luiz de Gonzaga e Santo Affonso de Liguorio. O bello sonho interior enche e inclina as cabeças angelicas. Mas bem differente é a inclinação das cabeças dos grandes trabalhadores intellectuaes. O affluxo constante do sangue nos vasos cerebraes, conserva-lhes pendidas para traz suas orgulhosas cabeças...

— Faz favor, caro collega, aquella tabella do sello...

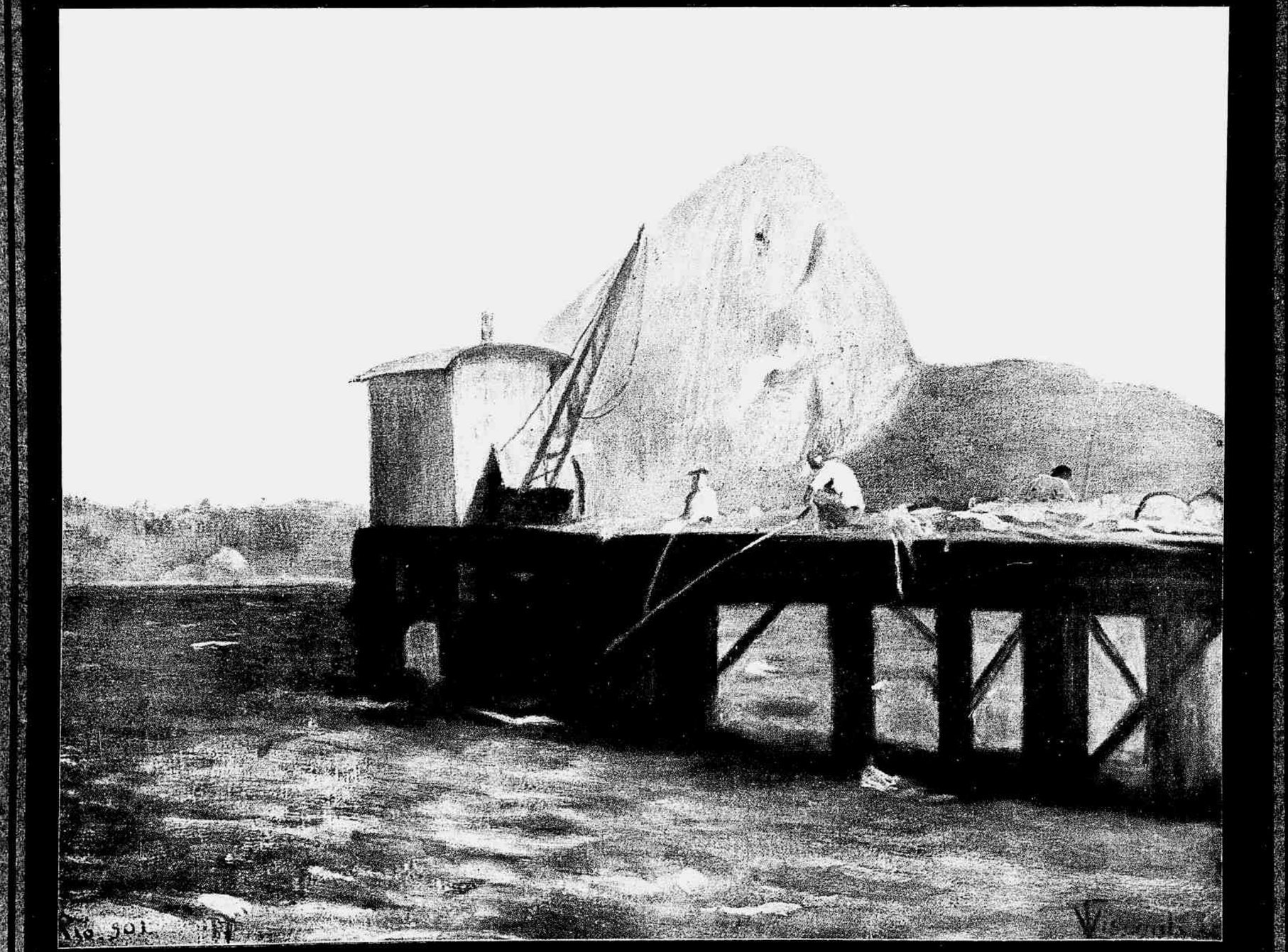
— Estou occupado, replica o Laboreiro, fazendo um gesto de espera ao importuno, espalmando a dextra, e tirando outra baforada, foi adeante:

— Villiers de L'Isle-Adam tinha o hombro humilde dos pobres, conta-nos um critico. Eis ahi uma nota de observação admiravel, talvez exacta, perfeita. Comtudo si ao pezo dos trabalhos, das canceiras, da aspera luta do dia a dia, vergam-se os pobres hombros do pobre, tambem os annos, a vida que a todos vence, o tempo com as decepções que carreia sem dó, acaba por encolher, achatar, humilhar todos os hombros humanos. Inda hontem topei com um ex-condiscipulo retirado ha pouco dos negocios em invejavel posição. Pois meu caro, eu o vi com o hombro humilde dos pobres... Era talvez da dôr, do desconsolo da sua viuvez recente...

— O' Laboreiro, aquella informação que hontem te pedi, pódes dar-ma agora?

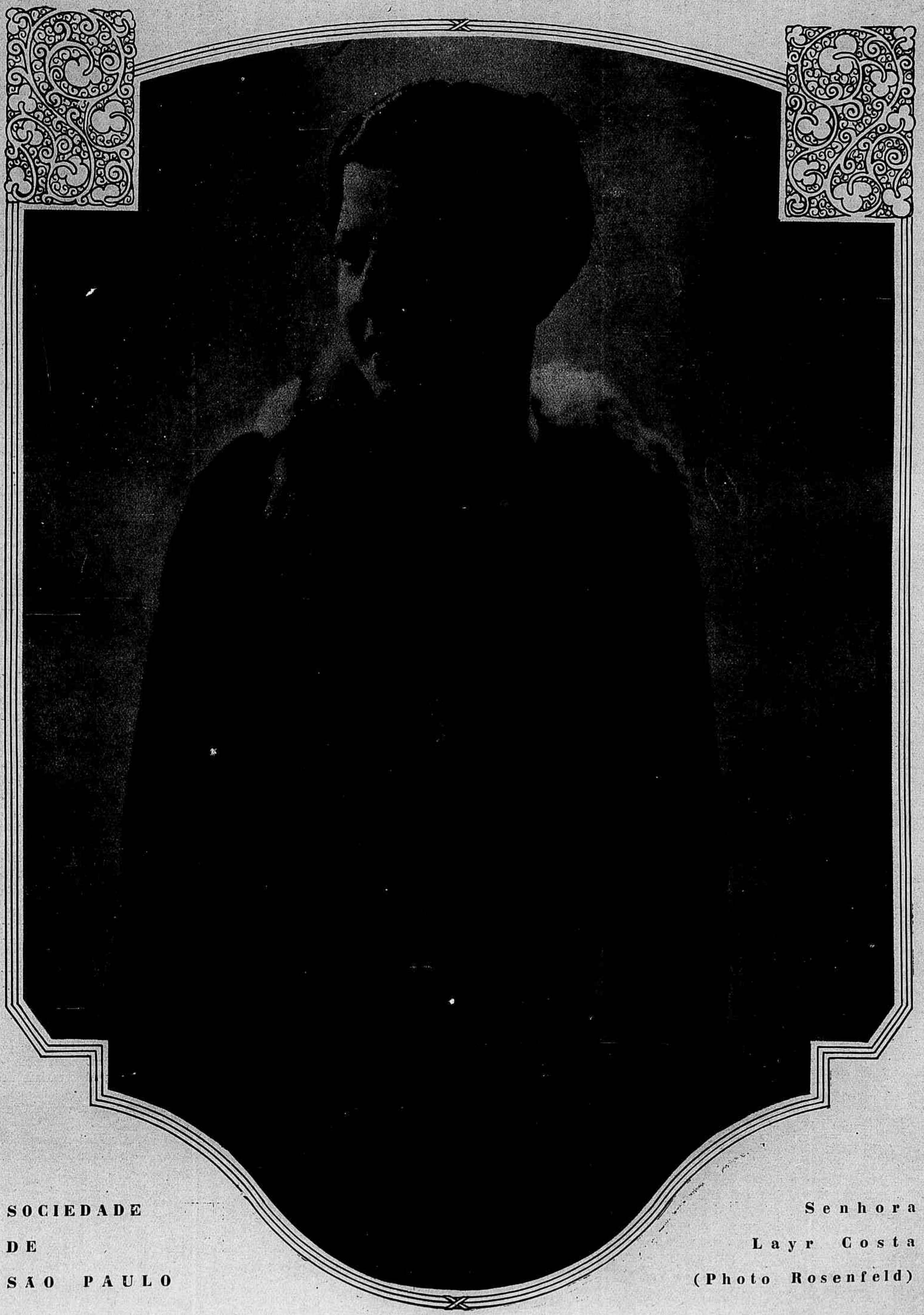
— Agora estou occupado, e chupando de novo o cigarro, proseguiria sem fim si uma occupação não me chamasse fóra da repartição.

Tambem nunca mais lhe ouvi outra palestra, porque o Laboreiro, sempre assim dizendo "estou occupado", foi transferido de secção, visto ter sido promovido por merecimento.



MANCHA

Elyseu Visconti



SOCIEDADE
DE
SAO PAULO

Senhora
Layr Costa
(Photo Rosenfeld)

a rifa

Em meio da palestra, acabara eu de repetir o chavão: — o casamento é uma loteria... quando o moço professor, magro, de bigodes ruivos escorridos, interrompeu:

— Perdão, é uma rifa.

— Uma rifa?

— Sim, uma rifa. E' uma figura mais justa. A rifa é um perigo mais tremendo do que essa innocente e benemerita loteria.

— Benemerita?...

— Pois não. Quando algum amavel cambista me convence da vantagem de cambiar cem tostões objectivos por cem contos subjectivos, resta-me, compensando o desfalque, a faculdade de pôr a trabalhar a imaginação na escolha de um entre os cem mil projectos que accodem á perspectiva da loira fortuna. Fico a sonhar com todas as felicidades e glorias, por muito tempo... Isto é, por todo o tempo que leva o cambista até vir dizer-me, risonho e amavel como sempre:

— "Não foi da outra vez, mas... andou perto. Veja a lista: por dois numeros apenas; dois numeros! O senhor tem sorte. Olhe: cá está um numero que lhe convém... Este é infallivel."

Desfaz-se o primeiro sonho, porém, com outros tostões, uma insignificancia!, adquire-se de novo a grata chimera, com todos os seus encantos. A loteria dá assim aos desherdados, uma amostra de felicidade, que sempre os vae consolando, emquanto não chega o *stock* definitivo.

Mas a rifa é outra historia. Não dá lado de sonhar com cousa alguma. E' a realidade dura em qualquer das duas hypotheses que offerece: ou o *premio* cabe a outro concurrente, o que representa um inutil dispendio para os mais, ou, o que é peor, a sorte é favoravel...

— Ora!...

— Não; não é paradoxo: é rifa. A rifa é assim mesmo, insubmissa á propria logica. Um exemplo para proval-o... Não que eu julgue exemplo synonimo de prova. Absolutamente. Sigo apenas o methodo dos argumentos subtis nos casos transcendentes.

Eis o exemplo:

Era no bairro onde fui mestre-escola, logo após á minha investidura de professor normalista. Ora, segundo uma das muitas leis universaes que o homem desconhece, cabe ao mestre escola de bairro distribuir pela população do mesmo todo o seu magrissimo ordenado, em virtude de ser elle pago numa certa especie monetaria a que o povo chama, com razões muito suas, "dinheiro facil."

Esse tributo é cobrado por mil processos diversos, desde o engommado a 2$000 a camisa, até a subscripção para mandar reformar a padroeira. Entre esses extremos vem o perigo, quero dizer, a rifa.

"Rifa-se" tudo. Hoje é uma egua apparelhada de prata, amanhã um roskof, depois uma suina com a respectiva prole, um grammophone, uma faca, alguns palmos de terra com toda a samambaia, uma novilha pintada, uma canôa, e outros mil "objectos" que são assim vendidos pelo decuplo do valor, numa "acção entre amigos"...

Como ia dizendo, eu era mestre no bairro e cumpria religiosamente a minha missão de esmoler-mór, submettendo-me ovinamente a todas as acções que os meus amigos resolviam agir.

Um bello dia achei-me possuidor de um cãozinho amarello, onde se promettia

UMA RICA SANFONA DE 9 BAIXOS

pela ninharia de dez mil réis que me foram amigavelmente extorquidos.

Sonhei muitas noites com o harmonioso instrumento, antegosando as delicias dos baixos promettidos, com os quaes planeava desfazer uma certa corrente malevola, que na minha terra me qualificava — Melophobo... Pretendia tambem...

No domingo seguinte o rifista, abraçando-me excessivamente, communicava-me a victoria do numero com o qual a Fortuna me tornava possuidor de nove baixos sonoros.

Exultei. Reneguei a religião dos scepticos e pedi enternecido que me deixassem comprimir o doce pulmão da *minha* concertina.

O amigo teve um sorriso cinzento e explicou:

— Ainda não veio do sanfoneiro, onde está a concertar-se; mas o senhor, se tem pressa, pode mandar por ella á cidade...

Sentindo a amargura das alegrias desfeitas, adiei o goso para a semana seguinte e procurei consolo na alegria ruidosa em torno á cerveja que eu "pagara" em regosijo pela minha boa fortuna.

E no outro domingo dirigi-me á cidade com o primeiro trem, em demanda da minha prenda.

Estava perfeitamente concertada a minha concertina, segundo demonstrou o sanfonista, executando uma escala chromatica de uns sons mais roufenhos que os de um piano de hotel.

Não me impressionou muito favoravelmente aquelle chromatismo; porém, chamando á memoria todas as concertinas minhas conhecidas, conjecturei que o mal não era individual, mas especifico. Consolei-me. A vida é assim uma série de consolações cujo ultimo termo...

Mas perdão!... Não é aqui ensejo para philosophias innocuas. Reatemos a historia. Consolei-me, lembrando-me da pouca sorte dos outros amigos que não tiveram siquer uma gaita. Sobracei a harmonica e estendi a dextra sincera ao artista, despedindo-me. Mas, meio enfiado, elle embargou-me o passo:

— Desculpe-me, senhor, mas nao ve que o concerto ainda não foi pago?... o concerto da concertina... Segundo declaram os bilhetes, deve correr por conta do prestamista feliz...

Protestei a minha ignorancia nesse capitulo, alliada á certeza de que o meu cartao amarello nada rezava a respeito.

— Faça o favor de vêr...

Fiz. Saquei do cartão, triumphante, e apresentei-lh'o.

O homem tomou-o, algo admirado, mas logo, sorridente, collocou-m'o debaixo do nariz, apontando para a borda inferior, onde se lia, em miniatura de caracteres, este aviso cheio de honestidade:

(*Esta concertina soffreu um pequeno concerto que será pago pelo seu proprietario no acto da entrega.*)

O proprietario agora era eu... Pedi humildemente perdão da inadvertencia e indaguei da importancia a que montavam os reparos da minha propriedade.

— 25$000.

— Como?

— 25$000... E não é caro, como lhe poderá parecer; o concerto era difficil, constando de uma completa reforma nos folles, afora cinco baixos novos, que não havia, dezesete botões de perola, quinze molas de aço, bandoleira de cadarço, sapatilhas de rolha de cortiça, cantoneiras de metal e outras coisinhas... Não lhe paço mais, porque o senhor, certamente não me quereria pagar por esta mais do que por uma nova; mas fique certo de que faz negocio.

Estive algum tempo entre a agua e o capim, como aquella alimaria de Buridan, a considerar si o prazer da posse não ficaria diminuido com aquelle gasto supplementar; mas a lembrança das outras despezas anteriores com o bilhete, a cerveja, a viagem, me resolveu a ir até o ultimo sacrificio, em prol dos meus gosos musicaes. Paguei.

— Muito obrigado. Não quer mais nada? Olhe, porque não compra um sacco para a concertina? E' muito indispensavel por amor das baratas e traças que em pouco tempo lhe darão cabo do instrumento. Temos ahi superiores, em lona e em couro, com chave, correia e de graça. As baratas são terriveis: róem os folles. E' melhor de couro, que é de muita duração. Muito barato: 30$000.

Por amor á minha concertina, e tambem porque não sei resistir á diplomacia dos commerciantes, adquiri o sacco, depuz nelle o thesouro e ufanamente me dirigi á estação, sob o aspecto de photographo ambulante, que me dava aquelle fardo a tiracollo.

Ia radiante. E a satisfação intima não me deixava perceber os bicos electricos, já brilhantes, apezar de uns restos de crepusculo.

Só na estação avaliei a catastrophe: as transacções com o concertista tinham-se prolongado mais do que me convinha e, áquella hora, o comboio que devia reconduzir-me ao bairro devia resfolegar já muitos kilometros para lá delle. Eu havia perdido o trem.

Conheci assim mais um dissabor dos muitos que affligem os proprietarios e fui esperar o dia seguinte a um hotel.

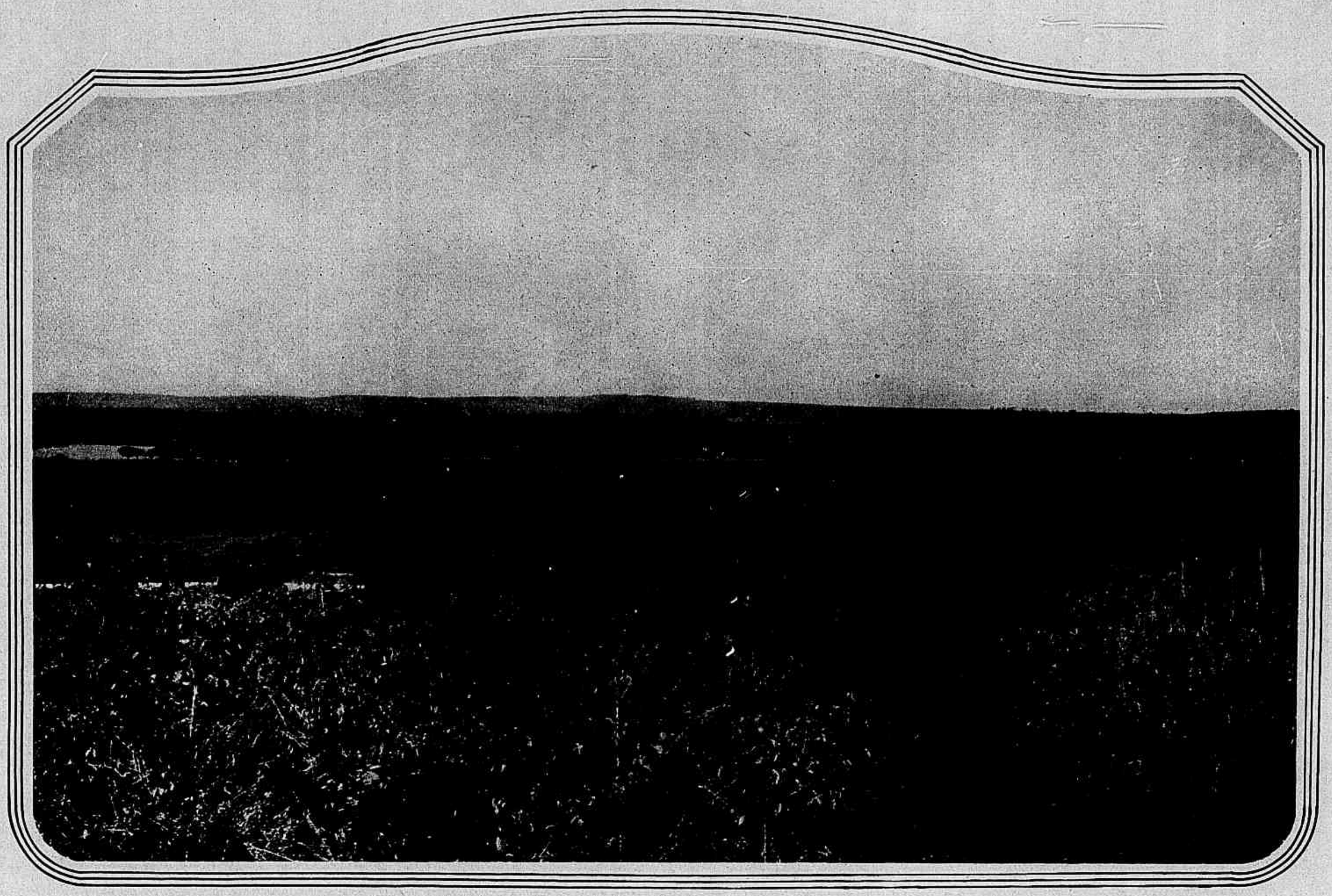
Na segunda feira, cinco quartos de hora antes do comboio, já me achava na estação, por previdencia. Duas horas depois chegava o trem, com um pequeno atrazo e com uma grande satisfação minha. Eu ansiava pelo socego do bairro e por uma partitura. Atirei-me para o vagão, ageitei os pacotes e dispuz-me a ver desfilar a conhecida paizagem.

Nisto uma mão apertou a minha, com superioridade, emquanto uma voz conhecida me dizia estas palavras — o Mane-Tecel-Fares do mestre-escola:

— Olá, Sr. viajante! Anda passeando, pelos modos... Muito prazer pela inesperada companhia! Ia justamente visitar a sua escola. Devem ir muito adiantados os seus trabalhos, para assim dispensar todo um dia logo no principio da semana...

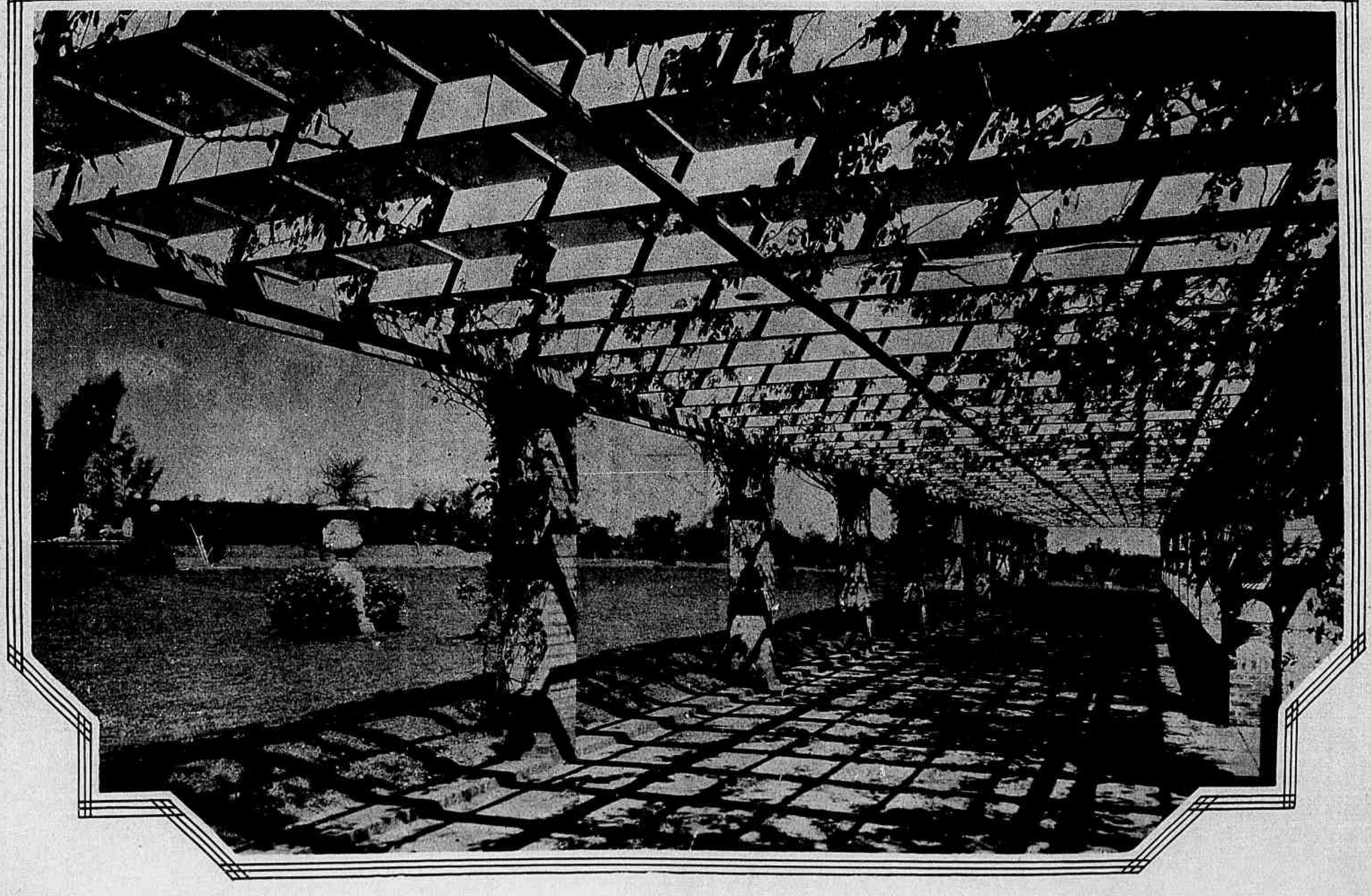
Voltei-me. Era o inspector! Era o diabo! Era peor: era o termo de censura no livro de visitas e a injustificação da falta! Era

(*Termina no fim do numero*)

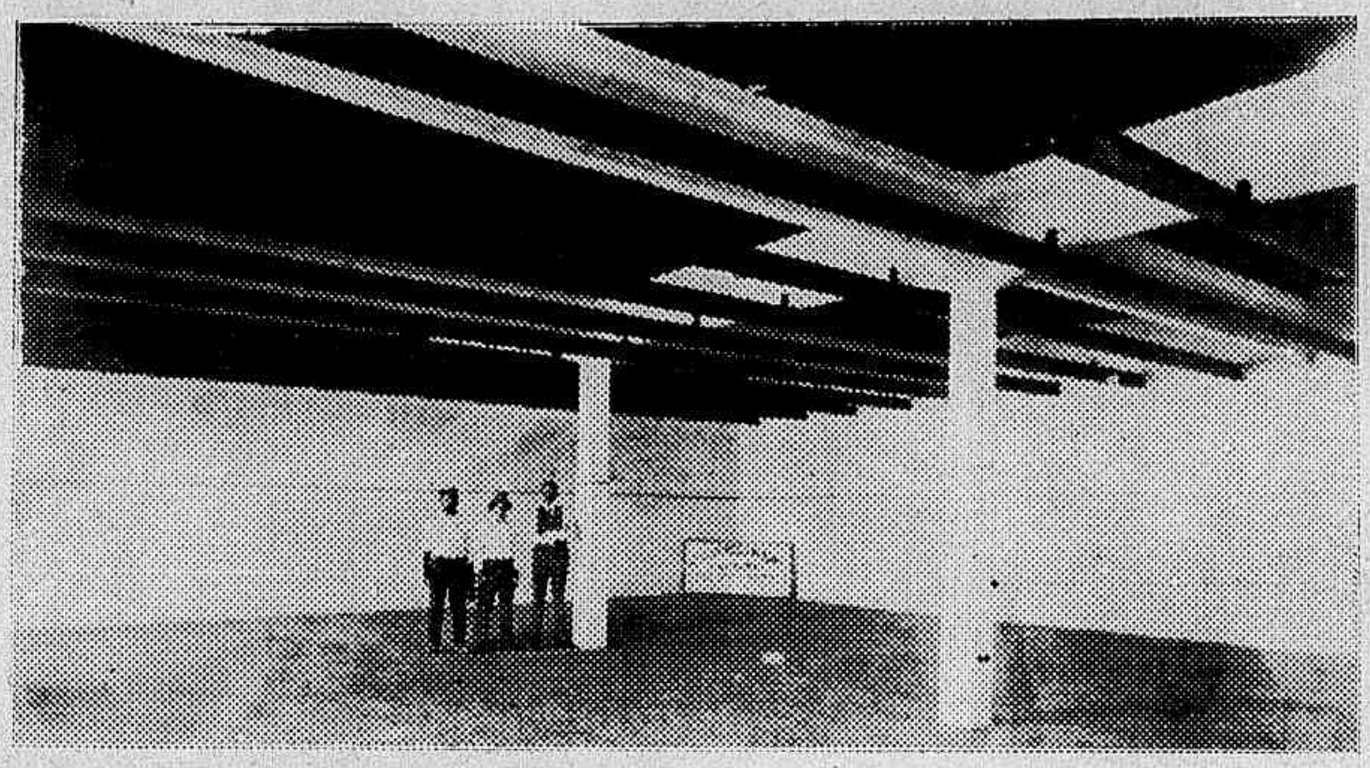


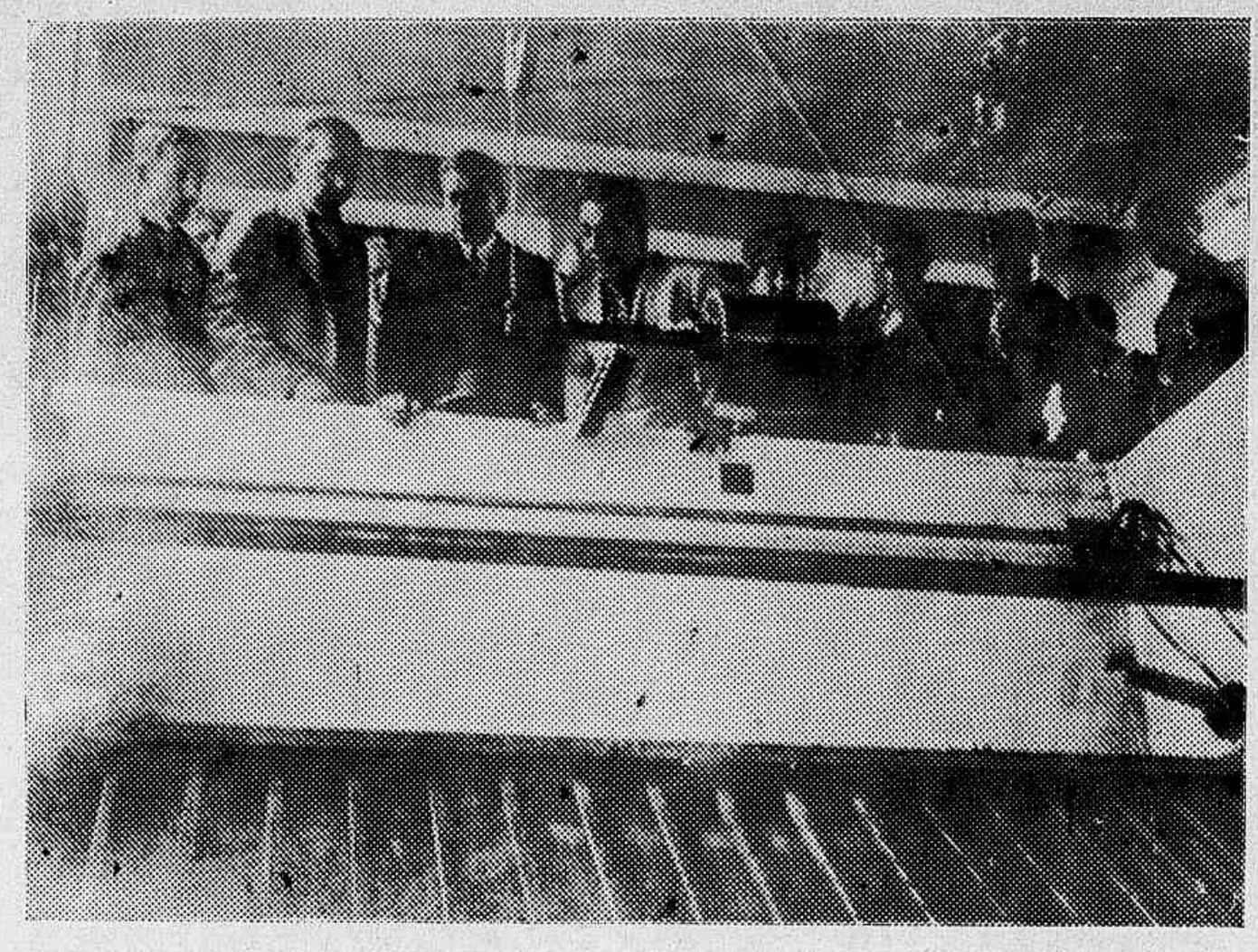
Fazenda Santa Adelaide, Rio Preto

Roseira na Fazenda Itaquerê



Os nossos estabelecimentos & & modelos





Nictheroy acaba de ser dotado com um estabelecimento que honra devéras a sua cultura — o Matadouro Modelo de Maruhy. Sua inauguração ha pouco festejada marcou sem duvida uma das melhores etapas do progresso da vizinha capital, denunciando ainda o esforço que ora ali se faz por collocal-a bem, perante os ultimos e honrosos surtos da actividade nacional. Deve-se este grande melhoramento que tanto vem beneficiar áquelle grande centro urbano, de um lado á intelligencia e á tenacidade admiravel dos industriaes patricios Antonio Porto e Sebastião de Britto, que para tanto não mediram esforços, e, do outro, á vontade innovadora da situação politica dominante no Estado, estimulando com o seu apoio e a sua confiança o capital e o esforço nacionaes. Nas gravuras abaixo vêem-se tres dos seus aspectos interiores, sendo de notar entre elles a grande camara frigorifica que ahi figura ao centro.

MOVIMENTO LITERARIO

(FIM)

Vejamos este rapido dialogo. Fala Bertha:

— "Desculpe-me, se sou indiscreta. Mas o senhor não pensa em casar-se?"

E Duroc:

— "Não sei... Não penso no momento... Seria preciso encontrar uma criatura tão singular, tão superior... Raramente isto acontece e quando a gente encontra — já não é livre..."

Nessas palavras, simples, expontaneas, verdadeiras, encerrou-se toda uma confissão extraordinaria.

Sellaram o destino de Bertha e de Duroc — para os quaes se fechou o mundo de provocações dos gozos ephemeros.

A mais bella conquista — eil-a feita pelo heróe deste livro, ganhando o respeito de si mesmo e prestigiando a força moral de uma união legitima.

Não triumphou a carne; triumphou o espirito, em que pése ás leis freudianas.

E não ha inverosimilhança no desfecho do romance. Desarmou-o o autor, dentro do circulo de coherencia, que traçara em torno do protagonista de "La plus belle conquête."

Apesar desse epilogo, a obra é humana. Ainda ha homens de caracter, refugiados no anonymato de sua elegancia moral, — em que a maioria não attenta, porque os considera anachronicos, atrazados...

* * *

M. Jean Guyon-Cesbron é um authentico escriptor que, nesta hora de crise da imaginação, trabalha excellentes romances, ungidos do mais bello idealismo.

A nós do Brasil, que tanto amamos as letras francezas, esse autor vae, por certo, enfeitiçar.

E mais ainda quando souberem todos que M. Jean Guyon-Cesbron tem sua attenção voltada para nós e que o nosso paiz não é simplesmente esse promiscuo "là-bas" das chronicas européas, mas uma formosa terra, onde floresce um luminoso pensamento.

Já em "La plus belle conquête" o autor traz Duroc ao Rio e com elle contempla as nossas famosas bellezas naturaes. Hospeda-se no "Palace-Hotel," almoça no "Jockey-Club."

Foi uma fórma gentil, que o illustre romancista usou para testemunhar-nos a sua sympathia.

Devemos ficar-lhe agradecidos, pois, ainda ha muita gente capaz de pensar que nós comemos nas selvas com os tupiniquins...

POVINA CAVALCANTI

A RIFA

(FIM)

o desconto nos vencimentos. Era mais accrescimo no preço da concertina...

E o moço professor, de bigodes ruivos escorridos, tirava e recollocava distrahidamente a alliança, emquanto repetia:

— E': o casamento é uma rifa...

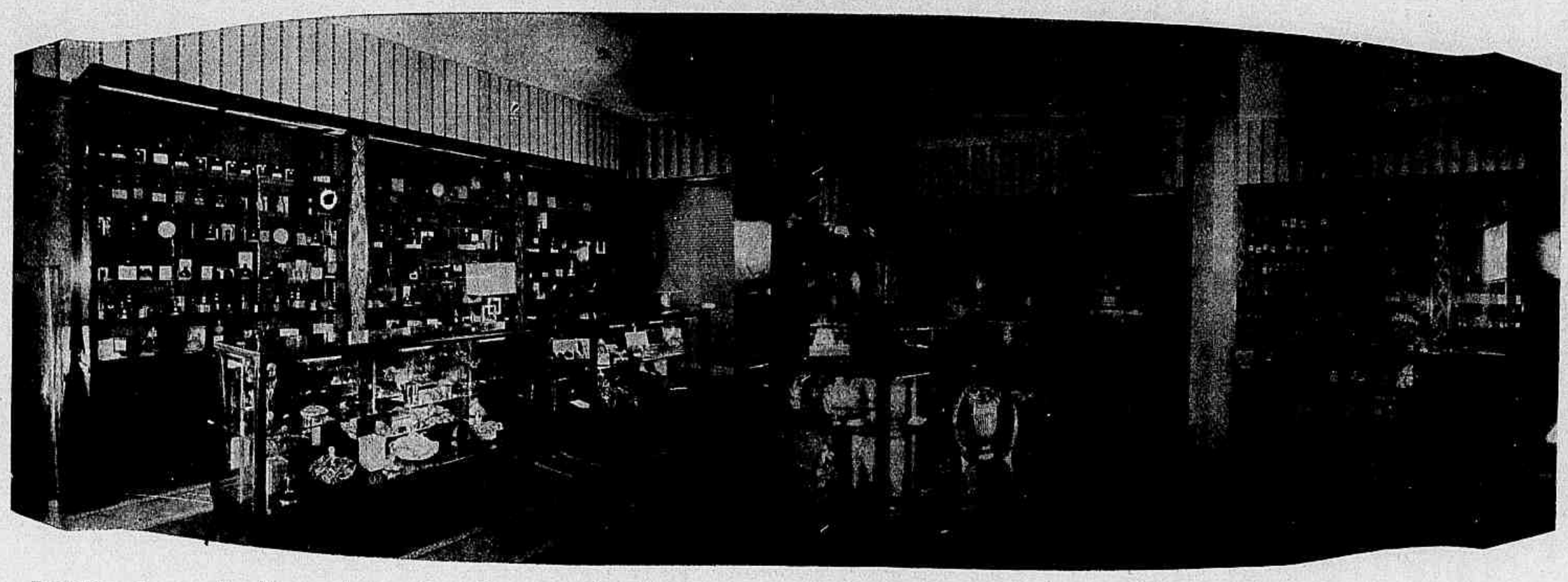
— Rifa de sanfona, accrescentei eu convertido.

LÉO VAZ.

SETEMBRO
1 9 2 8

Perfumaria "BAZIN"

AS IMPRESSÕES DE UM JORNALISTA SOBRE AS NOVAS INSTALLAÇÕES DESSE IMPORTANTE ESTABELECIMENTO



Detalhe da secção de vendas, onde o luxo e o bom gosto se dão as mãos.

Outro aspecto interno da luxuosa perfumaria da Avenida Rio Branco, 143.

São de Cavalcanti e Silva, as palavras que a seguir publicamos, sobre a remodelação porque passou a conhecida Perfumaria "Bazin", da firma A. Ribeiro & Cia., desta praça:

"A grande metropole brasileira, justamente considerada uma das mais formosas cidades do mundo, quer pelos encantos de sua natureza incomparavel, quer pelos seus extraordinarios progressos materiaes, quer ainda pelo desenvolvimento de suas forças productivas, é o mais positivo attestado da nossa supremacia industrial, commercial e agricola no conjuncto dos demais povos sul americanos. Cada dia que se passa novas iniciativas são emprehendidas, novas conquistas realizadas, sejam de caracter social, moral e politico, sejam de ordem economica ou financeira. Dilatado como se encontra, principalmente, o campo de seu intercambio commercial com os paizes todos do Velho e Novo continente, o Rio de Janeiro se constituiu, de ha muito, um centro de luxo e operosidade, onde estabelecimentos ha que primam pela excellencia de suas especialidades, podendo, assim, facultar aos seus habitantes e aos forasteiros que nos visitam constantemente, conforto e economia dentro mesmo do explendor de sua opulencia. Foi, pois, sob o dominio dessa impressão, que uma das mais antigas e conceituadas firmas desta praça, — A. Ribeiro & Cia., proprietaria da conhecida PERFUMARIA "BAZIN", deliberou remodelar por completo esse estabelecimento, dotando-o de um apparelhamento condigno ao fim a que se dedica no varejo desse ramo de negocio. A primorosa transformação porque vem de passar a PERFUMARIA "BAZIN", além da preciosa contribuição que trouxe ao encanto da nossa maravilhosa cidade, authentica ainda o quanto póde o esforço da intelligencia applicado ao trabalho honesto no labor incessante de longos annos de actividade".

A primorosa fachada da "Casa Bazin"

Os conceitos de Cavalcanti e Silva não podiam ser mais justos. São, entretanto, os que se esperavam, sabendo que as ricas, luxuosas e artisticas installações da aristocratica perfumaria foram confeccionadas nas officinas de Leandro Martins & Cia., cujo nome é sello da mais alta e indiscutivel recommendação em moveis de qualquer especie.

ARCHIVISTAS DA EMOÇÃO

Por BARROS VIDAL

(FIM)

daquella mulher não lhe era estranha. Já a havia visto alguma vez, não se lembrava bem onde. Tirou a photographia, calmamente, e mergulhava a chapa no banho quando ouviu a creatura bonita, toda dengosa, retorcendo o pescoço, dizer ao cavalheiro que a acompanhava, que era a primeira vez, em toda sua vida, que tirava uma photographia ao lado de um homem!...

Essa phrase foi como um raio cahindo nas trevas da sua imaginação e illuminando as suas recordações: reconhecia-a, sim, perfeitamente, pois oito dias antes ali mesmo ella se photographara, talvez naquella mesma posição, mas com outro homem.

E o cavalheiro, ludibriado, todo ancho, emocionado:

— Acredito, meu bem, eu sou o homem mais feliz do mundo.

O photographo sorriu e achou que era mesmo porque todo homem illudido é um homem feliz!...

* * *

A visão mais tragica que já passou ante os olhos do Haroldo Neves, outro photographo ambulante, ainda hoje lhe vive, impressionante, na imaginação.

Chegara ao Jardim da Gloria e mal ageitava a machina no tripé lhe surgiu, offegante, as mãos dadas, um par de jovens. Tinham nos olhos essa alegria commum aos namorados e, as cabeças unidas, pôsaram, sorrindo. Pediram ao photographo seis provas e emquanto as tirava da chapa ainda molhada ouviu um trecho do dialogo que os dois travaram.

Promptas e pagas as photographias elles se retiraram, deixando, entretanto, no espirito de Haroldo Neves a chaga de uma grande duvida. O que ouvira e o que adivinhara levavam-no a crêr num desvario dos jovens sonhadores porque ella, em phrases cheias de reticencias, dissera ao namorado ser extravagancia se photographarem quando, para elles, a vida não tinha mais encantos... E essa surpreza o estonteou mais ainda, desfazendo-se e enchendo-o da mais profunda magua quando, ao dia seguinte, lendo os jornaes e vendo as photographias que tirara, reconheceu os jovens como os tresloucados que, num grande beijo, se precipitaram lá do alto do Pão de Assucar numa romantica e espectaculosa renuncia...

Lindas unhas só ESMALTE Satan

VINHO
Reconstituinte
Silva Araujo

QUINA·CARNE E LACTO
PHOSPHATO DE CALCIO
GLYCERINADO

SYNTHESE DAS OPINIÕES DE SUMMIDADES MEDICAS:

"De preparados analogos, nenhum, a meu vêr, lhe é superior e poucos o egualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém, o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticuloso cuidado de seu preparo, a par do sabor agradavel ao "paladar de todos os doentes e convalescentes."

Dr. B. da Rocha Faria

"...excellente preparado que se emprega com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados.

Dr. Miguel Couto

"...dou com desembaraço e justiça, o testemunho dos grandes beneficios que me tem proporcionado na clinica..."

Dr. Luiz Barbosa

"...excellente tonico nervino e hematogenico, applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infecciosa.

Dr. A. Austregesilo

...Este preparado é um dos melhores que conheço pela sua efficaz acção tonica.

Dr. Rodrigues Lima

...me tem sido dado constatar em doentes de minha clinica, os beneficos effeitos do Vinho Tonico Reconstituinte Silva Araujo.

Dr. Henrique Roxo

Dentre os productos similares destaca-se o "Vinho Reconstituinte" de Silva Araujo.

Dr. Nascimento Gurgel

...numerosas são as provas que, desde longo tempo hei colhido de sua bemfazeja influencia tonificante sobre o organismo.

Dr. Toledo Dodsworth

Leitura para todos

O melhor magazine mensal. — Arte, Literatura

Um Famoso Astrologo

Faz uma offerta notavel
Dir-lh'a-ha
GRATUITAMENTE

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos? quaes são os seus amigos e os seus inimigos? e muitos outros dados importantes que sómente a Astrologia póde revelar.

NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo cujos estudos astrologicos e conselhos teem suscitado milhares de cartas de agradecimento do mundo inteiro, dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Os seus Conselhos Pessoaes teem o poder de mudar favoravelmente o transcurso de toda a sua vida. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse a RAMAH, folio, 99 BP 44, Rue de Lisbonne, *PARIS*. Com 2 Mil réis para cobrir as despezas do correio, remessa, etc.

O POETA DA QUINTA IMPERIAL

Por SEBASTIÃO FERNANDES

(FIM)

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto — em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!

E assim prosigo, sempre audaz e errante,
Vendo o que mais procuro, mais distante
Sem ter nada — de tudo que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado
Mais julgo a vida — o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!..."

E o laureado poeta do Imperador viu declinar sua popularidade, deixou de existir o elegante do Paço: desappareceu o poeta das "Vozes tremulas" e "Violetas." Depois desappareceu o Barão de Ergonte... Previu este muita cousa, muita mentira, mas não previu que desappareceria tambem o adivinho...

Depois... depois... outra época... outra gente, outras idéas e principalmente outros ideaes, tudo se foi esfumando para só deixar nitido a alguns o lyrico de noites gloriosas, no apogeu duma época que o Brasil não verá mais, e do poeta da Quinta Imperial que não veremos nunca mais...

RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar

Quanta Differença Fazem Uns Poucos Kilos

Tres a Cinco Kilos de bom tecido Muscular Muitas vezes Bastam para que uma Pessoa Fraca e Doentia Fique Sadia e de boa Presença

Ha mezes que falámos nas vantagens para a saude que as pessoas magras e delicadas obteem com o uso das Pastilhas BACALAOL DO DR. RICHARDS; mas nem os milhares de palavras que temos empregado, nem os maravilhosos resultados que foram obtidos pelos proprios pacientes, podem dizer mais do que expressam as duas gravuras feitas pelo nosso artista e que apparecem nesta pagina.

Olhe para a senhorita do lado esquerdo. Está magra, triste e preoccupada. E doentia e murcha como uma rosa ao sol candente. Vê-se que ella precisa das Pastilhas BACALAOL DO DR. RICHARDS. Ora, veja a senhorita do lado direito. Veja a differença que produzem uns poucos kilos! Esta senhorita é bella, robusta e attractiva. Olhe para o pescoço, bem formado e o corpo arredondado. E a unica differença entre as duas é representada por uns poucos kilos de carnes firmes e solidas.

A differença entre boa saude e má saude, a differença entre a melancolia e a alegria e, ás vezes, entre a vida e a morte mesma, são uns poucos kilos, mais ou menos, de carnes firmes e sãs. Deve V. Sa. começar desde hoje a engordar uns poucos kilos. Observará logo a differença. Dormirá melhor, comerá melhor, trabalhará melhor, e se sentirá melhor. Verá desapparecer as suas rugas prematuras; verá melhorar o seu appetite quando começar a tomar as Pastilhas BACALAOL DO DR. RICHARDS.

Para todos... A revista de larga visão social, litteraria e mundana. ¶ Semanario, estampando as ultimas novidades esportivas e do mundo official.

O DESVIRTUAMENTO DA PAIZAGEM CARIOCA

Por ANGYONE COSTA

(FIM)

tavam um caracter tão especial ás nossas avenidas maritimas, agora quasi completamente transformadas em passeios rasos para cavalleiros e pedestres!

E, neste detalhe, não é possivel esculpar a Prefeitura. Os jardins do littoral se destinam ao embellezamento da orla das praias, foram construidos quasi que exclusivamente para o seu objectivo esthetico. Não foram feitos para attrahir as multidões. Estas sempre tiveram largos passeios, para dirigir os seus passos, sem causar damnos á moldura verde da beira-mar. Agora, porém, como acontece no jardim da Gloria, são objectos de mutilação para que o publico possa nelles encontrar espaço para passear. E' um erro. E erro que convém desfazer. Vale lembrar que Glaziou era tambem francez, apenas tocado e dominado pelo esplendor do Brasil. Vindo muito moço para o Rio, sentiu a nossa patria, amou-a, aqui se deixou ficar. Para realizar cousas bellas, não necessitou copiar os jardins classicos, que se aprendem a traçar consultando os compendios ou os simples albuns photographicos. Creou cousa nova. Ambientou a arte do jardim, dentro das exigencias peculiares ao caracter da terra tropical.

Para unhas lindas Esmalte "Gaby"

DEPOIS QUE MYRIAN ENCHEU A NOITE DE ESTRELLAS...

(F I M)

de pensar, de comprehender a vida, de interpretal-a como ella merece ser.

A risada imbecilisa.

E é por isso, certamente, que as sensibilidades mais apuradas amam tanto escutar as queixas orchestraes desses violinos humanos, que são os poetas:

"A ventura que hei buscado
pela vida, sempre em vão,
que vezes não tem passado
á altura da minha mão!"

"Rosa-Maria! Roseira
de ingratidões e carinhos!
Para outros — cheia de rosas...
Para mim — cheia de espinhos..."

"As penas em que hoje estou
disse-as ao Sol — fez-se triste.
Disse-as á Noite — chorou,
Disse-as a ti — e sorriste...

Adelmar Tavares, evidentemente, acha um grande encanto nas lagrimas que chora.

E acha maior encanto, talvez, nas que faz correr pelos olhos dos que lêm os seus versos, causadores de tanto mal, a todos que, como eu, soffrem o martyrologio do lyrismo — essa divina doença da nossa raça.

Sim!

Ninguem póde fugir ao flagello sentimental, nesta maravilhosa patria de sonhadores e poetas, ninguem póde libertar-se dos tentaculos subtis de uma trova, de uma sextilha, de um soneto, de uma melodia, emfim, que nos venha magoar a alma ferida, ancestralmente triste.

E' por isso, no entretanto, pelo que ella tem de amargo e doloroso, que eu gosto da poesia de Adelmar Tavares...

UM MESTRE DE THEATRO

Por FERNANDO NEVES.

(FIM)

vicios. "O theatro foi para Ibsen — diz Georges Leneveu — não um fim, mas um meio; não divirtir, mas moralisar."

O Brasil ainda não possuiu um autor theatral da envergadura de um Ibsen. As nossas duas maiores individualidades theatraes — indiscutivelmente Martins Penna e Arthur Azevedo — preferiram rir do publico e fazel-o rir. O theatro de these, o theatro Ibseniano, não tem guarida aqui e um Renato Vianna que appareça por um daquelles acasos de que o Brasil é tão fertil, nem ao menos tem a felicidade de ser combatido... Só indifferença!

Quando um telegramma procedente de Oslo lembrou-nos o centenario do nascimento do escriptor norueguez, a literatura indigena movimentou-se. Appareceram alguns artigos nos jornaes. Falou, solenne, a Academia Brasileira de Letras e falou, enthusiasta, a joven Academia Pedro II. Mas, ao passo que, em Oslo, representava-se "Um inimigo do povo," ninguem aqui se lembrou de coisa semelhante.

Nem era possivel. Num theatro que, officialmente, tem o nome da maior gloria do palco brasileiro — João Caetano — representava-se uma peça curiosissima porque, apesar de sua banalidade, teve a virtude de, numa terra apathica, provocar a suspensão de um juiz. Em outro theatro que tem o nome da nossa maior gloria musical — Carlos Gomes — representava-se um monumento de espirito, a principiar pelo titulo que, prudentemente, não cito... Os Srs. Leopoldo Fróes e Procopio Ferreira, as duas esplendidas glorias do momento, procuravam adaptar os seus repertorios ao gosto de um publico paradoxalmente tão pouco exigente e tão difficil de contentar...

E assim vae vivendo o Theatro Nacional, que nem o pseudo nú artistico conseguiu salvar... Graças a Deus! Podia ser peor... Como já escreveu o illustre critico Mario Nunes, podiamos estar ainda na edade do circo... Só peço á Providencia que os poderes publicos nunca se lembrem do Theatro Nacional. Porque, do contrario, ao passo que na Noruega era nomeado um autor de peça rejeitada, nesta linda terra onde ha alguns actores doutores e muitos doutores comicos, são capazes de nomear, para dirigil-o, algum gynecologista...

* * *

Trata-se, de resto, de um erro em que todos têm parte da culpa: publico, autores, emprezarios, e contra o qual é inutil clamar. Nada adeantam os que se batem por um theatro no Brasil, como Ibsen nada adeantou com as suas opiniões socialistas. Alcançou a immortalidade, é certo. Mas no terreno pratico, succumbiu.

O homem que pregava o amor livre e combatia o casamento, que era o espantalho da burguezia, passou os ultimos annos de sua vida pacatamente, burguezmente, zelando pela educação de seu filho, cercado pela familia. O mundo continúa a rodar e a sociedade a nutir-se de verdades apodrecidas. O matrimonio é o mesmo mal necessario e a hypocrisia a unica sinceridade que sustenta todas as intituições... Quanto á humanidade, continúa a agitar-se nesse eterno combate de interesses e de instinctos, e a exclamar, como Oswald Alving de "Os Espectros," ao ver o sol que surge sempre no ultimo minuto:

— O sol! O sol! Dá-me um raio de sol!...

A PHYSIONOMIA E A ALMA DAS ARVORES ETC.

(FIM)

ORAÇÃO ÁS ARVORES

Amemos as arvores. Aprendamos a ouvil-as com os poetas, a vêl-as com os pintores, a entendel-as com os philosophos.

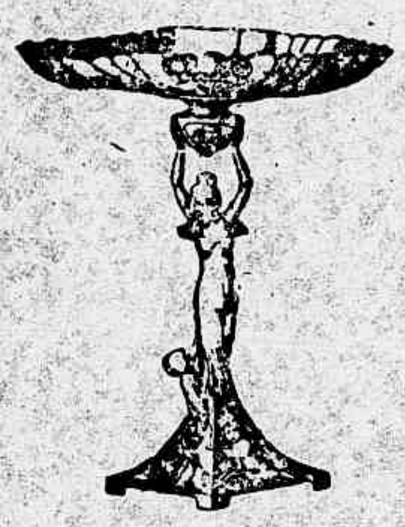
Bebamos inspirações nos seus exemplos de mestras mudas da suprema arte e da sciencia maravilhosa e divina da natureza.

Não esqueçamos nunca que foi de uma arvore que nos veio todo o mal que é todo o bem da vida!

O Odol é,
como é sabido,
a agua dentifricia,
que contraria efficazmente as causas do estrago dos dentes. Quem usa habitualmente o Odol, exerce, segundo os nossos conhecimentos actuaes, o melhor tratamento dos dentes e da bocca que se possa imaginar.

Hygiene da bocca, belleza dos dentes!

BAZAR AMERICA



Finissimos objectos para presentes

Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40

Para todos...

é a revista elegante mais lida em todo o Brasil.

O MALHO

"leader" das revistas politicas nacionaes e a mais antiga dellas, é um semanario feito para o povo e que só do povo depende.

Nenhuma criança no Brasil deve deixar de lêr, todas as quartas-feiras,

O Tico-Tico

DIVERTE, INSTRUE E EDUCA MORALMENTE.

XAROPE DELABARRE

Primeira Dentição

SEM NARCOTICO

Usado em fricções sobre as gengivas,

Facilita a sahida dos Dentes

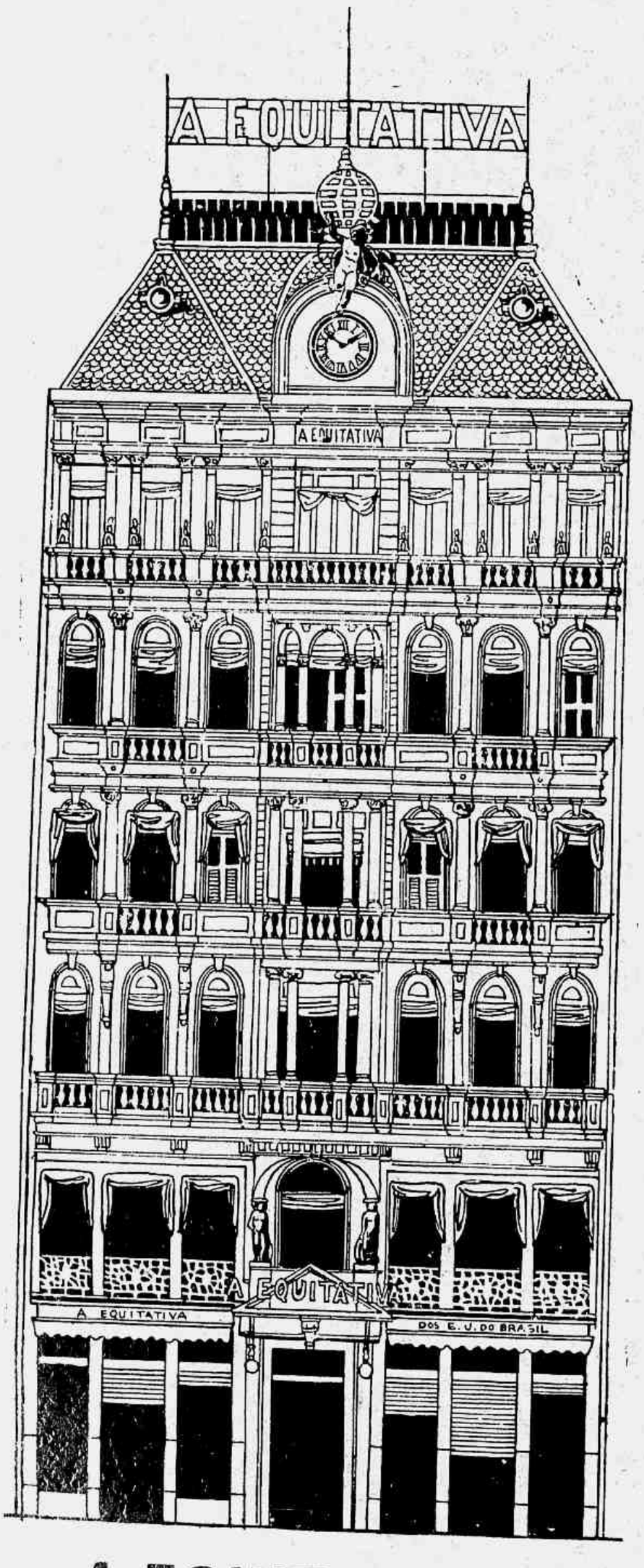
Supprime todos os Accidentes da Primeira Dentição

Exigir o Sello da União dos Fabricantes

ESTABELECIMENTOS FUMOUZE, 78, Fg Saint-Denis - PARIS

e nas principaes pharmacias

SEGURE A VIDA
NA
A EQUITATIVA



O seguro de vida é a tranquillidade presente sobre o bem estar futuro de sua familia.
Não adie um acto que o eleva aos olhos dos seus.

Segurar a vida é dar a mais clara e positiva prova de amor á familia.
A imprevidencia é filha do egoismo.
E' bom pae? Não o digo: prove-o.

A EQUITATIVA

Sociedade de Seguros de vida, fundada em 1896, effectuou até hoje mais de **73 mil contos** de pagamentos por sinistros e em vida dos segurados. Dispõe de um fundo de garantia e reserva superior a **51 mil contos.**

Liquidações rapidas — Sorteios trimestraes em dinheiro

Agencias em todos os Estados do Brasil

Séde: **AVENIDA RIO BRANCO 125** (Edificio proprio)

PEÇA PROSPECTOS